ANO 33.º TERÇA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO DE 1953 N.º 11.107

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

QUATRO GÉMEAS DA COR DO CHOCOLATE — Depois das Canadianas irmãs Dionne, a América tem tentado, algumas vezes, igualar o «record» dos cinco gémeos. A proeza, porém, ainda desta vez não foi repetida, no hospital de Michigan, onde a sr.ª June Trollman acaba de dar á luz três rapazes e uma menina da cor do chocolate, como a mãe. A sr.ª June tem 33 anos e os seus «bébés» prometem fazer pela vida, com a ajuda da técnica americana

O eng.º Cunha Leal replica

á nota do Ministério da Economia

sobre os empreendimentos hidroeléctricos

Do sr. eng. Cunha Leal recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta:

«*Sr. Director*—Enquanto me encontrava na capital do Norte para colaborar numa sessão de propaganda dos pontos de vista dos candidatos oposicionistas sobre os vários e intrincados problemas nacionais, o sr. ministro da Economia, contestava mais uma vez na Imprensa argumentos meus, referentes a este compartimento do Plano de Fomento, e fazia-o com a certeza das grandes convicções. Estas certezas apressadas usam ser tanto mais fundas quanto mais superficiais são os conhecimentos que as determinam. Sou, contudo, forçado a responder-lhe para que Sua Ex.ª não veja menos cortezia no meu silêncio, mas desde já anuncio que ponho ponto nesta questão, não vá ela descambar no «dize tu, direi eu» das senhoras vizinhas.

Não nega Sua Ex.ª que uma discussão técnica desta natureza exija vagares e extensão, que não se coadunam com os apressados debates de uma campanha eleitoral, em que é forçosamente grande o numero dos assuntos versados, não sendo, de resto, a Imprensa, pelas limitações do seu espaço disponível, a tribuna mais própria para o esclarecimento científico destes enredados problemas.

Concordando com isso, o sr. ministro erige, porém, duas ou três afirmações gratuitas, que fez, á categoria de «razões objectivas», que «não foram impugnadas e se mantêm, por isso, na plenitude do seu valor probatório» (sic). A que espelho, de curva superfície, se mirará Sua Ex.ª?

Já me haviam afirmado que, de facto, as

(Continua na 11.ª página)

A Comissão

Promotora do Voto

dirige ao País

o último comunicado

A Comissão Promotora do Voto, da presidência de António Sérgio, envia-nos o seguinte comunicado, com pedido de publicação:

«AO ELEITORADO DO PAIS—Julga esta Comissão chegado o momento de apresentar em publico o seu ultimo comunicado até que se realise o acto eleitoral do dia 8 do corrente, já que as diligências que vinha empreendendo—a mais recente das quais uma nova representação em 23 de Outubro ao chefe do Estado—não proporcionaram qualquer avanço para a solução dos problemas pendentes.

Sabe-se que tais diligências acabaram por concretizar-se sobre três pontos: conhecimento dos cadernos eleitorais, ou processo equivalente, que habilitasse a distribuição eficiente das listas; conhecimento das instruções do Governo destinadas a garantir a anunciada fiscalização nas assembleias de voto por parte dos *agentes dos candidatos;* conhecimento da maneira como se tornaria possivel aos candidatos, quando do apuramento, apelar para as Auditorias Administrativas, concessão igualmente anunciada pelo Governo e que não consta, assim como a anterior, da lei eleitoral vigente.

Nenhuma destas três questões obteve ou deferimento ou esclarecimento satisfatório.

Pelo que pode resumir-se como segue a situação em que ficamos:

1.º—Só a União Nacional, conhecedora dos cadernos por processo que não pode ser o normal, está habilitada á distribuição das listas por todo o eleitorado. Mantém-se o regime de privilégio que desde a primeira hora classificámos de *revoltante*. Como consequência, o grosso do

(Continua na 11.ª página)

O PACTO IMPOSSÍVEL — 2

Várias e ponderosas razões

tornam inviável a ideia

de celebrar um pacto de não agressão

entre o Leste e o Ocidente

PARIS—NOVEMBRO—De todas as formulas aventadas para chegar a um acôrdo com a União Sovietica, a do pacto de não agressão era certamente a que menos correspondia ao objectivo em vista no estado actual das relações entre o Leste e o Ocidente, tendo em conta á tensão que explica a necessidade da celebração de um acôrdo.

Esse pacto é, pelo menos, inadmissivel. Para ter um sentido e haver probailidades de ser aceite pelos dirigentes sovieticos, as suas clausulas deviam garantir as actuais fronteiras ocidentais da União Sovietica, o que equivale a dizer que o pacto tinha de ser concluido sobre a base do «statu quo» territorial que saiu da segunda guerra e do reconhecimento formal dessa situação de facto.

O pacto de Locarno negociado em 1925 assentava no principio de que era necessário garantir as fronteiras estabelecidas pelo tratado de Versalhes, dando á França e á Alemanha a certeza de que não seriam alteradas. O Locarno Oriental, de que falara Churchill, devia igualmente assentar numa garantia identica, relativa desta vez ás fronteiras germano-russas e dando á Russia e á Alemanha a certeza de que o seu traçado não seria modificado pela força.

De outra forma, o pacto não oferecia qualquer interesse para a Russia (e também para a Polónia e para a Checoslováquia, paises ocupados durante a guerra pelos alemães a Leste). Uma nova agressão alemã contra esses paises filiar-se-á fatalmente no desejo que anima os alemães de recuperarem os territórios que perderam em virtude da sua derrota em 1945. O pacto devia cobrir precisamente esses territórios.

O «statu quo» inadmissível

Do ponto de vista americano, um tal pacto é inadmissivel. Nos comentários com que interpretou o seu próprio discurso de 16 de Setembro, o Secretário de Estado, Foster Dulles, teve o cuidado de acentuar que para o seu país se não trata de oferecer qualquer garantia para as actuais fronteiras da U. R. S. S., quando se falava dum pacto de não agressão entre o Leste e o Ocidente. A ideia da celebração desse pacto, acrescentou, não podia, de forma alguma, significar o reconhecimento da subordinação ao Governo de Moscovo.

O contrário seria a negação de toda a política externa americana, sobretudo depois da vitória dos republicanos, em Novembro do ano passado. O programa apresentado aos eleitores pelo presidente Eisenhower é incompativel com uma tal concepção. Depois disso, em Abril dêste ano, já intalado nas suas funções, o presidente definiu, novamente, as linhas gerais da sua orientação apresentando aquela que pode chamar-se, com propriedade, a doutrina Eisenhower.

Nesse discurso, o presidente recusou-se a re-

(Continua na 14.ª página)

Comentários

de dois senadores

à política americana

em relação à Espanha

WASHINGTON, 3 — Dois senadores reagiram violentamente ás declarações feitas em Madrid pelo secretário da Aeronáutica americana, Harold Talbott, anunciando que a aviação americana se preparava para armazenar bombas atómicas em Espanha.

O senador Theodore Groen, democrático, membro da Comissão dos Negócios Estrangeiros, considera aquela declaração «como outro exemplo de funcionários que falam demasiado cedo».

Por sua vez, o senador Ralph Flanders, republicano, pergunta: «Somos contra o Comunismo? Então, Tito, porquê? Somos contra os ditadores? Então, Franco, porquê? Poderemos dizer ainda que somos contra o comunismo e contra os ditadores? Receio que nos estejamos a comprometer».

Como um jornalista lhe perguntasse se aprovava a decisão de armazenar bombas atómicas em Espanha, respondeu: «Não me pergunte isso. Não estou preparado para lhe responder». Acrescentou, porém, que a excepção aberta para a Espanha, «o unico país em que admitimos sem reservas a armazenagem de bombas atómicas», tem de ser bem estudada.—(F. P.).

Nova direcção-geral espanhola para se ocupar dos acordos económicos

MADRID, 2—Um decreto-lei da Presidencia do Conselho, publicado hoje no «Jornal Oficial», cria junto do Sub-secretariado da Economia Externa uma Direcção Geral de Cooperação Económica encarregada de tratar de todos os assuntos que digam respeito á aplicação dos recentes acordos económico concluidos entre Madrid e Washington, assim como á aplicação de «outros acordos de financiamento concluidos pelo Governo espanhol ou que este venha a concluir de futuro».—(F. P.).

*

MADRID, 3—O secretário americano da Aviação, Talbatt, e o chefe do Estado Maior das Forças Aéreas, general Twining, partiram daqui hoje num avião« Constellation» para Tripoli e Turquia. Visitarão novamente Madrid, em 1 de Novembro, antes de regressarem ao seu país.—(F. P.).

O Governo inglês define

a sua política externa

no Discurso da Coroa

que a Rainha leu hoje na Câmara dos Lordes

LONDRES, 3—A rainha Isabel inaugurou hoje com toda a solenidade tradicional a nova sessão do Parlamento britanico.

Acompanhada pelo duque de Edimburgo, a soberana fez o percurso do palácio de Buckingham ao de Westminster no coche irlandês puxado por 4 cavalos baios, escoltado por destacamentos da Guarda e da Real Cavalaria, de grande uniforme.

Grande multidão, agitando bandeirinhas, apinhava-se nos passeios, em todo o percurso do cortejo. Os edificios embandeiraram. Uma hora antes do cortejo partir de Buckingham, isto é, ás 9 e 35, um coche arrancava de ali, levando, sob escolta, para a Camara dos Lordes, a pesada coroa imperial, que conta 2.783 brilhantes, 277 pérolas, 18 safiras, 11 esmeraldas e 5 rubis.

A' chegada da soberana ao recinto do Parlamento, ás 10 e 45, houve salvas de 41 tiros de artilharia, disparados da Torre de Londres e do Parque de St. James.

Ajudada pelo duque de Edimburgo, que vestia o grande uniforme de almirante da esquadra, a rainha, com um

(Continua na 6.ª página)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O momento político

Veria com agrado alargar-se o exercício da crítica dentro dum sistema de responsabilidade

— diz-nos o candidato da U. N. major Paiva Brandão

O sr. major Paiva Brandão é um dos novos candidatos a deputados da lista patrocinada pela União Nacional. Oficial do Estado-Maior, tem vivido afastado da política, dedicando-se apenas, apaixonadamente, aos assuntos militares, que o têm levado a desempenhar os mais altos cargos, no País e no estrangeiro. Nem por isso o seu depoimento, no actual momento político, deixa de ter o maior interesse, pela clareza e desasombro das declarações que nele faz e em que começou por nos dizer:

—As actividades de ordem política não têm encontrado na órbita dos meus cuidados o ambiente característico da profissão que exerço, já que o Exército se tem colocado fora de tais preocupações, numa atitude—deixe-me afirmá-lo—que só serve o seu prestígio. Não serei talvez a pessoa indicada para m pronunciar sobre o actual momento político, até mesmo porque está em causa a minha candidatura para deputado. Reconheço, no entanto, que deste ultimo facto me advieram responsabilidades que não devo nem pretendo iludir; por outro lado, admito que possa oferecer algum interesse o depoimento de quem se apresenta na posição já referida.

—Mas, concretamente, que pensa dos movimentos oposicionistas?

—Tanto quanto me tem sido possível aperceber, julgo que se implantou no terreno português uma coligação de forças heterogéneas, que não logra definir com precisão os seus propósitos construtivos, embora seja mais clara na enunciação de um programa negativo. Mantém á sua retaguarda uma reserva incómoda e recalcitrante, desejosa de impor-lhe objectivos e táctica que acredito não sejam os da sua escolha.

—Fala-se em coligação...

—Desconheço como se organiza a coligação, mas calculo que devem ser difíceis os ajustamentos necessários para se obter uma linha de conduta comum, em especial no tocante á tal reserva já rotulada de «minoria dissidente». Suponho, por outro lado, que o Povo português não poderá deixar de sentir-se confundido, quando, com frequência, lhe sopram aos ouvidos: «o que convém a Portugal é o sistema socialista inglês»; «a Democracia, tal como se aplica na América, fará a felicidade do nosso País»; «Liberdade, Igualdade e Fraternidade engrandeceram a França»; «só o comunismo pode dar satisfação aos anseios do povo e garantir á «democracia» a «liberdade» e a «paz» do Universo».E assim por diante. Alguns perguntarão, desnorteados, mas alimentando esperanças e ilusões: quem dispõe, por fim, da pedra filosofal? Quem tem nas suas mãos a panaceia? Outras vozes, porém, mais realistas e menos alvoroçadas, limitar-se-ão a inquirir: não haverá, então, um regime português para Portugal? Ora, para quem, em plena consciência, queira tomar posição no debate que se abriu, interessaria conhecer claramente os objectivos positivos da coligação e o modo como pensa atingi-los; de contrário, pode ficar no espírito publico. «pelo menos», a impressão de haver grave dificuldade, ou mesmo impossibilidade, em harmonizar posições fundamentalmente divergentes. Quanto ao extremismo de certas críticas formuladas, temos de reconhecer que o nosso Povo possui, em elevado grau, um espontaneo sentimento de justiça. Persistindo a coligação em negar a evidência da obra realizada no ultimo quarto de século, por acção ou impulso do Governo, comprometerá ainda mais a sua posição.

—Não acredita pois, nessa coligação?

—Creio que, não obstante se reconheça que a acção destrutiva é bem mais fácil do que a construtiva, parece ter de assinalar-se, por parte da coligação, uma estratégia imprecisa e mal definida; erros tácticos e psicológicos de vulto; e deficiente utilização do factor tempo na presente conjuntura.

—E quais as consequências?

—No campo das operações, uma estratégia flutuante, os erros de táctica, o desprezo de elementos psicológicos e o mau aproveitamento do tempo não podem conduzir ao sucesso. Não sei se nas batalhas políticas também assim acontece. Mas, cometendo tais faltas, tudo leva a crer que sim.

—E quanto aos opositores da coligação?

—Quanto a esses, julgo que a sua força consiste, básicamente, em disporem de uma doutrina e praticarem uma política adequada ao caso português, cujos frutos se tornaram visíveis na grandeza e projecção da obra já realizada, bem como nas perspectivas dos planeamentos em execução. Estes deverão garantir-nos um surto sensível no campo de fomento e na consequente elevação do nível de vida das populações, com realização mais perfeita da justiça social, uma vez que os benefícios resultantes do progresso económico hão-de tocar a todos e não apenas a alguns. Constitui também factor de fortalecimento a circunstancia de, no lado a que acabo de aludir, a união se fazer no plano do interesse nacional e não sobre uma base partidária.

—Considera o exercício da crítica necessário ao progresso político?

—Considero-o não apenas necessário, como ainda indispensável. Apenas interessa, porém, uma crítica inspirada no desejo de apontar as melhores soluções e os meios idóneos para alcançá-las e, por isso, baseada no estudo sério dos problemas. Prescinde-se, pois, de juízos parciais e levianos com índole meramente destrutiva, e também de oposição sistemática e facciosa a tudo quanto provenha do campo do adversário; desdenha-se a fácil maledicência de café, e bem assim o boato venenoso e irresponsável em que se comprazem os ociosos.

—Acha que, efectivamente, tem sido exercida a crítica no seio do regime?

—Só poderá responder negativamente quem não use acompanhar, ainda que de longe, os factos salientes da nossa vida política. Elementos críticos extremamente valiosos contêm-se nos documentos emanados de entidades responsáveis, em especial nos magistrais discursos do sr. presidente do Conselho, onde sempre encontramos, ao lado da definição da linha de rumo, a indicação clara e incisiva dos erros e desvios que se faz mister corrigir. Na Assembleia Nacional são igualmente frequentes, tanto a propósito da discussão de projectos e pro-

(Continua na 15.ª página)

Não se devia desprezar a oportunidade de uma campanha política apesar das suas enormes dificuldades

— diz-nos o candidato oposicionista dr. Adão e Silva

Candidato na lista de Lisboa apresentada pela Oposição, o sr. dr. Adão e Silva exerce há vinte anos a advocacia em Lisboa, tendo pertencido ao conselho distrital de Lisboa da respectiva Ordem profissional. Presentemente, é um dos dirigentes da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, secção da Federação Internacional dos Direitos do Homem, organismo não governamental das Nações Unidas.

—Resolveu considerar-se possível o seu ingresso na Assembleia Nacional através da vitória da lista oposicionista?

—Já tanto numa entrevista que, há dias, dei ao jornal «Republica»», como na minha intervenção na sessão no Centro Dr. António José de Almeida, procurei deixar bem claro o meu pensamento. Entendi, francamente, que não se devia desprezar a oportunidade de mais uma campanha política e isso não obstante as enormes dificuldades com que ,antecipadamente, sabia que contariamos e a exiguidade dos nossos meios por falta de existência legal das organizações partidárias. Na verdade, bem sabemos que, passados estes curtos periodos de liberdades condicionadas, autênticas liberdades vigiadas, o País volta a viver sob o domínio de uma ditadura de facto, comandada por um chefe de formação anti-democrática que se apoia nos institutos da censura, da policia politica, da clientela politico-corporativa e das fileiras nada esperançosas da Legião. Sou, na verdade, dos que pensam que, mesmo sem as fundamentais garantias de seriedade e de liberdade nas eleições, aos elementos mais representativos da Oposição cumpre o dever democrático de contribuir para arrancar o povo ao estado de letargia e de medo em que vive desde há mais de um quarto de século, libertando-os da pressão dos que, dizendo-se nacionalistas e cristãos, sistemáticamente praticam uma obra, á vista de todos nós, de contradição com os principios que Cristo prégou na terra. Pois não foi o próprio Papa Pio XII quem, ainda há pouco, num Congresso Católico em Roma, em que também os católicos portugueses estiveram representados, condenou francamente os sistemas destruidores da opinião publica e da própria consciência nacional?

E o dr. Adão e Silva reproduz-nos essas palavras:

«Onde não aparecer nenhuma manifestação da opinião publica; onde, sobretudo, houvesse que registar a sua real inexistência, fosse qual fosse a razão a explicar esta ou o seu mutismo, aí se deveria ver um vicio, uma doença, uma irregularidade da vida social. Afogar a voz dos cidadãos, reduzi-los a um silêncio forçado, é, aos olhos de todos os cristãos, um atentado contra o direito natural do homem, uma violação da ordem do Mundo, tal como Deus a estabeeleceu».

—Mas não lhe parece que, com a exiguidade de meios que aponta e em condições tão desiguais, a campanha eleitoral resultará improficua?

—Não. Tenho, bem ao contrário, a certeza de que a campanha politica, o tal tão detestável episódio eleitoral», é absolutamente util para que se possa, á luz do dia, contactar com o povo, levantando-lhe o moral e esclarecendo-o acerca de erros ou abusos. Por outro lado, só assim é possivel forçar os homens mais esponsáveis da Situação a virem á liça desmascarar-se, quer confessando erros e culpas, quer persistindo na doentia ideia de que, para a Nação, só os actos deles, sob a responsabilidade de Salazar, seu chefe, importam, sem prestação de contas, sem discussão e sem controle do povo que dirigem, quer alardeando que não largam o poder nem «com votos, nem com tiros».

—Entretanto, a dolorosa verdade é que continuamos, até um dia, nesta Pátria que é de todos nós mas onde só uma escassa minoria aufere direitos de cidadania, a viver numa permanente atmosfera de opressão, medo e apatia, governados em puro sistema ditatorial, de que, na Europa, já outros povos, há muito, se libertaram. Dificilmente ,na verdade, se poderá negar que os «camisas-verdes» da Legião, sucessores directos daqueals mesmas ideias do poder absoluto e reaccionário que nortearam as legiões fascistas, os «camisas-negras» de 1919 e os «sans culottes» de 93, odeiam a democracia em todo o seu nobre conteudo de representação popular! Raul Proença, o incansável apóstolo da Democracia, condenou-os irremediávelmente. E quem se atreverá a negar que a policia politica tem lançado, em épocas sucessivas, uma larga campanha de medo por todo o País, campanha que atingiu o auge no caso das listas de apoio ao M. U. D. em 1945, caso nacional que, pelo seu aspecto odioso, tomou foros de sensacional e desmoralizante, tanto para o povo como para os governantes. E que dizer da continua apreensão de escritos dos nossos mais ilustres pensadores e escritores e da voraz censura em permanente atentado contra os mais legitimos direitos dos intelectuais portugueses? E da perseguição feita a todos os mestres que não transigiram com os métodos de um governo. E da coacção moral exercida sobre o funcionalismo não concordante? E da pressão exercida por patrões fascistas sobre empregados e operários para que marquem presença nas assembleias de voto? E da distribuição efectuada pela Polícia de Segurança Publica das listas da União Nacional. Pois é precisamente esse tão infeliz estado de coisas que os oradores da União Nacional persistem em classificar o «regime forte mas de honesta legalidade». Só se com isso quer significar-se aquela legalidade para uso próprio, que o Governo conferiu á União Nacional, confundindo a Nação com o Partido Unico, um partido criado por decreto, vivendo em uníssono com o mesmo Estado e que consubstancia, afinal , o melhor meio de que a Ditadura «constitucionalizada» se serve para, numa acção incontestávelmente contrária aos direitos que a Constituição contém mas que os concidadãos não gozam apagar, práticamente, toda a possibildade de independência política dos sectores democráticos do povo.

—Foram, pois, essas as razões que o levaram a decidir-se pela acção...

—Sim, foi, em resumo, por tudo isto e por entender ser esse o meu dever de cidadão que me decidi pela participação em mais esta campanha política, aliás, sem ilusões quanto ao resultado eleitoral que nas circunstancias presentes nos seria permitido, mas com a certeza de que alguma coisa de util com isso se faria no interesse deste povo martirizado nos seus sentimentos, na sua situação económica e na sua humana condição.

—Mas julga viável efectivar o contacto com o eleitorado no sentido de uma perfeita distribuição de listas?Dispõem os candidatos de um mínimo de organização para fiscalizar o acto eleitoral ?

—Deixe-me que lhe diga que não só me não parece fácil como o considero mesmo impossivel. Mas isso não significa que não devamos tentar tudo o que esteja nas nossas humanas forças para o conseguir, para conseguir mesmo esse impossivel.

(Continua na 15.ª página)

Apenas 24 horas de Lisboa para o

RIO DE JANEIRO

VIA DAKAR

Almoce hoje em Lisboa e amanhã no Rio de Janeiro viajando pela B.O.A.C. nos confortáveis Argonaut de cabine de pressão. Óptimas refeições, aperitivos, assistência atenciosa do pessoal de bordo, rapidez, segurança e 33 anos de experiência e de tradição de bem servir completam o prazer de viajar pela B.O.A.C.

A B.O.A.C. cuida de si

De LISBOA para	Horas	Ida	Ida e volta
DAKAR	8	4.860$00	8.748$00
RECIFE	17,30	16.610$00	29.898$00
RIO DE JANEIRO	24	17.880$00	32.184$00

Consulte o seu agente de viagens ou a B.O.A.C. na Av. da Liberdade, 23-27 — Tel. 30031|2|3 e 32982 LISBOA

VOE PELA B·O·A·C

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

ÉVITA

Modas. — Confecções para senhora. Ultimas novidades, elegancia e bom gosto. Preços acessiveis.

AVENIDA DE MADRID, 3-B

TEATROS E CINEMAS

«Luzes da Ribalta» (Limelight) no Eden e no Tívoli

Charlie Chaplin matou Charlot

Carta aberta a C. S. Chaplin

Não li nada sobre o filme, não tenho quaisquer elementos de informação, nem sequer fui convidado para a «avant première» que se realizou, há dias, no Tivoli. Sou, pois, o que se costuma dizer um espectador puro, sem reservas preconcebidas de qualquer espécie, para bem ou para mal, é claro, nem daltonismo (melhor, será), deformações mentais neste ou naquele sentido de crítico apriorístico.

Estou, pois, no eixo de todas as pugnas, escolas, tendências artísticas, literárias e plásticas —da sétima arte. Sou, apenas, uma cadeira do Eden, na fila «H», numero tal.

E dito isto, vamos ás «Luzes de Ribalta», de Charlie Chaplin. Desde já, objectivamente: uma obra genial? De modo algum, mas um filme de emoção, sensibilidade, ultra humano, que deve ser sentido, profundamente, pelas plateias portuguesas, todas as latinas, porque é o reflexo da sua alma, generosa e comovida, que não vê o actor, nem o autor, mas a figura na pluridade das suas facetas, através das quais, sob um cristal luminoso, sangra, palpita, chora e sorri, o coração de um velho palhaço. De resto, como se assinala, em síntese, logo, no princípio, a história gira á volta de um «clown» (o eterno Pierrot, no caso de Chaplin) de todas as aventuras, de todos os idealismos falhados, e de uma linda Colombine, cujos braços, dançando, são como pétalas de rosas brancas, entreabrindo-se, delicadas e fragrantes, no ceu sombrio da vida, para lhe dar, ou imprimir, uma imagem de clara e poética beleza.

Dir-se-ia que, ontem, o triste «Charlot», de «Quimera do Ouro» e das «Luzes da Cidade», não o de «Monsieur Verdux» morreu definitivamente, passa o pleonasmo, visto que o cinema é uma arte prodigiosa de evocações e ressurreições. Mas já não vemos mais a sua pequena bengalinha, o seu fraque cossado, o seu bigode negro, palmilhando, como um Asheverus, as estradas desertas, ou as abandonadas e tristes vielas de uma cidade, sonhando a vida, o amor, a felicidade, e só encontrando em tudo um sabor amargo de frustração, e de desencanto. Quem surgiu, nos restos da carcassa charlotesca, foi o seu próprio criador. E aqui pergunta-se: qual é maior: o autor ou a criação? Vamos por esse, tipo imortal, no seu quixotismo de homem da rua, sempre defraudado no seu sonho e no seu lirismo, teimando sempre em encontrar na vida o que ela tem de sabor capitoso de paixões e emoções realizáveis,

(Continua na página seguinte)

Atrás do reposteiro

Consta que o actor-ensaiador Virgílio Macieira voltará a prestar a sua colaboração artística na companhia do Teatro Monumental.

—Eva Stachino recebeu de Espanha uma proposta para a estreia do seu «ballet» em Madrid.

—A comédia «E o patrão enlouqueceu», que ontem se devia ter estreado no Teatro Monumental, foi traduzida por Manuel Fragoso e José Gamboa. Só na próxima semana deverá ter a estreia naquele teatro.

—A companhia de revistas do Teatro Apolo continua no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, até domingo, iniciando, depois, uma digressão pelas principais cidades da Província.

—A famosa «troupe» de voadores «Les Alizés», considerados os de maior categoria nos círculos internacionais circenses, fazem parte da 3.ª companhia que na sexta-feira faz a sua estreia no Coliseu.

—O actor Luís de Campos foi indicado para intérprete do novo filme português «A Charneca».

—Encontra-se a actuar em Madrid o conjunto «Mulatas de fogo» dirigido pelo artista brasileiro Mister Broni.

—O empresário Vasco Morgado projecta fazer representar numa dependência da Universidade de Coimbra a comédia «Ela não gostava do patrão», em espectáculo dedicado aos seus estudantes.

—As personagens masculinas da peça «Casaco de fogo», em ensaios no Teatro D. Maria, foram assim distribuidas: «Doidinho», Augusto de Figueiredo; «Carlinhos», Pedro Lemos; «O velho», Luís Filipe; «Gonçalves», António Palma; «Jaime», Gabriel Pais; «Arnaldo», Jacinto Ramos; «O arquitecto», Álvaro eBnamor.

Aurora Sobral

Café SALVATTERA
R. da Barroca Tel. 25676
Hoje: 3.ª ELIMINATORIA do GRANDE CONCURSO NOVOS NO FADO
Em que estão inscritos os melhores Amadores dos BAIRROS DE LISBOA

Meu caro Charlie—Certamente não lhe causará admiração que eu lhe confesse sentir, neste momento, após ter visto «Limelight» há alguns minutos, uma necessidade absoluta de lhe escrever, falar um pouco consigo, nesta linguagem comum que é a de todos os nossos dias — que, no final de contas é a linguagem que o Chapin ensina, nos ensina. Não sorrirá decerto, eu sei-o, da minha juvenitude, que tenta interpretar—e tem a pretensão de o conseguir—a sua obra, obra da qual grande parte, por má sorte, me foi negado ver. Não ri, eu sei-o, porque você é tão jovem como eu.

Não pretendo evidentemente, que isto seja «uma longa conversa». Não haveria nem tempo, nem espaço para tal. Nem o facto de ter visto uma ou duas vezes o seu filme justificaria essa atitude. Terei que vê-lo mais vezes, é certo, porque só desse modo conseguirei, então, prolongar esta conversa de que hoje lanço sómente os tópicos. Terei mesmo tempo para analisar? Tentemos, tentemos porque, como Você diz, «seguir em frente é que é progresso».

Creio que «Limeligth» é absolutamente coerente com toda a sua anterior obra. Não será isto uma afirmação «á priori»? Vejamos: Você afirmou já que Charlot personificava o individuo em geral. Com «O Ditador» e «Monsieur Verdoux» é ainda o individuo que, então reage absolutamente contra a sociedade, sublinhando os prepotentes, por vezes com armas identicas á que ela aplica. Dureza, crueldade, cinismo,—«Monsiem Verdoux», em suma. Estas duas peliculas são os dois ultimos pontos da «escala» que o Chaplin estabeleceu. Em «Limeligth» não é apenas o individuo que se defende, num jogo pessoal; é o individuo *que quer que os outros se defendam também*. E como se defende? Você defende-se com a sua verdadeira e eterna arma: uma grandiosa e perene juventude. E' esse o segredo de Charlot, é esse o seu segredo, Chaplin! E não apenas uma juventude no tempo, mas sim, e também uma juventude no espaço, num jogo dialectico entre o homem e o cosmos. A força da geração que nasce—a juventude—vence na medida em que aproveita a juventude da geração que morre.

Quer-me parecer pois, que toda a sua obra, até «Limeligth», constitui o material, digamos assim, com que construir o pulpito—é o termo —do cimo do qual agora nos falou. Um pulpito que não é o palanque da areiga politica, nem a tribuna de «O Ditador», nem a barra de tribunal de «Monsieur Verdoux» mas um pulpito simples, de onde nos vem doces palavras de amor, perseverança, esperança, verdade, dignidade—palavras vivas, plenas de juventude; um pulpito construido com o imponderável material de toda a sua obra: risos e lágrimas do homem que sofre, mas que se revolta e luta, porque não sofreu o suficiente para desesperar.

Creio que haverá ainda outra questão a considerar. Se em grande parte a criação Charlot nos deu toda a sua filosofia da vida, todo o seu conceito de existência e luta, sómente através de imagens, em acção variada e directa, os primeiros pontos de retórica são lançados no seu primeiro filme dialogado «O Ditador» e em «M. Verdoux»—ainda através de criações de inspiração charlotiniana—para culminarem em «Limelight» com a exposição de todo em concepção do Mundo, amadurecida, intelectualizada, que não é mais que uma escala, evoluindo progressivamente para aquilo que Você termina, por frisar, concretamente, em «Limelight»: «nestes poucos anos que me restam de vida só desejo verdade, verdade... e um pouco de dignidade».

Disse variada crítica—antes de eu ter visto o seu filme—que ele continha muito de autobiográfico. Pretendia-se estabelecer uma analogia entre a história de um «clow» que já não faz rir e a sua Chaplin, agora que Você já vai nos seus 63 anos, creio. Quer-me parecer, meu caro Amigo, que esta interpretação, na sua essência, demasiado simplista e, principalmente, muito comoda. Porque, vejamos. Não é Calvero, na sua psicologia, na sua atitude de animo perante a vida, um jóvem? Que importa mesmo que fosse um velho como Matusalém? Não é o seu espirito de juventude que insufla a vida á pobre Terry, jovem que disso só tem o corpo mas cujo espirito doentio é mais senil que o próprio Calvero? Não contém essa jovem, em si mesma, a contradição que, ao ser desfeita, nos prova o principio enunciado? E não é a causa do insucesso de Calvero a sua convicção de que já não faz rir? E não ele que, ao acordar Terry para a plenitude da vida, descobre em si próprio uma juventude que apenas, adormecera, mas só adormecera, e que o conduzirá de novo ao sucesso? Um sucesso, no fim do qual, caido no «grande bombo» da

(Continua na página seguinte)

GENTE NOVA NO TEATRO

RUI DE CARVALHO
UM DOS INTÉRPRETES DA COMÉDIA
...E O PATRÃO ENLOUQUECEU

CLUB DANCING-COSMOPOLITA
Para adultos
O MAIOR EXITO DE TODOS OS EXITOS MARCOU A ESTREIA DE ONTEM DE
MISS THEISSY
Grande prémio de escultura e beleza estonteante nos seus empolgantes bailados acrobáticos
um notável programa de que faz parte o cantor ABILIO HERLANDER
no maior conjunto de atracções internacionais de todos os tempos
AMANHÃ ESTREIA DAS ARTISTAS ROSY Y SOLÉ
Todas as noites fados e guitarradas até de madrugada

Cartaz dos Cinemas
ESTREIAS DE HOJE: -A MORTE DUM CAIXEIRO VIAJANTE- SÃO LUIZ
— Serpente do Nilo — CAPITOLIO

SÃO LUIZ
Telef. 27172
A's 21.30, estreia do extraordinário filme
A MORTE DUM CAIXEIRO VIAJANTE
Numa cassombrosa interpretação de Frederic March
(Espectáculo para adultos)

EDEN
Telef. 20768
(Para maiores de 13 anos)
A's 15.15 - 18.15 - 21.30
Charlie Chaplin NA SUA GENIAL OBRA
Luzes da Ribalta

SÃO JORGE
Telef. 54153-Bal. 54154
A's 15.15-18.15-21.30: A desopilante comédia musical
Gosto do Rapaz
com Donald O'Connor e Debbie Reynolds
(Para maiores de 13 anos)

ODEON
Telef. 26283
A's 21 e 15
PALACIO
Telef. 47143
6.ª Semana do deslumbrante filme colorido indiano
PRESTIGIO REAL
Todo a beleza, fascinio e mistério do Oriente fabuloso
(Para maiores de 13 anos)

CAPITOLIO
TEL. 27493
A's 21.30, estreia do magnífico tecnicolor
Serpente do Nilo
Todo o esplendor dos históricos impérios romano e egipcio, com Rhonda Fleming e W. Lundigan
(Espectáculo para adultos)

TERRASSE
TEL. 20917 — A's 21,15h
O AVENTUREIRO DO MISSISSIPI
Uma mulher indomável
ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

TIVOLI
Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (a preços reduzidos) e 9.30 da noite
(Para maiores de 13 anos)
Charlie Chaplin no filme de génio
Luzes da Ribalta

POLITEAMA
TEL. 26305
A's 15.15 — 18.15 e 21.30
2.ª semana do maior exito em Lisboa
NIAGARA
(col. com a discutida vedeta Marilyn Monroe e Joseph Cotten
(Para maiores de 18 anos)

CONDES
Telef. 55131
(Para maiores de 13 anos)
A's 15.15 — 18.15 — 21.30
EXITO ABSOLUTO DE
Vento do Oriente
com Fred Mc Murray e Vera Ralston

MONUMENTAL
TEL. 55131
A's 15.15-18.15 - 21.30
2.ª Semana de um enorme exito
O arrebatador romance da vida mexicana em dois unbantes
TECHNICOLOR
SOMBRERO
com Pier Angeli, Ricardo Montalban e Yvonne de Carlo
Para maiores de 18 anos

IMPÉRIO
A's 15.15 — 21.30
Ultimas exibições de
Miss Itália
Telefs.: Plateia 55134 com Gina Lollobrigida e Carlo Campanini
Balcões 55135 (PARA ADULTOS)
Amanhã, estreia
A CRUZ DA MINHA VIDA

LIS
Tel. 48560
A's 21.15
Continuo a Esperar-te
E' preciso ter azar!
(Espectáculo para adultos)

CASINO ESTORIL
As Neves do Kilimanjaro
com Gregory Peck
A's 21.30
(Espectáculo para adultos)

TEATROS E CINEMAS

«Luzes da Ribalta»

(Continuação da página anterior)

a fugir-lhe sempre, como a areia das mãos de uma criança, ou a sombra de uma asa no cristal azul de um lago.

Temos, pois, que Charlie Chaplin matou Charlot. Recolheu ás cinematecas, com lápide funerária, esse admirável personagem, que a uns fazia rir, e a outros chorar, como símbolo, afinal, de tudo quanto a humanidade, pensa, sofre, deseja ou sonha, sabendo de antemão, que nada obterá de concreto, porque será sempre expoliada ou vencida pelos acontecimentos.

E no seu lugar aparece Charlie Chaplin, o palhaço sem talento dos circos de Londres, há meio século (aproximadamente) e que um dia encontrou, na sétima arte, o elemento poderoso de metabolismo, que havia de o projectar mundialmente.

E' melhor Chaplin ou Charlot? Evidentemente, não são iguais, e o ultimo foi tão grande, encarnou, até pelo silêncio, tão eloquentemente, a humanidade, que Chaplin, embora sagaz, profundo, de experiência pessoal, trabalhando, cinematográficamente, sobre ideias, não o atinge, embora como é natural seja um grande artista.

O que quer isto significar? Que Charlot arrancou a máscara, depois de tantas vezes ter sido o vagabundo dos grandes caminhos, o deserdado do banquete da vida, o inconformista da sociedade moderna, com as suas «cadeias» de trabalho escravo, nas fábricas gigantescas, em que não se pode perder um segundo, para sorrir a um raio de Sol, que atravesse a vidraça suja do «atelier», ou a um pensamento interior, que aflore aos lábios, modulado em palavras. Mas se arrancou a máscara, se deitou fora para a velha e enferrujada sucata cinematográfica, o coco ridículo e amachucado e a bengalinha inverosímil e caricatural; o que não pôde destruir, eliminar, foi a sua própria alma, que surge agora nua e nítida, como que fazendo uma biografia pessoal, que podia ter acontecido se ele não fosse imensamente rico a ponto de voltar as costas aos Estados Unidos, repetindo a frase clássica de Cepião, depois da batalha de Zama.

A característica principal do filme, quanto a nós, é o seu «romantismo». Que dirão a isto os existencialistas, os sobrerrealistas, mesmo os neorealistas impenitentes, da sétima arte?, Chaplin em retrocesso? Por amor de Deus—não? O mesmo de sempre, com as ideias da sua mocidade, o seu temperamento poético, surdo, cego, mudo—e ainda bem— a todas as tentativas de êxitos do cinema, puxado, se não mesmo esfrangalhado, pelas mais variadas escolas de expressão, conceitos morais, e ocasionais estilos, solicitados pelo publico, ou impostos pela sétima arte.

E' por isso (o seu admirável, ingénuo, até, romantismo), que «Luzes da Ribalta» vai ser acolhido, em Lisboa, com um êxito de loucura, ao passo que, noutras cidades, como Paris, segundo me dizem, passou, como singular curiosidade chaplincsea, sem fazer ressoar a alma das multidões. Mas onde está o mal, digamos, a diferença, entre a aceitação exultante das nossas plateias, e o interesse restrito dos Parisienses? Sem o saber, Charlie Chaplin fez uma obra que corresponde ás nossas mais íntimas afinidades electivas, doce, carinhosa, enternecida, um pouco triste, contando-nos a romantica história de um grande artista, decadente, que todos os empresários acabam por recusar, e de uma jóvem bailarina, que, afinal, no seu triunfo, sobre o espaço, o tempo, o colectivo das multidões, representa o seu espírito, mais ainda, *a eternidade de todo o espírito*. O facho que passa de mão, sem que nunca se extinga a labareda sagrada. Desta vez, Chaplin não nos deu um documento social, não atacou um problema geral; mas contou um caso individual, portanto, restrito, através de três figuras, que se podiam chamar Pierot, Arlequim e Colombine—o trio clássico que, com nomes diferentes, tantas vezes ocorre na vida e é o prato obrigatório de grande parte do teatro do Mundo. Mas dentro desse triangulo, a substancia é real, é o duplo das imagens da comédia que o espectador não vê, quando o palco está aberto, porque se projectam nos bastidores, são sombras recolhidas, que se mascaram com a «maquillage» e podem fazer de um pobre vegete um rei poderoso, omnipotente e feliz. Contrastes? Exactamente, é deles que está repleta esta obra de Chaplin, actor dramático que, muitas vezes, se lembra de que é cómico, e, daí, o movimento alternado, dessas duas formas, numa antitese periódica de efeitos.

O filme é belo. Melhor, diremos, repetindo três vezes: humano, humanitário, humanissimo! Chaplin como que fez de Pigmalião; também engendra um novo ser, dando-lhe, não, apenas, uma alma, mas até um corpo, que, enfermo, paralisado, sem fé na vida, para ela renasce. Mas, á medida que esculpe a sua obra e a enforma, define, avulta, cinzela, requinta, dá-lhe o seu sangue, a sua existência, o seu espírito, numa transmutação total, de entrega absoluta, de dádiva sem sacrifício, de abnegação, sem palavras. Esta parte é, quanto a nós, a mais bela e patética do filme, porque se pressente, afinal, quanto são vãs e transitórias, todas as glórias do teatro. O pobre Calvero, o primeiro artista cómico do seu tempo, cimeiro nome dos cartazes, aplaudido em delírio, acaba por resvalar na miséria e no esquecimento. Ele bem quer vestir os europeis brilhantes da cena, voltar a ser o mesmo, mas o publico abandona-o, as salas esvaziam-se, os empresários fazem-no esperar nas antecamaras.

O que é curioso é a tese vitalista de Chaplin—ele concebeu tudo nas «Luzes da Ribalta», desde o entrecho, até á musica, do diálogo aos três miudos que aparecem, numa das primeiras cenas, e o galã que há-de ter nos braços aquela pluma de cisne, argêntea e frágil, que é Clare Bloom—esse vitalismo, diziamos, que a sua obra anterior, e mesmo esta, tão dramáticamente repudiam. Acreditar na vida! Vivê-la bem! Encontrar nela todas as nossas satisfações morais e sesoriais. Como se a vida, afinal, não fosse um aluguel a prazo, uma mentira para muitos, e um sacrifício para quase todos.

E veja-se o paradoxo: Calvero (Chaplin) arranca da imobilidade para o movimento a humilde doentinha, mas quando, de vez, cai, no abismo, perdido, decadente, amargurado—a sua tese brilhante e fácil, de uma filosofia primária, não o galvaniza. Quando muito sabe morrer, em beleza, no seu trono, o proscénio, já não ouvindo, porventura, os aplausos encomendados «á claque», num enterro de alegria, mas, depois sinceros, derradeiro clarão que se extingue, mas que recorda ainda através dos vastos mares, onde se apagam as ultimas velas brancas, e dos campos desérticos, esquemáticos, desolados, se não duma messe de esperanças e nos jardins a florir, como o dia que terminou (a carreira do artista) foi bela e, afinal, valeu a pena, ser vivida. E o espírito fica a pairar, é aquele vestido de gase, não a dançar, mas a voar no palco, farrapo humano de neve, que parece ter caído da Lua misteriosa, pintada na lona do cenário Zonas de luz, zonas de sombras—tudo atravessa, imaterial, e, mesmo quando se torna invisível, ainda se vê... com os olhos da alma, numa visão sobrenatural, para além da morte, caminho do sonho, do astral, da eternidade.

Não quis Charlie Chaplin definir precisamente, dando-lhe uma misteriosa aura romantica, os amores da linda e jóvem Terry (a bailarina) por Calvero, o pobre palhaço envilecido, que lhe foge, que se retrai, que nunca os aceita. Só por incidências nós vemos que gosta dela (a cena no proscénio vasio, quando fica sozinho) e, por juizo pessoal, em virtude da diferença de idades. Mas Terry, embora Neville (o pianista) possa representar a sua consciência, repetidas vezes, afirma, que o estremece, quer casar com ele.

Como sempre—e agora designamos, propositadamente, Charlot—Chaplin abandona a luta, deixa a uma esquina da vida, um lindo sonho, sente que, no seu mundo, tanto interior, como exterior, será sempre a sombra que perpassa, desliza, fazendo, num acto gratuito, a felicidade dos outros—mas não a sua, como se isso fosse impossível, ou estivesse condenado por uma fatalidade inherente á sua existência, num simbolismo, que abrange milhares de seres.

O filme é lento, e nem sempre tem a coesão necessária. Não é como aquelas esculturas, sóbrias, densas, condensadas, sem gestos a romper a verticalidade macissa do bloco, que Miguel Angelo, dizia deviam ser roladas do alto de uma montanha e chegar, lá baixo, intactas, perfeitas. A sua emoção é tão grande, embora se sinta o pré-fabricado, isto é, a remodelação constante, até atingir o nível extático, que os «gags» nos surgem, por vezes, como excrecências, embora os espectadores enlouqueçam de gargalhada, esquecendo as lágrimas que, antes, subitamente, lhes afloraram ás pálpebras.

Por outras palavras: para nós, a parte séria, dramática, humana, de «Luzes da Ribalta» é tão grande, no seu cotidiano de vida, na pintura dos costumes, na definição dos carácteres, no jogo passional, que esses efeitos cómicos quase nos deixam insensíveis. Entre outros, quando Charlie Chaplin contracena com Buster Keaton. O bailado, em que intervem, Calvero, como palhaço, numa pantomima, parece-nos uma excrecência. Esta ali mais, e não tem significado.

Toda a acção decorre lentamente, e, quando Charlie Chaplin, surge, nas primeiras cenas, sentimos certa estranheza, proveniente da sua fisionomia. Por o querermos ver mais novo? Por o ensombrar o retrato quixotesco, de Charlot? Seja como for, depressa nos acostumamos á sua máscara empastada, que ele defende muito bem, inclinando-a para a frente, furtando-a assim ao exame cruel da camara, e, quanto, ao desenrolar vagaroso da obra, dizêmo-lo sem reparo, porque ficariamos uma noite inteira a ver, a ouvir, a admirar o genial artista.

E mais não dizemos. «Luzes da Ribalta» vai ser um êxito. Chaplin, como dissemos, fez tudo, até a musica, cujo *leit-motiv*, não tardará em ser trauteado nas ruas de Lisboa. Todos os outros artistas representam expressões psicológicas, que Chaplin deve ter disciplinado até as mais insignificantes reacções, e daí, porventura, um certo anquilosismo, se não o próprio estilo simples, sóbrio, convergente do artista.

Eis um filme que não é só duma noite, e do qual dadas as primeiras impressões, com toda a sinceridade, voltaremos a admirar, com a certeza de novas descobertas, e de nobres e profundas emoções.

No programa figura um pitoresco e animado documentário dos «cortejos de oferendas» realizados no País. Portugal passa a dançar, a cantar, levando nas suas mãos generosas, pão, oiro e flores para os pobres assistidos pelas Misericórdias. E' uma ideia, supomos do sr. dr. Trigo de Negreiros, que tem alcançado notáveis resultados. Realização e locução de António Lopes Ribeiro.—*Visor 42.*

«LISBOA ANTIGA», no Sá da Bandeira do Porto

Um aspecto do «Sá da Bandeira», na noite de ontem

A nova fase da revista «Lisboa Antiga», apresentada no Porto, está a constituir um êxito teatral de vulto. Herminia Silva, que ontem ali foi homenageada, recebeu, logo na noite da estreia, os mais entusiásticos aplausos. O carinho com que sempre é recebida na capital do Norte está demonstrado pelas continuas manifestações de que é alvo. Homenageada pela casa de chá «Império», segue-se-lhe uma festa no «Solar da Saudade», e hoje, os seus colegas ofereceram-lhe um almoço no Restaurante Palmeira. No Brasil, dir-se-ia: a Herminia tem um grande «cartaz» no Porto!

Carta a Chaplin

(Continuação da página anterior)

sociedade, o leva, todavia, a dizer para o publico «I'm stuck»—estou preso!? Calvero morre, mas como se provou, não envelhecera. A ultima imagem—Terry a dançar em cena—plena de graça e juventude, não conterá em si, algo do que Calvero lhe legou? Não conterá, nela, um pouco do próprio Calvero? A vida física é um fluxo que obedece a fatais leis biológicas. O Chaplin sabe-o. Mas a vida do espirito, a chama eterna da juventude, «a força do progresso», essa não morre. E se Você, como todos nós, está condenado ás inexoráveis leis da matéria, sabe, todavia, que para além disso há algo que pode ser legado. E isto é que é a própria vida. E' esta a mensagem, a filosofia do seu extraordinário filme.

E quando você falecer, Chaplin—sim, morrer—nós, os jovens, já possuiremos essa força juvenil, que foi a sua própria vida. Muitos de nós nem saberemos que Você pessoalmente contribuiu para isso. Mas adivinharemos em cada um de nós um Charlot, um Verdoux, ou um Calvero, consoante as inclinações. Teremos sempre presentes a *força* que nos legou, guardaremos sempre em nós a sua imagem, total, viva, plena, viril. Quereremos ser um homem como Você o é, eternamente.

* Terei que terminar. Mas não quero despedir-me de si, convencionalmente. Fazê-lo seria praticar um absurdo: despedir-me de mim mesmo, porque Você *está* em cada um de nós. Dirigir-lhe-ei, portanto, uma saudação e, para tal, não encontro melhores palavras do que as de George Sadoul, que faço minhas:

«Coragem Charlot! Boa sorte sr. Charles Spencer Chaplin!

No Verão passado, em Beverly Hills, podia, ainda, julgar-se sozinho. Tem atrás de si, sabe-o agora, muitas centenas de milhões de homens que saudam muito respeitosamente, em si, do fundo do coração, o artista de génio, o grande cidadão, o Homem Honesto».—*Visor 24.*

(Ler mais noticiário teatral na 13.ª pág.)

CLEOPATRA.... QUANDO O IMPERIO ROMANO DOMINAVA O MUNDO.... ELA DOMINAVA O IMPERADOR

A SERPENTE DO NILO

HOJE no CAPITOLIO

(Para adultos)

Adelaide Faria

LUSO

T. DA QUEIMADA

Tel. 32889

Animador Filipe Pinto

NOITE POPULAR

Com Adelaide Faria, Isaura A. de Carvalho, Helena Tavares, Joaquim Silveirinha, Sebastião Pires, e o «ás» do riso Joaquim Cordeiro.—Camarinha e Pedro Leal.

SEXTA-FEIRA :

Amália

(A ALMA DO FADO)

"A CRUZ DA MINHA VIDA"

O CELEBRE

(COME BACK, LITTLE SHEBA)

A surpreendente **SHIRLEY BOOTH** é a principal actriz deste magnífico filme, que tem merecido os mais rasgados elogios da crítica.

SHIRLEY BOOTH é de facto uma actriz excepcional, pois logo no seu primeiro trabalho para a 7.ª Arte, foi premiada com o ambicionado **«OSCAR»**, o prémio máximo que qualquer artista pode ambicionar. Miss BOOTH, como na América é conhecida, aparece-nos pela primeira vez no cinema em **«A CRUZ DA MINHA VIDA»** e de tal forma é o seu desempenho que no FESTIVAL DE CANNES obtém igualmente o primeiro prémio, pela sua surpreendente interpretação neste filme.

O argumento de **«A CRUZ DA MINHA VIDA»** é humano e convincente e todos os espectadores ao verem este magnífico filme terão um sorriso nos lábios e uma lágrima de quando em quando.

O crítico da mais importante revista cinematográfica da América, «MOTION PICTURE HERALD», diz: «... A melhor crítica é a que o publico faz... de boca em boca...»

Não deixe, pois, de ir

Amanhã ao IMPÉRIO

ver esta magnífica produção da

PARAMOUNT

TEATRO MONUMENTAL (55135)

ESPECTACULO APRESENTADO POR **VASCO MORGADO**

A mulher relâmpago — O triplo escamoteiro
Amanhecer milagroso e Carnaval brasileiro
SÃO ALGUNS DOS QUADROS
MARAVILHOSOS DO DESLUMBRANTE
ESPECTACULO DE MAGIA

Cavalgada Mágica

DE **RICHIARDI JR.**

Que se manterá em cena só até domingo dia 8 de Novembro impreterivelmente

Duas sessões: às 20.45 e 22.45

Para maiores de 13 anos

«ERA UMA VEZ UMA PRINCESINHA» 5.ª FEIRA em «Matinée» às 16 horas crianças

MORTE DUM CAIXEIRO-VIAJANTE

Finalmente HOJE
São Luiz
E' um filme COLUMBIA

A OBRA PRIMA DE **ARTHUR MILLER**, *AGORA MAGISTRALMENTE ADAPTADA AO CINEMA POR* **S. KRAMER**

COM **FREDRIC MARCH**

NO **Maria Vitória**

em 2 sessões, às 20.30 e 22.45

SALVADOR apresenta a alegre e popularíssima revista

SAIAS CURTAS

com **SALOMÉ**

Tereza Gomes, Humberto Madeira, Emilio Correia, Maria do Carmo MAX, Tony de Matos e Maria José da Guia

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

SEMPRE LOTAÇÕES ESGOTADAS!!!

MAX

TEREZA GOMES

FONTÓRIA

Para adultos—**Uma maravilha**

BALLET PASTOR

Carioca Estoril

TEL. 750

HOJE

no «WONDER-BAR»

depois das 21 horas

JANTARES E CEIAS

— BAILE —

com o esplêndido conjunto musical

TONY AMARAL

e o pianista animador

NICK POWER

Consumo mínimo 40$00

(Para adultos)

MAXIME

PARA ADULTOS—O MELHOR EM TUDO

ÊXITOS E ENCHENTES!

A formosa vedeta **MARY MERCHE** *em canções admiráveis*

ENCARNITA FLOREZ e o seu guitarrista RIERA—**ROSINA GRACIA** — WIKI VARNET — MISS ASTURIAS — ROSITA DARGEL—BEL MARY—HERMANAS MONTIJO—ANTONITA CORONEL — HERMANAS ARILLAS

Musica de baile pela ORQUESTRA TROPICAL BOYS com MÁRIO DE JESUS e CONJUNTO FERNANDO D'ALBUQUERQUE com RICARDO LUIZ

VEM A LISBOA O NOVO BALLET DE

SACHA GOUDINE

(PARA ADULTOS)

EM PLENO EXITO:

LIMPIA Clube TELEFONE 20919

NO RESTAURANTE: TODAS AS NOITES CEIAS ATÉ DE MADRUGADA

As aplaudidas atracções:

LOS GITANILLOS

em danças do mais puro estilo castiço

ANA MARIA
SARA Y PILAR BERNAL
MARU Y ENCARNITA
HERM. ANTEQUERA
Ester de Murillo
com o Conjunto Vilaça

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Todas as noites às 21 e 45, a comédia de OLAVO D'EÇA LEAL

A TAÇA DE OIRO

(Para adultos)

Palmira Bastos, Mariana Rey Monteiro, Amélia Rey Colaço e um grandioso e enco artístico

VARIEDADES

2 sessões às 20.45 e 23 horas

A Companhia **VASCO SANTANA** *na hilariante farsa de FEYDEAU*

O PATO

com Vasco, Ribeirinho, Costinha, Hortense, Maria Helena, Henrique Santana, Luisa Durão e Artur Semedo

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

Leiam o **"SEMPRE FIXE"**

Uma palestra de Jorge Botelho Moniz

intitulada «Campanha de Maldizer»

O major Jorge Botelho Moniz comunica-nos o texto da palestra que esta noite, ás 21 horas, proferirá ao microfone de Rádio Clube Português. E' o seguinte:

«A campanha eleitoral, salvo excepções raras, transformou-se em campanha de maldizer e perdeu, necessáriamente, elevação e compostura. Culpa, logo ao começo, das oposições, que atiraram contra o regime e os seus dirigentes apodos violentos, impróprios e falhos de verdade.

Repetirei aqui alguns deles, como pano de amostra elucidativo: «Governo apoiado sobre grupo minoritário e organizações policiais»; «multidão de comparsas que constituem os quadros da politica nacionalista, a gravitar em torno dos novos ricos»; «autêntica farandola, dança de S. Vito que magoa a consciência nacional»; «hibridismo ideológico, miscelanea de sistemas que não passa dum contra-senso para não se lhe chamar, mais prosaicamente, um disparate»; «regime de escandalosos favoritismos»; «regime tiranico, comandado pelos emboscados de outrora, que, assaltada a Situação, dela se apoderaram sem ter corrido riscos no passado (entre parentesis, apresento-me a V. Ex.as como exemplo dêsses emboscados, que nunca correram riscos no passado)»; «escol de privilegiados cuja avidez nada consegue saciar»; «pseudo regime parlamentar, assentando sobre maquiavelismos eleitorais»; «baixa de nonestidade na burocracia publica e privada»; «erros crassos de direcção do Estado»; « a plutocracia domina em Portugal»; «a verdade, a justiça, a virtude, a beleza e a bondade, supremos atributos de Deus, andam ausentes dos procedimentos governativos»; «podem contentar-se assim os apetites insaciaveis das clientelas do regime»; «regime afrontoso», etc., etc.

Propositadamente, recortei todas estas «amabilidades» de dois discursos do homem mais representativo entre os candidatos oposicionistas por Lisboa. A quase totalidade das expressões citadas consta da palestra pronunciada por S. Ex.a em 12 de Outubro, em Rádio Clube Português.

Porque me liga áquele orador velhos laços de amizade fraternal; porque essa amizade soube resistir ás contingências da politica, nas duas vezes em que nos temos digladiado no final da situação Sidónio Pais e durante quase todo o periodo posterior ao «28 de Maio»—ninguém poderá ver, nas palavras que vou pronunciar, quaisquer propósitos de ataque pessoal.

Escolho os discursos de S. Ex.a como objecto de critica, não só por esse motivo, mas também porque existem neles muitas verdades amargas para todos—homens da Situação e homens das oposições—verdades essas que convém ponderar em ambos os campos. E, também, por saber que S. Ex.a é manifestamente sincero nos seus desejos dum convivio politico que permita colaboração eficazmente patriótica entre todos os portugueses dignos deste nome prestigiante. E, ainda, porque, quer na palestra realizada em Rádio Club Português, quer em outros documentos de que é autor, se esboça um programa de vida politica e social que, embora discutivel e incompleto, não é ôco nem abstracto.

Pois bem: A acrescentar aos êrros confessados publicamente — *nostra culpa, nostra culpa, Domine!* — encontro na campanha do expoente máximo das oposições alguma coisa fundamentalmente ilógica e terrivelmente parcial. A mesma pessoa a que V. Ex.as ouviram pronunciar palavras crueis, quer contra a generalidade do povo português quer contra o regime politico actual e o seu escol, queixa-se amargamente do tom das nossas respostas e formula, para utilização alheia, as seguintes «regras de bom viver» publicadas no «Diário de Lisboa de 27 de Outubro:

«Com a devia vénia vou enunciar, para uso dos oradores situacionistas umas tantas regras a que devem subordinar-se nos discursos, se quiserem impressionar o País: Obedeçam sempre aos ditames da sua consciência e da sua afectividade, bem como aos preceitos da moral cristã, sem se deixar influenciar pelas inspirações do seu interesse ou do seu «fanatismo»; sejam sinceros em vez de deformarem propositadamente a verdade; não substituam as razões, que convençam, pelos sarcasmos que, de momento, talvez façam rir os que os escutam, mas apenas conseguem aflorar as camadas corticais dos seus espiritos. Só uma transparente, uma cristalina sinceridade tem na realidade o condão de criar um campo magnético, com a potencialidade suficiente para orientar, no mesmo sentido e em direcção ao mesmo ponto, os imãs escondidos nas consciências individuais».

Bom discipulo, tenho tentado aplicar a mim próprio esta lição do mestre. A's vezes, não resisto a utilizar a ironia porque, como bem disse o dr. Tito Arantes, quem nos fornece a matéria-prima para o riso são exactamente as oposições.

Mas ninguém poderá afirmar, com justiça, que alguma vez na vida me tenham faltado entusiasmo comunicativo, independência e sinceridade. Quanto a ódios e a fanatismo cego—estou completamente imunizado.

Pode dizer-se o mesmo da campanha eleitoral das oposições? Aplicou a si próprio o sr. eng.º Cunha Leal, rigorosamente, dominadoramente, as boas regras que redigiu? Aconselhou-as só para uso dos oradores situacionistas, por não conseguir vê-las seguidas pelos seus companheiros de barricada?

O convite feito pelo eng.º Cunha Leal, na palestra de Rádio Clube Português, para que situacionistas e oposicionistas modificassem a sua atitude de intransigência, não foi proposta quixotesca, nem mereceria ser repelido á gargalhada. Na realidade, foi um paradoxo político, porque o seu autor revelou mais intransigência que ninguém.

Pelos termos empregados, avivou incompatibilidades em vez de as reduzir. Feriu em vez de atrair. Não quis dar aos adversários o direito de possuirem sensibilidade igual á sua. Abusou de demagogismos, em vez de ser verdadeiramente democrata.

Tenho, no meu curto raio de acção, procurado eliminar as barricadas que separam os Portugueses. Creio não ser necessário recordar a minha contribuição modesta para que a Assembleia Nacional aprovasse, por unanimidade, a lei de amnistia política e de reintegração de funcionários demitidos. Acham-se integralmente no «Diário das Sessões» as críticas ásperas que formulei no Parlamento pelo facto de o Governo não ter posto em execução, por completo, o pensamento da Assembleia Nacional.

Por isso mesmo, possuo o direito de afirmar que a atitude de grande parte dos elementos mais representativos das oposições mostra incapacidade de convívio social. São dominados pela ansia de demolir tudo e todos, a par da mais confrangedora incompreensão das realidades políticas nacionais e internacionais.

O convite do eng.º Cunha Leal não foi recebido á gargalhada. Deve, ao contrário, ser analisado com tristeza, quer por não haver sido apresentado em termos, quer, principalmente, por as oposições mostrarem que não sabem colocar o espírito patriótico de colaboração acima do apetite do insulto e das desavenças de partido.

Mas há pior: Esse convite, para quem o ponderar com atenção, nunca significaria transigência mutua. Exigia, sim, que os situacionistas fossem os unicos a transigir. Afinal, teriam de dar-se por vencidos e marchar pelo caminho degradante traçado pelas oposições, depois de haverem passado sob as forças caudinas dos seus rancores e das suas vaias.

As oposições não conseguiram, nem conseguem, impressionar e atrair o País. Apesar da potência dos seus imãos, e do recurso ao magnetismo, ninguém, que se recorde do passado, se deixa convencer pelas suas promessas de revisão de métodos políticos.

Entretanto, a par de injustiças nefandas e palavras sem nexo, alguma coisa apareceu de novo, nesta ultima campanha eleitoral, para honra dos oposicionistas que disputam as eleições em Aveiro, Porto e Lisboa: condenação formal e nítida do comunismo e a recusa categórica em aceitarem alianças políticas com moscovitas e comunizantes.

Não nego a coragem e a sinceridade destas resoluções. Prestei-lhes homenagem, que parece não ter sido compreendida. Mas pergunto a mim próprio se os verdadeiros democratas, uma vez no Poder, possuiriam a força e a unidade necessárias para esmagar as tentativas de assalto violento ou de infiltração capciosa, dos manhosos comunistas totalitários e antidemocráticos, disfarçados sob o rótulo de democratas-populares.

Conclusão: As oposições, como sempre, são exímias no emprego dos velhos tropos inflamados, capazes de lançar fogo á própria água. Mas não se mostram susceptíveis de construir, administrar e assegurar estabilidade governativa.

Do pouco que enunciaram com jeitos de programa deduz-se, como inevitável, a luta partidária e o regresso consequente á instabilidade de administração que gerou a ruína publica dos ultimos anos da Monarquia e dos primeiros dezasseis anos de Republica.

Há, na vida lusitana, uma premissa a esclarecer: Acatamento ou não acatamento da Constituição Portuguesa actual. O estatuto da Nação é de tipo presidencialista, com a vantagem, sobre os americanos, do chefe do Estado não ser chefe do Governo e achar-se colocado, desta maneira, fora e acima das divergências e discussões políticas.

Tal qual sucede na América do Norte, as Camaras portuguesas não podem derrubar os governos, o que assegura os períodos largos de estabilidade administrativa que permitem a execução de planos de fomento e obras de utilidade geral.

Mas, quer na Camara Corporativa quer na Assembleia Nacional, a crítica da acção dos governos e a fiscalização efectiva sobre a administração tornam-se ainda mais livres do que na América do Norte, porque não estão tolhidas pela disciplina partidária. Isto é tão verdade que as oposições andam a repetir constantemente críticas já formuladas por deputados e procuradores... esquecendo-se, quase sempre, de que essas críticas perderam oportunidade por completamente esclarecidas ou rebatidas no tempo e no local próprios.

Mas voltemos á premissa constitucional: Não parece que as oposições aceitem o estatuto da Nação, pois que, sistemáticamente, atacam o regime, insultam o regime, pretendem derrubar o regime em vez de se limitarem a criticar, embora duramente, actos de governo ou carências dos antigos deputados e procuradores. Portanto, não há duvida de que as oposições, embora digam que não, querem simplesmente o «reviralho», o regresso ao parlamentarismo doentio do passado, que se mostrou impróprio da índole portuguesa.

E não venham dizer-nos que a acção tiranica do regime impede a elaboração e discussão de programas porque, muito antes do período eleitoral, os maiorais da oposição andaram em conversações e reuniões amiudadas, «que ninguém impediu», sem que conseguissem chegar a acordo, nem sequer quanto a nomes de candidatos. O seu unico factor comum chama-se ódio ao regime, Querem destruí-lo, seja como for. Mas, conforme sua confissão explícita e publica, ainda não sabem, sequer, como haveriam de substituí-lo. E nunca chegariam a sabê-lo, por mais que apelassem para os «democratas conscientes e organizados».

Conseguissem atirar a terra o que existe (mas não atiram, estejam descansados!) e então, sim, viria o diluvio. Um diluvio que não pouparia as oposições ao submergir e arruinar Portugal.

Terminando: Inaptas para se conduzirem a si próprias, as oposições mais uma vez se mostraram incapazes de conduzir a Nação. As más fórmulas esmagam ou inutilizam os melhores homens. Neste mês de campanha eleitoral, nada apareceu de novo, por parte das oposições, que possa considerar-se crítica aproveitável e construtiva. Revelaram-se mestres, não na arte de governar os povos, mas unicamente na arte sempre fácil, azeda e destrutiva de insultar e maldizer. E depois do mal, ainda fazem a caramunha».

O Discurso da Corôa

lido hoje pela rainha da Inglaterra

(Continuação da 1.ª página)

vestido de rendas brancas assente em cetim branco e bordado a fios de oiro e prata, apeou-se do coche e seguiu para o vestiário, onde envergou o manto parlamentar. Precedida pelo conde-marechal, caminhando de costas, entrou na Camara dos Lordes, onde os membros das duas Camaras estavam reunidos. A maior parte dos embaixadores das potências estrangeiras acreditados em Londres estava presente.

No meio de rigoroso silêncio, a soberana subiu os três degraus que conduzem ao trono doirado e, sentando-se, leu o Discurso da Coroa com voz firme.

Com surpresa geral, sir Winston Churchill não assistiu á cerimónia. Ficou no seu gabinete, na Downing Street, a fim de preparar o importante discurso que fará logo á tarde na Camara dos Comuns ácerca do programa legislativo exposto no Discurso da Coroa.

Aos acordes do hino nacional, precedido pelo rufar dos tambores, a rainha e o marido voltaram a entrar no coche real ás 11 e 22, regressando ao palácio de Buckingham. Como á chegada, foram muito aclamados em todo o percurso.—(F. P.).

O discurso da Coroa

LONDRES, 3—No Discurso da Coroa que a rainha Isabel leu esta manhã na Camara dos Lords, a politica externa do Governo Churchill é definida assim:

1.º—*No que respeita ás relações com a U. R. S. S.*, «o Governo britanico continuará a considerar como seus objectivos primordiais a redução da tensão internacional e a preservação da paz. Para este fim, o Governo britanico persiste nos esforços para promover uma reunião, em futuro próximo, entre a União Soviética e as três potências ocidentais.

2.º — *A politica das potências ocidentais*— «O Governo britanico continuará a desempenhar a função que lhe cabe nos esforços das Nações Unidas a bem da cooperação internacional. A aliança atlantica continua a ser um princípio fundamental da politica do Governo britanico que tudo fará para reforçar esta aliança».

3.º — *Estados Unidos*— «O Governo britanico está decidido a trabalhar de acordo com o Governo americano».

4.º—*Europa*—«O Governo britanico continuará a cooperar com os seus associados na Europa ocidental a fim de promover a unidade europeia e a prosperidade económica. Espera ver a criação em data próxima da Comunidade Europeia de Defesa e dar-lhe-á todo o apoio possivel».

5.º—*Alemanha*—«O Governo britanico continuará a trabalhar para a solução da unidade alemã de cooperação com os governos francês e americano e mediante consultas com o Governo federal alemão. O Governo britanico persistirá igualmente nos seus esforços em prol da conclusão de um tratado austriaco».

6.º—*Finalmente*, «o Governo britanico continuará os esforços para se conseguir a reunião de uma conferência politica na Coreia. O Governo britanico confia num próximo reatamento das relações diplomáticas normais entre a Grã-Bretanha e a Pérsia».

Depois de curta alusão á conferência dos ministros das Finanças da Comunidade Britanica, a reunir na Austrália, em Janeiro de 1954, e á politica colonial britanica, o Discurso da Coroa expõe o programa de politica interna do Governo Churchill para o ano que vem. Anuncia, nomeadamente: A) Apresentação de um projecto de lei tendente a reconduzir por novo período de cinco anos a lei relativa ao serviço militar obrigatório em tempo de paz. B) Prosseguimento da politica do Governo de estímulo ao desenvolvimento das exportações. C) Apresentação de um projecto de lei «destinado a facilitar a reparação dos edifícios». Esta passagem do discurso dá a entender que as leis que limitam os alugueres ao seu valor de 1939 serão modificadas e permitirão um pequeno aumento a fim de cobrir os encargos de restauro. D) Revisão dos preços garantidos aos agricultores britanicos, bem como a organização dos métodos de distribuição dos víveres. E) Reorganização do sistema actual das pesquisas referentes á aplicação da energia atómica á industria. F) Reabertura da Bolsa do Algodão de Liverpool e liquidação do monopólio detido pelo Estado para a compra e a venda do algodão em bruto. G) Por ultimo, depois de aludir ao projecto de criação de estações de televisão concorrentes da B. B. C., o Discurso da Coroa anuncia que o Governo conservador examinará novamente a questão da reforma da Camara dos Lordes.

Por outro lado, o Discurso da Coroa não faz referência ás modificações projectadas da Lei da Regência com o fim de permitir que o duque de Edimburgo seja regente em vez da princesa Margarida. E' possivel que esta decisão seja objecto de uma mensagem separada da rainha, dentro de dias.—(F. P.).

Começou a distribuição

de listas oposicionistas

Dos serviços de propaganda dos candidatos oposicionistas por Lisboa recebemos o seguinte comunicado:

«Tornando-se necessário proceder urgentemente a vários trabalhos de carácter eleitoral, como distribuição de listas, fiscalização de assembleias de voto, etc., pede-se a imediata apresentação de todos os democratas de boa-vontade e de quaisquer categorias sociais, na Praça da Alegria, 62, 1.º, das 9 ás 13, das 15 ás 19, das 21 ás 24 horas, mas de preferência das 18 ás 19 e das 21 ás 24, a fim de receberem instruções, devendo, porém, as pessoas desconhecidas, fazer-se acompanhar por quem lhes garanta a idoneidade moral e cívica.

Esclarece-se que todas as listas, *que são absolutamente iguais ás da União Nacional*, deverão desde já ser distribuidas.

Necessita-se imediatamente de lojas ou locais que sirvam de centros distribuidores de listas; automóveis e camionetas, para distribuição de listas e propaganda, de preferência carros abertos; criação imediata de nucleos nos estabelecimentos e empresas, assim como quaisquer outros agrupamentos de eleitores, os quais deverão tomar imediatamente contacto com a secretaria da candidatura dos deputados oposicionistas. Espera-se que todas as mulheres democratas igualmente nos tragam o seu auxílio na distribuição de listas.

As idas aos concelhos limitrofes, para distribuição de listas, serão oportunamente indicadas por intermédio da Imprensa.

Locais onde já se distribuem listas:—Centro «Dr. António José de Almeida», Travessa da Nazaré, das 21 ás 23 horas; «Seara Nova», Rua da Rosa, 242, 1.º, das 10 ás 12 e 30 e das 14 e 30 ás 19 horas; e Praça da Alegria, 62, 1.º, das 9 ás 13, das 15 ás 19 e das 21 ás 24 horas».

Construções escolares

O «Diário Municipal» publica as bases do concurso para a empreitada da construção do grupo escolar da Picheleira.

O candidato oposicionista do Porto dr. Eduardo Ralha

justifica as razões que o levaram a aceitar que fosse proposta a sua candidatura

O sr. dr. Eduardo Ralha, candidato a deputado na lista oposicionista apresentada pelo Porto, proferiu ontem, ao microfone do Rádio Clube, a seguinte palestra:

«Quando em 1926 Gomes da Costa fez a revolução do 28 de Maio, entrava eu na Universidade, sem haver sentido ainda as primeiras exigências e solicitações da consciência política. Talvez por isso, vivi o acontecimento sem emoção, e antes com a vaga ideia, que pairava então nos espíritos mais simples, de que em boa hora o Exército intervinha para pôr cobro aos desmandos das lutas partidárias geradoras da instabilidade governamental, e reconduzir o País á normalidade constitucional.

Foi ainda com certa confiança que, dois anos volvidos, ouvi o prof. Salazar, fazer solenes promessas de realizar uma *política de verdade, de sacrifício e nacional.*

Tempo decorreu até que viesse eu, já com espírito crítico interessado, a reviver aqueles acontecimentos e os que se lhe seguiram, e a sobre eles meditar, para então me convencer de que, afinal, o movimento de 28 de Maio com as directrizes que tomara não trouxera nada do que se esperava e convinha ás tradições e índole do povo português. Em vez de ditadura passageira, destinada a despertar o vivo sentido das responsabilidades, a ditadura tornava-se duradoira e desvirtuava-se para direcções que nada tinham de comum com o pensamento que a determinara. Gomes da Costa, com residência fixa na Madeira, foi impedido de limitar a revolução aos seus objectivos iniciais, e outros puderam aproveitá-la e desvirtuá-la em prejuizo das nossas instituições republicanas. Sob o influxo antidemocrático da revolução fascista italiana, e no clima resultante do advento do nazismo alemão e da intervenção do «eixo» a implantar a ditadura do Franco em Espanha, fria e lentamente se foi operando em Portugal o desvirtuamento com que a revolução se iniciou, e o prof. Salazar julgou ter a Europa encontrado nas ditaduras em voga a fórmula política do futuro. Com tal convencimento, não hesitou afirmar em 1934 a sua descrença na democracia e nos parlamentos, chegando mesmo á previsão profética de que, salvo qualquer retrocesso, dentro de vinte anos deixaria de haver assembleias legislativas, tornando-se as ditaduras um regime em si.

Nesse tempo isso era desculpável a um ditador.

O descontentamento interno era enorme, mas, mercê do fatalismo geográfico e político da época e da revelada eficiência dos métodos, que, com o apoio de forças armadas e os abafadores da censura á Imprensa e de uma Polícia política activa, asseguravam a qualquer minoria o domínio e a imposição da sua lei á maioria, não se anteviam então probabilidades de qualquer viragem próxima. Por isso, àparte algumas tentativas de origem puramente militar, não se esboçou qualquer organização ou manifestação das forças oposicionistas, limitando-se o País a assistir alheado, mas no fundo preocupado, ás paradas espectaculares e preparadas «manifestações espontaneas» com que se procurava dar a impressão da popularidade que convinha.

As forças do mal, postas em marcha, não podem deter-se. Por isso a belicosidade dos regimes de força,—as ditaduras mais fortes—teve que bater-se com a força moral das democracias, regimes de direito, numa guerra de destruição, para a qual, por motivos mais de táctica do que de outra natureza, terminou por ser também arrastada a Russia.

Já em plena guerra, o prof. Salazar reincidia e agravava os seus erros de previsão política, proferindo em Junho de 1942 frases como as seguintes:

—«Ninguém pode aceitar seriamente a pretensão de que esta guerra tenha nascido com a finalidade ou se tenha desenvolvido com o propósito de repor regimes políticos gastos ou banidos».

—«Se há facto demonstrado pela experiência, é que a democracia e o liberalismo se esgotaram no ultimo século».

—«Tão forte foi o sentimento de insuficiência das instituições em vigor que a Europa mudou politicamente de aspecto em poucos anos, sem negar que a imitação tenha no facto alguma influência, devemos sobretudo crer que as mesmas necessidades fizeram nascer aspirações que por toda a parte quase tomaram corpo em formas semelhantes e generalizadas concepções aproximadas».

Quer dizer: em 1942, o sr. presidente do Conselho continuava convicto de que a democracia e o liberalismo *eram regimes gastos e banidos*, que se haviam esgotado no ultimo século, para dar lugar ás «*formas semelhantes* e *generalizadas* concepções *aproximadas*», que eram as *ditaduras* em vigor, e que seriam os regimes de futuro.

Contra todas as previsões do prof. Salazar, a guerra terminou em 1945, com a extinção das ditaduras mais fortes (as tais formas semelhantes ás de Portugal e de Espanha) e com a reposição e reabilitação das democracias, regimes que cedo mostraram não estarem *gastos* nem *banidos*, nem se haverem esgotado no *ultimo século*.

Os momentos de libertação da humanidade, inerentes a tão magnos acontecimentos não se limitam por fronteiras. Portugal viveu-os na grandeza e espontaneidade do Movimento de Unidade Democrática, que galvanizou e empolgou o povo português, e apesar das violências e opressões com que, a certa altura, o Governo procurou abafá-lo, outros em sua continuação se lhe seguiram, e é nele ainda que nós encontramos a certeza de que o País está dormente, mas não morto, e de que há no seu descontentamento reprimido e na plena consciência das liberdades fundamentais que nos negam a força propulsora que é a garantia da nossa libertação.

Em 7 de Outubro de 1945, dias depois de iniciado aquele Movimento, proferiu o chefe do Governo outro discurso em que, sem esconder o seu desapontamento, expressamente reconhecia:

—que a guerra terminara com a bandeira da vitória a trapejar ao vento da democracia;

—que não se pode governar contra a vontade persistente de um povo, competindo a este dizer quando se deve mudar de sistema;

—que para tal se torna em certos momentos necessária a consulta ao eleitorado, convidando-o a escolher os seus representantes;

—que é essencial á dignidade do Governo que existam de direito e de facto as condições de seriedade, de segurança e de liberdade, correspondentes á magnitude do acto.

E' este sem duvida um dos seus mais notáveis e lucidos momentos. Com actualidade e compreensão das realidades, ali se aceitavam factos e conceitos antes menosprezados, e acreditou ainda a minha ingenuidade, que o chefe do Governo, penitenciando-se dos erros de visão política atrás assinalados, corajosamente aceitava as realidades em que antes não acreditara, e anuia a princípios que não eram seus, mas a que reconhecia não poder sobrepor-se.

Parecia chegada a oportunidade de o País julgar a acção governativa de vinte anos, e livremente decidir se havia que prosseguir no rumo encetado, ou escolher novo rumo e com ele novos representantes.

Asim não aconteceu.

Mal refeito da surpresa com que assistiu ao movimento de vibração e entusiasmo com que irrompeu e se afirmou a consciência democrática da Nação, enchendo-se de nomes as célebres listas do *M. U. D.*, o chefe do Governo aproveitou o primeiro momento de hesitação dos dirigentes daquele Movimento, para reinidir medidas de repressão e depuração política, e terminou por fazer as anunciadas eleições, sem existirem, nem de direito nem de facto, as condições de seriedade, de segurança e de liberdade, que ele próprio havia considerado essenciais á dignidade do Governo.

Cabe á História vir a dizer se não terá sido este, entre todos, o mais grave erro político do prof. Salazar, e se não se perdeu então a melhor oportunidade de abrir saída ao beco que, sob o ponto de vista político, resultara da ditadura instaurada havia já vinte anos.

A partir de então, todos os defeitos e vícios de sistema se agravaram. Asim:

a)—Certo de que tinha contra si a maioria da Nação, e a saber quem eram as pessoas de maior responsabilidade que na Oposição se haviam revelado, o Governo, passou a fazer uma política de intimidações, vigiando, perseguindo e por todos os modos tornando a vida difícil aos que mais ardorosos se haviam mostrado naquela primeira luta. Para mais eficiente acção repressiva publicaram-se á pressa, antes da abertura da Assembleia Nacional leis especiais a alargar os Poderes da Polícia quanto á prisão preventiva, cujo máximo passou de 15 dias para 6 meses, e modificaram-se disposições do Cod. Penal, pelas quais passou a ser crime contra a segurança do Estado toda a crítica viva ao Governo, sob o simples pretexto de serem notícias falsas ou tendenciosas susceptíveis de alarmar a opinião publica. Ao seu abrigo têm sido presas centenas de pessoas sem sombra de fundamento, como aconteceu há anos á Comissão Distrital do Mud no Porto, e recentemente a quantos pediram providências quanto aos graves acontecimentos de Peniche, que levaram os presos a deixar de alimentar-se.

b)—Aproveitando-se do conhecimento das pessoas aderentes ao Mud, obtidas pelos jornais, pelas célebres listas, e até por fotografias de sessões, que alguns ministros tinham nas suas gavetas, o Governo não só procedeu a nova depuração nos quadros do funcionalismo publico e corporativo (as próprias Universidades ficam privadas de muitos dos seus melhores professores), como de futuro passou a filtrar o provimento de novos cargos através de informação prévia sobre a atitude política dos concorrentes.

c)—A Organização corporativa, tendo perdido a oportunidade excepcional do período de guerra, sem colher quaisquer benefícios das suas possibilidades reguladoras, continua a asfixiar e anular as qualidades de iniciativa pessoal, a ser um constante motivo de entorpecimento da vida da Nação, aparecendo a cada passo os organismos entregues ás tais comissões administrativas da confiança do oGverno, alheias á classe e ignorantes dos seus interesses.

d)—Ao passo que nos anos do após-guerra, tanto os países livres como os libertados realizaram prodígios de recuperação, proporcionando aos povos o bem estar de uma vida livre e desafogada.

e)—A censura, que se mantinha desde o início, continuou a atrofiar o espírito crítico e criador, passando ao mesmo tempo a ser um princípio de impunidade para os desmandos e abusos, tanto no domínio da administração como da autoridade. Mas juntaram-se-lhe medidas complementares, chegando-se ao extremo de depender de autorização prévia a simples realização de conferências culturais, e as próprias comemorações de algumas datas históricas foram proibidas, como acontece com a data do 1.º de Dezembro, cujo exclusivo de comemoração patriótica foi atribuído á Mocidade Portuguesa

f)—Julgou o Governo essencial, para sobreviver, recusar á Oposição quaisquer meios de contacto ou doutrinação em que pudesse ela organizar-se. Permitido era só, na actividade, a U. N. e, na reserva, a Causa Monárquica, cujos elementos a pouco e pouco se vão apoderando daquela Favorecidos por esta desorganização de agrupamentos democráticos, liberais ou socialistas, haviam de conseguir os comunistas, á custa de uma disciplina e uma mística que lhes permite viverem na clandestinidade, fortalecer e alargar os seus quadros. O Governo não soube nem podia deter a expansão comunista, quer porque perante a doutrinação marxista é impotente a mística do «Salazarismo», quer porque não conseguiu mbelhorar a situação económica de tantos para quem o comunismo é uma solução de desespero. Em grande parte por isso, e um pouco também por circunstancias de ordem externa, a verdade é que o comunismo expandiu-se á sombra propícia desta Situação. Aos que me dizem que em 1926 já havia comunistas em Portugal diria que havia, como na Inglaterra e nos Estados Unidos, por isso sem relevancia nem perigo para as instituições. De resto, se a P. I. D. E. quer realmente ser util ao Governo, indique-lhe as idades de quantos nos seus ficheiros estão rotulados de comunistas, e ver-se-á que a quase totalidade nasceu depois de 1926, ou formou a sua personalidade depois desta data e tendo tantos deles sido educados com a farda da Mocidade Portuguesa. Muitos aderiram ao comunismo porque não conheceram outras organizações progresivas, e só por isso.

g)—Nos vários actos eleitorais, posteriores a 1945, sempre o Governo iludiu a Nação, fazendo simulacros de eleições, sem o mínimo de condições de seriedade, que naquele ano se haviam prometido. A simples apresentação de quaisquer candidaturas por parte da oposição, nunca foi olhada como legítima nem pelo Governo, nem pela U. N. O ataque é sempre o mesmo: ou nos chamam comunistas e dizem que fazemos a propaganda com rublos trocados de fresco, ou nos responsabilizam por quanto de mau aconteceu em Portugal, tanto nos conturbados 16 anos de Republica, como nos recuados tempos da guerra peninsular, e até por certo, da desastrada aventura de Alcácer-Kibir. Quanto aos seuns candidatos, nunca a propaganda da U. N. se fez á volta do que ele são e valem, ou do que podem fazer, mas sempre e apenas em nome do espírito e disposição para cumprir as ordens de *quem manda:* Salazar, Salazar, Salazar. Chegou-se já ao cumulo, e quando das ultimas eleições presidenciais, de apresentar um vistoso cartaz do actual chefe de Estado, com a legenda: *o candidato de Salazar.*

h)—Temos uma constituição. Mas os direitos e garantias que nela se consignam, são letra morta.

Perante este sombrio enunciado, e os equívocos com que tantos falam em *democracia* e em *liberdade*, não resisto a deixar a mensagem de Churchill ao povo italiano, em 1944, após a sua derrota, e em que se lhe dizia: «Há uma ou duas provas práticas pelas quais pode ser conhecido em tempo de paz, o que significa a liberdade.

«Existe o direito de livre expressão de opinião e oposição e crítica ao Governo dentro do poder?

«Tem o povo o direito de derrubar o Governo com que não concorda, e dispõe de meios constitucionais pelos quais possa manifestar a sua vontade?

«Serão tratados justamente tanto os ricos como os pobres, tanto os particulares como os funcionários do Governo?

«São os direitos dos indivíduos, dentro dos seus deveres para com o Estado, mantidos, afirmados e exaltados?

«Estão o camponês ou o operário a ganhar o suficiente para viver com a sua labuta diária e a trabalhar para criar uma família livre, de modo que qualquer horrível organização policial sob o domínio de um só partido, o agarre por um braço e o leve sem julgamento publico ou justo para o cativeiro e maus tratos?».

Acaso existirá alguma coisa disto em Portugal?

A' consciência de cada um, no recolhimento da sua meditação deixo a resposta.

A concluir: tenho ouvido dizer a muitos, inclusivamente ao chefe do Governo, que não é satisfatório o que se conseguiu até hoje. E' de crer.

Se não conseguiu o reclamado objectivo de fazer com que os ricos se tornassem menos ricos para que os pobres ficassem também menos pobres; se não conseguiu proporcionar aos Portugueses aquele mínimo de desafogo e bem estar, que pode preservar os povos do comunismo; se não teve a visão política que o defendesse dos graves erros de ter contado com o desaparecimento de assembleias legislativas, como a que agora quer eleger, e a substituição dos regimes democráticos e liberais, pelas ditaduras tornadas em forma de regime definitivo, se realmente não está nem pode estar satisfeito, por que não há-de ao menor proporcionar ao País, como lhe prometeu em 1945, a oportunidade de dizer se se deve prosseguir ou mudar de sistema e de representantes, assegurando-lhe para isso as condições de seriedade, de segurança e de liberdade, correspondentes á magnitude do acto, e essenciais á dignidade do Governo?

De contrário, quanto mais volumosos forem os numeros com que o Governo anuncie a sua vitória, maior será o seu descrédito perante a Nação».

LEIA COM ATENÇÃO
COMPRIMIDOS
TESTISAN
TÓNICO MASCULINO
De acção sobre orgãos responsáveis pelo equilibrio psicofísico do individuo, TESTISAN traduz a actual concepção da terapêutica americana no tratamento da senilidade precoce e da insuficiência glandular do género masculino. Envia literatura elucidativa FCA Avenida de Paris, 2, Lisboa

O PORTO pelo telefone

Prisão dum casal de larápios

PORTO, 3—No dia 30 de Outubro findo foram presos pela brigada da secção de Justiça da P. S. P. a serviçal Laurinda Pinto dos Reis, de 23 anos, e o seu amante, Gustavo da Silva Castro, solteiro, de 23 anos, enfermeiro, ambos sem morada certa. A Laurinda foi presa por suspeita de ser autora dum furto de joias no valor de 30 contos, praticado na casa do seu patrão, o capitão Artur Luis Teixeira, morador na Rua D. Manuel II, 32.

Após interrogatório, a Laurinda confessou o furto, pretendendo encobrir a conivência do amante, mas acabando por confessar que foi ele quem a instigou á pática do crime. Alguns objectos foram apreendidos e as joias de maior valor foram vendidas em Lisboa, Ovar e Figueira da Foz. A Polícia apurou ainda que a Laurinda esteve empregada em Lisboa, como criada, numa casa da Avenida Rovisco Pais, 32 ou 35, donde se ausentou após ter ali furtado um cofre e algumas roupas. Também numa casa de dormida, na Praça do Arieiro, 6, rés-do-chão, onde ambos pernoitaram, furtaram as roupas da própria cama. Os presos foram entregues á Polícia Judiciária.

Hermínia Silva

Num restaurante desta cidade está a decorrer, á hora a que telefonamos, um almoço á atriz Hermínia Silva, que lhe é oferecido por todos os elementos da companhia com que actua no Sá da Bandeira. Estiveram presentes outras pessoas da amizade da homenageada e representantes da Imprensa.

Morreu afogado um pescador

Esta tarde, quando se encontrava a pescar junto da ponte D. Maria Pia, caiu ao Douro e morreu afogado o trabalhador António de Sousa Fortes, residente em Vila Nova de Gaia, cujo corpo ainda não se encontrou, apesar das pesquisas efectuadas por vários barcos.

O tempo e a agricultura

Baixa o preço do vinho

ALMADA, 2.—O vinho da nova colheita, devido á sua abundancia, baixou já o preço, baixa que deverá acentuar-se.

No entanto, em Almada, alguns vendedores, menos conscienciosos, mantêm ainda o antigo preço de 4$00 e mais, por cada litro.

DR. MATOS SOUSA
RETOMOU A CLÍNICA

VIDA ARTÍSTICA

O grande êxito da exposição do Grupo de Artistas Portugueses

A qualidade e quantidade de atentos e interessados visitantes á actual exposição do Grupo de Artistas Portugueses, no salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, evidencia o seu êxito, provando subsistir o sentido estético entre portugueses cultos e sensiveis.

Centenas de pessoas têm visitado o grande salão de Arte, tendo já adquirido dezasseis de entre as seleccionadas telas expostas. Justifica muito o interesse do publico a circunstancia de terem concorrido a esta exposição categorizados velhos e novos artistas. A exposição está patente das 11 ás 19 horas.

EXPOSIÇÃO FILATÉLICA

em Vila Franca de Xira

VILA FRANCA DE XIRA, 2—Está marcada para o dia 8, ás 16 horas, a inauguração da I Exposição Filatélica de Vila Franca de Xira, patente na sala de leitura da Biblioteca-Museu Municipal. No acto, fará uma palestra sobre o significado da iniciativa o sr. dr. A. J. Vasconcelos de Carvalho, presidente do Clube Filatélico de Portugal.

Bifes à cortador, Oh! Lacerda
Avenida Berna, 36-A, modernizado, aguarda a visita dos seus clientes

NOTA SEMANAL

Ensino técnico
e produtividade do trabalho

O trabalho é, como se sabe, o factor que decisivamente condiciona a evolução do rendimento nacional, e dele depende, por isso, em larguissima parte, o nivel de vida e o bem estar das populações; é pois do maior interesse conhecer até que ponto se promove a sua valorização técnica, de modo a que ele possa contribuir para um maior desenvolvimento da economia nacional.

Quer na actividade agrícola, quer na industrial, depende da mão-de-obra, ou seja, do trabalho aplicado na produção, não só a qualidade dos bens produzidos, mas ainda a própria quantidade; tanto esta como aquela são função de conjunto de aptidões e conhecimentos técnicos da mão-de-obra utilizada ou, por outras palavras, do grau de eficiência e de especialização do trabalho.

Este problema tem sido uma das preocupações constantes dos governos de todos os povos que procuram obter, através do aumento de nivel da produção, uma melhoria das respectivas condições de vida. E assim, desde os países de estrutura capitalista até aos que enveredaram pelo caminho do socialismo, todos têm procurado formar o maior numero possível de trabalhadores especializados, principalmente operários fabris, quer pondo á sua disposição um ensino técnico á altura das necessidades nacionais de produção, quer dando ao trabalhador, paralelamente, uma maior segurança no trabalho.

O ensino técnico surgiu assim como um meio de aumentar a capacidade produtora do trabalhador e constitui a base necessária de todos os projectos e de todas as concepções que modernamente se têm posto em prática com vista a incrementar a produtividade do trabalho.

Reconhecida, no nosso País, a necessidade urgente de uma melhoria do nivel de vida da população, é óbvio que o ensino técnico deveria ser chamado a dar o seu importante contributo para a consecussão de tal fim. Sendo o desenvolvimento das produções industrial e agrícola a verdadeira mola impulsionadora do nosso progresso económico, lógico seria, de facto, que se procurasse encaminhar para as escolas técnicas respectivas o maior numero possível de alunos. Verifica-se, porém, que a frequência actual de alunos nas escolas de ensino técnico elementar, complementar e médio, não é de molde a fazer prever um amplo e rápido progresso da tecnicidade do trabalhador português.

Segundo o Anuário de Estatística da Educação referente ao ano lectivo de 1951-52, do Instituto Nacional de Estatística, o numero de alunos inscritos no ensino técnico profissional, em escolas oficiais e particulares do País, era de 39.001, dos quais sómente 12.622 estavam inscritos no ensino industrial, e 717 no agrícola. Dos restantes, 16.345 diziam respeito ao ensino comercial, 8.113 ao técnico elementar, 699 á enfermagem, 184 ao serviço social, e 321 ao ensino náutico.

Estes numeros evidenciam claramente a modéstia e a fraca expansão do ensino técnico profissional entre nós, e mostram ainda que ele não tem atraído de modo predominante, como seria desejável, o operário e o trabalhador rural. Na realidade, o numero de alunos inscritos no ensino comercial é superior ao dos inscritos no ensino industrial, e o numero dos que seguiram o caminho da agricultura é extremamente diminuto para um país cuja maior parte da população vive da lavoura e ainda segue, na sua grande maioria, processos de cultivo rotineiros e atrasados.

Acresce ainda que a frequência das escolas técnicas tem vindo a decrescer sensívelmente de ano para ano. É este, sem duvida, um aspecto grave do problema. De facto, de 41.904 inscritos no ano lectivo de 1940-41, nos ensinos técnicos elementar, complementar e médio, passou-se para 40.559 em 1949-50 e para 38.993 em 1951-52. Nos mesmos anos o numero de alunos inscritos nos ensinos complementar e médio industrial era, respectivamente, de 20.359, 12.808 e 12.622, e o de inscritos no ensino agrícola passava de 746 para 721 e para 717.

É evidente que esta situação significa um perigoso retrocesso e deve ser estudada nos seus vários aspectos e nas suas causas determinantes. É evidente, também, que não depende apenas da escola —talvez mesmo não depende principalmente da escola—a actual debilidade do nosso ensino técnico profissional.

Com efeito, só uma industria e uma agricultura progressivas e desejosas de renovar a sua técnica e os seus métodos de trabalho poderão oferecer emprego adequado aos trabalhadores saídos das escolas técnicas, permitindo-lhes utilizar, na vida prática, os conhecimentos adquiridos em anos de estudos.

Dos alunos que nestes dez ultimos anos frequentaram o ensino técnico profissional, 12.312 completaram cursos industriais, 1.083 concluiram cursos ligados á agricultura e 16.584 sairam para actividades no comércio. Sabendo-se que, segundo o Censo de 1950, havia neste mesmo ano 1.519.759 trabalhadores rurais e 617.853 em actividade nas industrias extractivas e transformadoras, fácilmente se verifica a debil influência que o ensino técnico profissional actualmente pode ter no desenvolvimento da produtividade nacional. Ora para que esta aumente, que o mesmo é dizer, para que aumente o nivel de vida da população portuguesa, é indispensável criar as condições necessárias para que a grande maioria do operariado e dos trabalhadores rurais possa adquirir, através das escolas técnicas, uma base de conhecimentos e uma familariedade com os modernos métodos de trabalho que lhes permita alcanaçr maior especialização e eficiência nas suas tarefas futuras.

Somos assim levados, paralelamente, a conceber a necessidade de uma orientação devidamente planeada das actividades económicas nacionais, no sentido da sua maior racionalização e modernização, de forma a assegurar o máximo aproveitamento dos nossos recursos por uma mão-de-obra mais especializada e mais consciente das suas possibilidades.

Não pode ignorar-se, tão pouco, que a actual insuficiência do ensino técnico entre nós resulta, em larga medida, do baixo nivel de rendimentos das classes trabalhadoras. Apertado pelo seu fraco poder de compra e posto em face do actual nivel de custo das propinas escolares, o operário e o trabalhador rural muito difícilmente tem a possibilidade de frequentar os cursos técnicos ou fazêlos frequentar pelos seus filhos.

MANUEL BELLO

HÁ 30 ANOS

Reinaldo Ferreira

Reinaldo Ferreira desligara-se do *Correio da Manhã*, orgão dos monárquicos, e publicava, no *Diario de Lisboa* de 3 de Novembro de 1923 uma carta em que explicava que o afastamento resultara dum artigo que publicara no diario madrileno «La Libertad», intitulado «Reflejos de la dictadura» e no qual afirmava que «a Republica é o ideal politico com maiores raizes em Portugal» o que— dizia Reinaldo Ferreira— justifica e torna muito lógica a atitude do *Correio da Manhã*, a qual seria imitada por qualquer jornal republicano, em caso que um colaborador seu fizesse declarações contrárias á sua politica. Por outra lado, não tendo eu tomado compromisos politicos com o *Correio da Manhã*, onde fui simplesmente um profissional, não posso ser acusado de deslealdade».

A ecónomia de Angola

A propósito das recentes disposições, foi recebido, no gabinete do ministro do Ultramar, o seguinte telegrama:

«A Associação Industrial de Angola, numa reunião ontem, não podendo ficar alheia aos grandes problemas de ordem económica que afectam agricultura da Provincia, grande base da sua industrialização, cumprimenta a pessoa V. Ex.ª, agradecendo ao Governo da Nação, as medidas decretadas para protecção sisal, ousando lembrar a grande projecção económica que trariam análogas providencias para situação oleaginosas e outros produtos exportação».

Cabelos sedosos,
leves e brilhantes?
VITAPOINTE

O MUITO É FEITO DE POUCOS
Ganhando menos, consegue-se mais
Grande Ourivesaria da Moda
Rua da Prata. 257

Deram-se novos incidentes
na Alemanha oriental?

LONDRES, 3.—O Governo britanico recebeu relatórios da Alemanha oriental que parecem indicar que se produziram ali alguns incidentes, segundo anunciou um representante do Foreign Office.

Esses incidentes foram em grande parte motivados pela nova campanha da Polícia da Alemanha oriental a fim de reforçar as medidas de segurança, declarou o informador, que acrescentou: «Não estamos habilitados a confirmar as informações de que a agitação seria muito extensa e é possível que tenha havido exagero».—(F. P.).

Um carro da Polícia ocidental caiu nas mãos dos soviéticos

BERLIM, 3—Contam testemunhas oculares que um carro-patrulha da Polícia de Berlim-Oeste em que seguiam dois agentes caiu. esta manhã nas mãos da Polícia popular da zonan soviética, na parte da auto-estrada que a atravessa, entre o limite do sector americano de Berlim e o posto aliado ocidental de Dreilinden.

As testemunhas, que são automobilistas, acrescentam que os agentes foram levados por dois soldados soviéticos armados de pistolas-metralhadoras, e por 4 polícias populares armados de carabinas.—(F. P.).

A luta na Indochina

HANOI, 3—As forças franco-vietnamianas desencandearam ontem mais um ataque contra a cidade de Phunhoquan, a 100 kms. a Sudoeste de Hanoi, apoiadas por blindados e infantaria. Depararam com grande resistencia do adversário a 8 kms. do objectivo e travaram renhidos combates. A artilharia e a aviação tiveram de intervir em massa.—(F. P.).

VENDA DE OLIVEIRAS
que pertencem ao Município

No dia 14, ás 10 horas, efectua-se nos Paços do Concelho a venda de 178 oliveiras existentes em diversas propriedades pertencentes ao Municipio, com o preço base de 30$00 cada árvore. São admitidos lances de 1$50, num só lote. Estas oliveiras estão situadas nas Quintão da Marta, Farinheira, Lagares de El-Rei e Courela do Hermenegildo. Os arrematantes pagarão, no acto, o valor da arrematação. As oliveiras arrematadas deverão ser retiradas até Dezembro, perdendo o arrematante direito ás mesmas. se as não retirar dentro do referido prazo.

OBRAS NAS ESTRADAS

Na Junta Autónoma de Estradas realizaram-se esta tarde dois concursos, o primeiro para construção de pontes sobre as ribeiras de Maria Delgada e de Cobres, no troço entre Castro Verde e proximidades de Mértola, no distrito de Beja: e o segundo para a construção de uma variante na travessia de Viana do Castelo. Estas empreitadas estão orçamentadas oficialmente em 2.366.285$00 e 305.000$00.

NOVO POSTO MÉDICO

Sob o patrocinio do Municipio de Oeiras, inaugura-se, hoje, ás 21 e 30, no edificio da Junta de Freguesia de Carnaxide, em Algés, um novo posto de assistencia médica. Ao acto inaugural estarão presentes os presidentes da Camara, e da comissão concelhia da U. N. e várias outras individualidades.

Continuou hoje
o julgamento
do furto de livros
na Biblioteca Nacional

No 3.º juizo correccional da Boa-Hora, a presidencia do juiz sr. dr. Pinto Coelho prosseguiu esta manhã o julgamento dos cinco individuos incriminados como encobridores dos livros preciosos e raros que foram transportados da Biblioteca Nacional pelo funcionário Ataíde e Melo, já falecido.

Recomeçados os trabalhos, o chefe Antunes Claro, da Policia Judiciária, organizador do processo, concluiu o seu depoimento depois de ter sido largamente instado pelos srs. dr. Manuel João da Palma Carlos, Carlos Homem de Sá, Fernando Calisto e Bettencourt Ataíde, patronos dos réus.

O livreiro Salvador Romana, não se conformando com algumas passagens das declarações do chefe Claro, pediu ao juiz que o autorizasse a esclarecer determinados pontos, os quais, por ele revelados, o juiz entendeu que deviam ser esclarecidos pelo seu patrono durante as alegações.

Por causa de certas divergencias acerca da maneira como foram feitas as buscas, tanto na livraria do réu Romana como na sua residencia, foi chamado a aclarar esses pontos a sr.ª dr.ª D. Carlota Gil Ferreira, que hoje ocupa o cargo do Ataíde e Melo que, por indicação das entidades oficiais, servira de perito aos livros encontrados tanto no estabelecimento como na moradia.

Foi ouvido depois o sr. dr.Anacleto da Fonseca Matos Silva, antigo procurador da Republica junto da Relação, indicado como testemunha de defesa da ré Alice Bastos. Declarou conhecê-la há muitos anos e, há mais de vinte, como curador dos orfãos, teve intervenção directa no inventário por óbito do seu marido. Disse ainda que a ré, a quem fora dada vida de pessoa rica, encontrou-se nessa altura em situação financeira aflitiva, com grande passivo e activo precário, e que dificilmente reunia uns escudos para se manter honestamente, como respeito á memória de seu pai, oficial general, e de seu marido, também oficial superior do Exército, e para manter os seus seis ou sete filhos. Declarou ainda que esta senhora devido ás suas dificuldades, vendia tudo quanto lhe entregavam pessoas de confiança, para assim obter uma comissão.

Essas vendas constavam de objectos de prata, peças de faiança, colcha de seda e livros, nunca lhe passando pela ideia que estes tivessem proveniencia criminosa. E tanto assim que, indo vender os livros á Biblioteca Nacional, tal era a sua boa fé que deixou lá a morada.

Depôs ainda o sr. José Mayer que confirmou o seu depoimento prestado no Torel.

Após pequeno intervalo, a audiencia prossegue durante a tarde e até ás 20 horas.

Continuou o peditório
para as obras contra o cancro

As mil senhoras que, desde domingo, procedem á recolha de óbolos destinados á manutenção da Liga Portuguesa Contra o Cancro, terminam hoje a sua benemérita tarefa, visitando vários lugares publicos da cidade, bancos, estabelecimentos industriais e comerciais, escritórios e estabelecimentos de ensino.

Os donativos recolhidos ontem devem atingir soma valiosa, a julgar pela quantidade de pessoas que acorreram a colaborar com as suas esmolas.

Entretanto, na Liga Portuguesa Contra o Cancro, no Instituto Português de Oncologia, já se encontram alguns cofres, e, das 18 ás 21 horas de hoje, receberão os restantes. A importancia total que o peditório renderá só é conhecida na próxima quinta-feira, depois de se fazer a contagem do dinheiro que cada um dos cofres encerra.

«MONSIEUR» LOUSTIC INAUGURA A EXPOSIÇÃO — **Não é Sindbad, o marinheiro, mas é «Loustic», o macaco. Um macaco esperto, por sinal, este do «zoo» de Notre-Dame, de Paris. E como, dentro de dias, ali se vai realizar a exposição anual de aves, «Loustic», antecipando-se aos senhores encasacados, resolveu inaugurá-la ele mesmo. E, claro, fê-lo á sua maneira de macaco. Por isso, aqui o vemos brincando com dois piriquitos, enquanto um papagaio, de ar solene, parece não se interessar nada pelas macaquices do mamífero. Puseram-lhe uma bandeirinha americana no poleiro e ele, neurasténico, fixa um ponto no espaço, enquanto os seus companheiros se divertem «á grande»... e á francesa, evidentemente.**

Ao eng.º Duarte Pacheco

vai ser prestada homenagem

no dia 16 em Loulé

terra da sua naturaralidade

LOULÉ, 3—Como homenagem de todas as Camaras Municipais do País ao falecido eng. Duarte Pacheco, inaugura-se, no próximo dia 16, nesta vila, um monumento erigido em memória daquele ministro das Obras Publicas.

O acto inaugural revestir-se-á de invulgar solenidade e consta de um programa que já se encontra elaborado. Assim, ás 9 horas, a Camara Municipal de Loulé manda celebrar missa de sufrágio na igreja matriz e, após a missa, na casa onde nasceu Duarte Pacheco, o governador civil de Faro descerrará uma lápida evocativa. A's 14 horas, também na igreja matriz, com a assistência de vários membros do Governo e presididas pelo bispo coadjutor do Algarve, haverá solenes exéquias a grande instrumental. Em seguida, proceder-se-á ao descerramento do busto do eng. Duarte Pacheco, integrado no grande monumento construido em memória do falecido ministro. Nesse momento, devem usar da palavra os presidentes da Camara Municipal de Loulé e de Lisboa, este ultimo em nome dos restantes municipios portugueses.

O monumento destinado a perpetuar a memória do eng.º Duarte Pacheco, fica em Loulé, no topo da Avenida Marechal Carmona, tendo como fundo a frondosa arborização do futuro parque municipal.

A construção, comparticipada pelo Estado e por todas as Camaras Municipais do País, procura simbolizar, nas suas linhas gerais, a obra do ministro, representada por um enorme fuste de coluna, com 5 m. de diamerto, sobre o qual serão gravados, em grandes baixos relevos, 18 motivos representando o seu vasto programa de acção no sector das Obras Publicas.

A 17 m. de altura, o referido fuste apresenta uma brusca quebra de continuidade, simbolizando a trágica interrupção da obra do estadista.

Na base voltada para a praça, que remata a Avenida Marechal Carmona, situa-se um plinto, com 4 m. de altura, adossado ao fuste da referida coluna, na face do qual será colocado um baixo relevo representando a efígie de Duarte Pacheco, fundido em bronze, rodeado por duas grandes palmas esculpidas na cantaria.

A referida coluna, que constitui o motivo principal da composição, assenta sobre uma ampla plataforma circular, com 30 m. de diametro, limitada em metade do seu perímetro por um muro de suporte semi-circular, com 4 m. de altura sobre o qual será gravada a seguinte passagem de uma frase de Salazar, extraída do discurso que proferiu, em 25 de Novembro de 1943, na Assembleia Nacional, após a morte de Duarte Pacheco:

«uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio».

Completam o arranjo geral da composição, duas escadarias dispostas á direita e á esquerda da plataforma circular, permitindo a comunicação directa entre o arruamento que se desenvolve em torno do monumento e a praça que lhe fica em frente.

Tanto o arquitecto autor do projecto do monumento, prof. Luís Cristino da Silva, como os dez escultores que colaboraram na realização plástica desta obra, ofereceram desinteressadamente os seus trabalhos á Nação, como preito de homenagem á memória do estadista e da sua obra. Entre esses artistas figuram os escultores Leopoldo de Almeida, Barata Feyo, Henrique Moreira, Alvaro de Brée, João Fragoso, Martins Correia, Raul Xavier, Anjos Teixeira, António Duarte e Euclides Vaz.

O bronze da efígie do ministro foi tirado de um velho canhão cedido pelo Estado.

E' curioso notar que devido ao limitadíssimo prazo estabelecido para a edificação deste monumento e á impossibilidade de se poder adoptar o sistema usado correntemente no talhe das cantarias, trabalhando-as nas oficinas, resolveu-se esculpir as 250 pedras que formam os 18 baixos relevos que guarnecem o fuste da elevada coluna do monumento directamente sobre os seus paramentos, depois de convenientemente assentes—á maneira francesa.

Este trabalho, que pela primeira vez se executa em Portugal em tão grande escala, foi confiado ao escultor Anjos Teixeira, que á frente de uma seleccionada equipa de competentes canteiros estatuários, se desempenhou brilhantemente dessa difícil missão.

Eça de Queirós

ignorado e depreciado pelo «Times»

LONDRES, 3 — «Nenhum correspondente estrangeiro em Londres—e sempre houve muitos e agora somos 300, diz o do diário madrileno «Ya» nesta capital—escreveu acerca do Reino Unido mais inteligentemente que Eça de Queirós. E com mais graça e mais bom gosto. As suas «Cartas de Inglaterra» que enviava á prensa portuguesa e brasileira quando aqui foi consul, são um prodigio de imaginação. Escapando á influência das delicias da época vitoriana e com uma antecipação de mais de meio século, Eça de Queirós prognosticou muitos dos Imprensa portuguesa e brasileira quando aqui foi nos nossos dias. A Inglaterra, porém, não conhece aquelas «Cartas de Inglaterra», nem pelo visto a obra de Eça de Queirós, nem tem noticia da sua existência. Acaba de o confessar o «Times» na critica que publica de «O Primo Basilio», livro traduzido por Roy Campbell, velho amigo que ha algum tempo trocou em Portugal as armas e as letras pelas letras e pelo arado. Diz o «Times» que, «por uma só obra não se pode julgar este autor português». E seguidamente desdenha ainda os editores pela sua «audácia» de comparar Eça de Queirós a Dickens na apresentação feita do «novo» autor. Pode o «Times» julgar Eça de Queirós como lhe pareça Está no seu direito. O seu ponto de vista é de que se trata dum novelista francês de menor importancia. Mas uma valorização menos patriótica de Dickens, a valorização francesa dos Hugos e dos Dumas do «roman fleuve», levá-lo-ia talvez a uma zona de maior respeito por aquele grande homem de letras de Portugal. O que se não pode admitir é que Eça de Queirós seja ignorado na redacção do diário «mais considerável do Mundo». A Inglaterra devia ter lido Eça de Queirós há mais tempo, há muito mais tempo».—(Efe).

EM 3 LINHAS

O subsecretário da Educação convidou os representantes da Imprensa para uma reunião que se efectuará amanhã e na qual exporá os resultados do primeiro ano de vigência do Plano de Educação Popular.

///

O Ministério dos Negócios Estrangeiros enviou para o «Diário do Governo» o decreto que promove á 2.ª classe o consul dr. Henrique José Vidal Gomes, que vai ser colocado no quadro externo.

///

Foi concedida a medalha de Mérito Militar de 1.ª classe ao brigadeiro aviador Frederico Costa.

///

O dr. João Dias Rosas foi nomeado vogal da Comissão de Coordenação Económica, em substituição do dr. José Penha Garcia.

A exposição dos quadros

do museu de São Paulo

apresentados em Paris

PARIS—OUTUBRO—Com o inicio da «saison» em Paris, os salões do Orangerie apresentam «60 obras-primas do Museu de Arte de S. Paulo».

Chegou o Outono, cinzento de veludo, com os bosques a esfolharem-se em laminas de cobre. Um sol furtivo desquita-se da capital: só os museus, as exposições, oferecem a luz das suas telas aos peregrinos da côr. Esses 60 quadros da Orangerie, provenientes de S. Paulo, são obra de mestres europeus. O Brasil acolheu-os: agora revela-os, em Paris, á Europa. Tem assim esta exposição, para além do valor intrinseco, de ordem artística, um largo significado afectivo: o Brasil reivindica e defende os valores culturais europeus.

Foi Assis Chateaubriand, homem de iniciativa e de visão, que dotou a cidade de S. Paulo com o Museu de Arte de onde sairam estes quadros. Secundado por alguns mecenas brasileiros, bastaram-lhe seis anos para construir, preencher e organizar um museu surpreendentemente moderno que abre as suas portas a todas as artes—musica, teatro, «ballet»—e onde uma nova pedagogia ensaia com firmeza os seus primeiros passos.

Os impressionistas ocupam um lugar de relevo na exposição da Orangerie. De Cézanne, uma admirável construção, grande verdadeiramente pela nobre secura monótona e pela riqueza de volumes: *Rochers à l'Estaque;* e um pinheiro de ramos sinuosos, como que batido por um vendaval barroco, impressionante de força cósmica; um retrato inacabado de Paul Alexis e Zola, em que a imobilidade rígida das figuras se combina com a intensidade da expressão. De Van Gogh, uma tela alucinatória, no seu estilo em turbilhão de louco genial: «O passeio à noite»—um estranho casal, numa natureza encantada, de árvores arrepiantes e cores de puro jogo, o crescente livido, suspenso, num ceu de azul intacto. Outro quadro: em fundo rosa, como num livro de crianças, uma cabeça cruamente desenhada: «A Arlesiana». O pano da mesa é verde e grita com as outras cores: o mesmo gratuitismo estético e infantil, síntese prodigiosa e sedutora de criança, de louco e de artista. No seu pequeno colegial—Camile Roulin—, esgaseado, de boca aberta e pendente, Van Gogh parece revestir de cores estrepitosas o vazio de um estado de alma surpreendido quase com doçura.

Um óleo dos mais curiosos da exposição é um auto-retrato de Gauguin, em que este se confunde com Cristo, num fundo de feitiçaria exótica—quadro misterioso e melancólico pintado pelo artista durante a sua segunda estadia em Tahiti.

O retrato de madame Turpin de Crissé, por Fragonard

De Renoir há uma «Menina das Espigas», uma maravilha de ternura, loira e acetinada, com uns olhos pretos imensos, a boquita quase triste. Em volta, uma seara mosqueada de Sol, noutro plano o verde-azul duma folhagem de floresta. Outras obras notáveis de Renoir são um luminoso retrato das meninas Cahen d'Anvers, em azul e côr de rosa, e uma diáfana «baigneuse» da ultima fase do grande pintor,

(Continua na 15.ª página)

A vida aventurosa

de um velho soldado

LONDRES, 3—O sargento-ajudante William Gotton, de 93 anos, um velho soldado que nunca perdeu o seu amor pelas batalhas, chegou aqui, vindo da Africa do Sul, para passar os ultimos anos da sua vida como internado no Hospital Real de Chelsea.

Cotton entrou pela primeira vez em combate em 1893, na Africa do Sul. Aos 79 anos, ganhou o dinheiro para a sua passagem para a Inglaterra a trabalhar a bordo e ofereceu-se como voluntário para o Exército em 1939. Foi rejeitado, mas ia perdendo a vida, ao ser torpedeado o navio em que regressava á Africa do Sul. Passou cêrca de duas horas na água até ser recolhido.—(R.).

Toma posse amanhã

o novo governador

da província de Cabo Verde

Como foi já noticiado, o sr. dr. Manuel Marques Abrantes Amaral toma posse, depois de amanhã, do cargo de governador de Cabo Verde. O acto, marcado para as 11 horas, efectua-se no gabinete do ministro do Ultramar.

O ALMOÇO SEMANAL

do Rotary Clube

No almoço semanal do Rotary Clube de Lisboa que hoje se efectuou na Casa do Alentejo, foi orador o sr. dr. Fernando de Pádua, que há pouco regressou dos Estados Unidos, onde, durante um ano, frequentou um Curso de especialização em Cardiologia, sob a orientação de alguns dos mais famosos professores americanos.

O conferencista, que intitulou a sua palestra «Impressões de um Bolseiro rotário na America», começou por exprimir os seus agradecimentos ao Rotary Clube de Lisboa e a Rotary Internacional Foundation, de Chicago, a quem, como a seu tempo noticiámos, deveu a concessão da sua Bolsa, a primeira jamais concedida para Portugal.

O camelo não estava bom

DAMASCO, 3.—Setènta e quatro pessoas foram internadas nos hospitais depois de comerem carne de camelo em mau estado. O estado de alguns dos intoxicados seria grave.—(F. P.).

ANNA MARAVILHAS

Participa que a passagem de modelos «Boutique» é transferida para dia a marcar.

R. Marquês da Fronteira, 117, 3.º — Telef. 47412

NOVO!

O "DISPENSER" GILLETTE DE 10 LÂMINAS

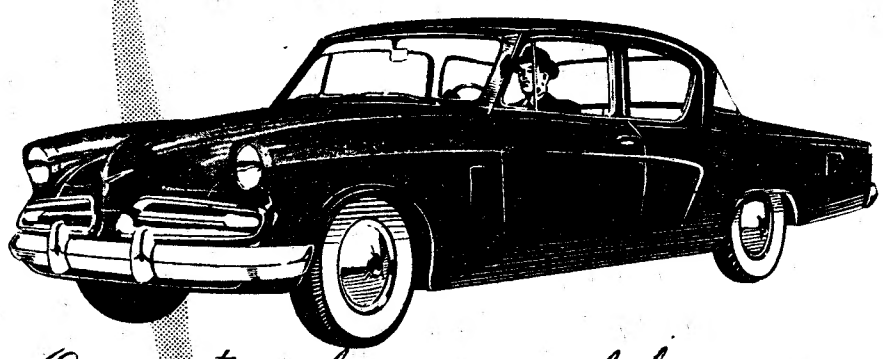
Gillette

proporciona-lhe a maneira de se barbear melhor, sem aumento de despesa!

Mais uma vez, Gillette dá explendidas nottcias a quantos se barbeiam a si próprios. Aqui está, agora, o novo "dispenser" com 10 Lâminas Gillette Azuis *já desembrulhadas*. Num ápice, dispõe de uma nova lâmina. Acabaram-se as complicações com as lâminas velhas – basta mete-las no compartimento do "dispenser" que lhes é destinado. Não se esqueça que, este precioso auxiliar dos que se barbeiam, não custa nem um centavo mais do que o preço das lâminas na velha embalagem.

Lâminas Gillette Azuis

STUDEBAKER



O único automóvel americano com linhas europeias

PARA ENTREGA IMEDIATA

O MAIS SENSACIONAL AUTOMÓVEL CONSTRUÍDO ATÉ AGORA
• SUPERIOR EM TÉCNICA •
• SUPERIOR EM ELEGÂNCIA •

REPRESENTANTES C. SANTOS LDA. 29, AV. DA LIBERDADE, 41 · LISBOA

BOLBOS

DAS MAIS LINDAS FLORES

Informamos os nossos Exm.os Fregueses de que já recebemos os bolbos de plantas floriferas, cuja lista com preços, descrição e instruções resumidas sobre a cultura das variedades recebidas, se remete absolutamente grátis, a quem a pedir.

Jerónimo Pereira Mendes & C.ª
Especialistas de sementes
Praça da Figueira, 2-C, 2-D e 2-E
LISBOA

SEMANA DA FERRAMENTA

PREÇOS SENSACIONAIS!

Alicates, almotolias, berbequins, brocas, buris, corta-tubos, escalas, fitas-métricas, martelos, machos, mandris, niveis, punções, rebolos, serrotes, tarrachas, tornos de bancada e outras coisas mais,

A PREÇOS COLOSSAIS!

Chaves de boca, chaves de lumeta, chaves de caixa, chaves de tubo, chaves de fenda, etc., etc.

A PREÇOS EXCEPCIONAIS!

Equipamentos para Garagens e Estações de Serviços. Elevadores, máquinas de lavar e baterias de lubrificação. Máquinas e Motores.

PREÇOS ESPECIAIS

P. G. L. AV. DA LIBERDADE, 28

Aromático! Leve! Saboroso

PÉ DA VINHA

CALDEIRA, LDA

R. VALE FORMOSO BAIXO, 94 - TEL. 39179 - LISBOA

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
ESC. VALENTIM DE CARVALHO, Lda
95, Rua Nova do Almada 99
LISBOA

O «Diario de Lisboa» vende-se, na Amadora, no Bazar Bébé

Não receie a viagem

Mande reservar imediatamente um lugar no «Foguete» que circula entre Lisboa e Porto e tem ar condicionado.

Comodidade — Segurança e Velocidade.

Vida cara não?...

REFEIÇÕES COMPLETAS COM VÁRIOS PRATOS A ESCOLHA, A 7$50. SALA TÍPICA E AREJADA SÓ NA LUZITANIA-BAR, T.ª DA GLÓRIA, 23

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

"SANTA MARIA" * "VERA CRUZ"

LINHA AMERICA DO SUL

Serviço rápido de luxo com escala por FUNCHAL

PAQUETES	DESTINOS	PARTIDAS (às 12 horas)
«SANTA MARIA» VIAGEM INAUGURAL	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	12 de Novembro
«VERA CRUZ»	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	28 de Novembro

LISBOA — R. DE S. JULIÃO 63
Telefones n.os 30131 a 30138
PORTO — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 23342

Colchões de arame «Boa Noite»
Colchões de molas «Sonoflex»
Colchões de espuma «Dunlopillo»
Colchões de sumauma, lã, crina, etc.
Camas articuladas e divãs
Cadeiras e sofás-camas (Transformáveis)
Armários-cama (transformáveis)
Beliches para 2 e 3 pessoas
Almofadas e coxins de molas para todos os fins
Almofadas «Dunlopillo» para embarcações, automóveis, motos e todas as cadeiras

são especialidades da antiga

CASA FIGUEIREDO

FUNDADA EM 1864
215-217, RUA DA PRATA
TELEF. 27606
Orçamentos grátis sem qualquer compromisso

PREVINA-SE

Contra as mudanças do tempo. Os caramelos Seivomel são deliciosos e protegem a saude.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias—Venero—Sífilis
Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas. Telefone 2 9062

Sociedade Geral

O n/m «ANA MAFALDA»

para: **Bissau, Praia e S. Vicente**
(Via Leixões)

Carrega na Doca de Alcantara nos dias 5, 6 e 7 para sair a 10 do corrente

Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Chamamos a atenção dos senhores passageiros para a disposição em vigor acerca do transporte de bagagens

ANGOLA/NORTE EUROPA (Carreira Regular)

O n/m «**ANTONIO CARLOS**» carrega nos portos de Angola, e S. Tomé se convier, para os portos do Norte da Europa na 2.ª quinzena de Novembro.

Tratar em:

LISBOA,	**Rua do Comércio, 39**	**Tel. 30551**
PORTO,	**Rua Sá da Bandeira, 82**	**Tel. 27363**

O momento político

Uma nota
do Ministério das Obras Públicas
referentes a afirmações da Oposição no Porto

Do gabinete do sr. ministro das Obras Publicas recebemos a seguinte comunicação:

«Com o n.º LIII, formula a Comissão Eleitoral da Oposição Democrática do Porto a seguinte pergunta:

«Quais as razões por que se tem feito a adjudicação de Obras Publicas e Municipais, de elevado custo, bem como a elaboração dos seus respectivos projectos por simples ajuste particular e não por concurso publico, em que pudessem participar todos os arquitectos, engenheiros, construtores, etc.».

Esclarece-se:

1.º—Não é de facto norma corrente, entre nós, a abertura de concursos publicos para a elaboração de projectos. Estes são confiados directamente a técnicos idóneos, mediante honorários fixados de harmonia com a tabela aprovada por despacho ministerial de 17 de Janeiro de 1940, salvo rarissimos casos—de estudos de excepcional responsabilidade—em que, com a aprovação do Conselho de Ministros, se estabelecem, para o trabalho, condições especiais de realização e remuneração;

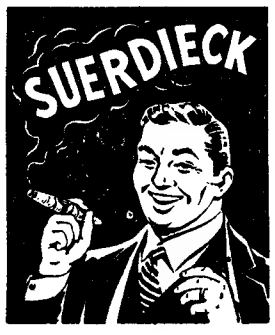
2.º—Na execução de obras, já o caso é, como não podia deixar de ser, diferente: A regra geral, aliás imposta por lei, consiste na adjudicação mediante concurso e contrato, só em casos muito especiais se admitindo excepções, aliás sempre devidamente justificadas.

Para se esclarecer a insinuação contida na citada pergunta da Comissão do Porto, pediu-se-lhe, através do senhor governador daquela cidade, para concretizar quais foram as *obras publicas* de elevado custo cuja adjudicação sem concurso publico lhe parece criticável».

As sessões de propaganda
da União Nacional

Sob a presidência do sr. prof. doutor Mário de Figueiredo, realiza-se, hoje, pelas 21 e 30, em Aveiro, no Cine Teatro Avenida, a anunciada sessão de propaganda eleitoral, promovida pela União Nacional. Usarão da palavra os srs. dr. Paulo Cancela de Abreu, dr. Joaquim de Pinho Brandão, prof. dr. Mário de Araujo e Albuquerque e dr. Manuel Homem Ferreira.

Amanhã, no Porto, sob a presidência do sr. eng.º Augusto Cancela de Abreu, presidente da comissão executiva da União Nacional, realiza-se no Coliseu daquela cidade uma sessão de propaganda eleitoral promovida por aquele organismo político. Serão oradores os srs. prof. doutor António de Almeida Garrett, dr. José Gualberto de Sá Carneiro, major Jorge Botelho Moniz, prof. eng.º Daniel Barbosa, e major Paiva Faria Leite Brandão.



O CHARUTO QUE SE FUMA COM PRAZER

A' venda em todas as tabacarias

Rep. R. S. Contreras, Lda.
R. da Glória, N.º 4-2.º

Recintos de diversões

No Ritz Clube estreou-se ontem a bailarina acrobatica Miss Theissy, que alcançou um grande sucesso.

CARPETES

Precisa de mudar de côr ou limpar? Os mais especializados

TINTURARIA PORTUGALIA

R. da Misericordia, 75-77 — Tel. 23221

Fábrica: *Rua D, á Calçada da Boa Hora*

A resposta de Cunha Leal
ao Ministério da Economia

(Continuação da 1.ª página)

opiniões do sr. ministro são radicais e inabaláveis e por ele consideradas como «razões objectivas» com «carácter probatório». Têm-se, por exemplo, escrito sobre o problema das tarifas de energia eléctrica volumes sem conto, sobre os quais os interessados e os simples estudiosos se têm ávidamente mergulhado para se fixarem numa orientação com carácter defensável. Pois, ao que parece, o sr. ministro, no meio das canseiras da sua tarefa administrativa, teve ainda lazeres para estudar tão atentamente o problema que a si próprio se reputa como o homem, que em Portugal, o conhece mais a fundo!

Mas, sem mais dilações, passo a entrar na matéria.

Elaborou o Governo da Nação a projecto de proposta de lei n.º 519 e, dentro da mecanica constitucional do regime, foi sobre esse documento pedido á Camara Corporativa o seu parecer. *Lê-se nele que «é em matéria de electricidade que a Camara Corporativa encontra maior motivo de divergência em relação aos numeros e conclusões do Plano de Fomento no que se refere ao continente e ilhas adjacentes».* Citaremos algumas destas divergências:

1) Discorda do volume dos «deficits» de energia eléctrica do País, que, no tocante aos anos de 1953 e 1954, são previstos pelo Plano.

2) «Considera muito difícil ter uma Central no Douro a trabalhar em pleno no ano de 1958, como se prevê no Plano».

3) Conclui que necessitamos «de novas fontes hidráulicas em 1955. 1956 e 1957, o que o Douro manifestamente não pode satisfazer por falta de tempo», propondo «por isso, a conclusão dos sistemas do Zêzere e Cávado, respectivamente em Bouçã e Paradela».

3) Aponta, como «falta grave» do Plano, «o ter previsto a satisfação do consumo até 1958 e não ter considerado que é necessário muito antes disso começar a construção de nova fonte para cobrir o aumento da procura a partir de 1959; e, a não se fazer assim, teríamos, a seguir a este ano e por um período de quatro ou cinco anos (tempo de construção de uma unidade grande), a impossibilidade de servir esse aumento. Seria uma perturbação enorme e um descrédito para a obra de electrificação e para o planeamento do seu programa. E' para cobrir esta lacuna que a Camara Corporativa propôs a construção de uma Central no Douro».

Nascido assim coxo e imperfeito, o Plano foi rectificado em parte, de acordo com as indicações da Camara Corporativa, mas, mais tarde, surgiram profundas divergências quanto ao merecimento da sua contextura, depois destas modificações.

Ninguém ignora que somos um país de chuvas irregulares dentro de cada ciclo meteorológico. Fixada a média das precipitações anuais do ciclo, verifica-se que há anos em que elas se mantêm acima desta média e outros em que se mantêm abaixo. E a primeira conclusão, que se impõe, é a de que, para corrigir os aparentes caprichos pluviais da natureza, convém armazenar, ao menos, uma parcela dos excedentes das chuvas em certos anos, em albufeiras de regularização interanual. Na bacia hidrográfica do Tejo caberia esse papel á discutida barragem do Alvito, não mencionada no Plano, para a qual seria desviado, parcialmente, o caudal do Zêzere. A ser assim, teriam de ser introduzidas correcções no aproveitamento hidroeléctrico desta bacia.

Além disso, nos aproveitamentos hidráulicos em regime de albufeira ou a fio de água nos grandes rios, como o Tejo e o Douro, não são coincidentes as fases anuais de maior e menor capacidade de produção de energia eléctrica. Compreende-se, pois, que a ordem de precedência destes aproveitamentos deva obedecer a uma cuidadosa sistematização, se se quiser corrigir ao máximo os efeitos da irregularidade dos fenómenos pluviais e reduzir ao mínimo a necessidade de apoio de centrais térmicas.

E' natural, por conseguinte, que surjam modos de ver discordantes no tocante a estes problemas, não importando aos estudiosos, nem pouco, nem muito, a cor política dos técnicos que se dediquem a profundá-los e a examiná-los em todas as suas minucias. Não se trata de desservir o interesse nacional, para satisfação de rancores mesquinhos.

O professor Manzanares Abecassis, nas suas conferências sobre este problema na Ordem dos Engenheiros, invocou a sua qualidade de professor do Instituto Superior Técnico e quase se arrogou da representação do magistério da sua Escola, para defender no problema dos aproveitamentos hidroeléctricos orientação diversa da do Plano de Fomento. O sr. Araujo Correia, que é alguém nos meios situacionistas, desde sempre vem mostrando neste capítulo discordancias com o Plano. Não sendo engenheiro electrotécnico, eu teria de ponderar as razões dos partidários e adversários do Plano para assentar na minha opinião a tal respeito. Assim usam proceder os que têm uma educação matemática. Só um bacharel em Direito, afastado do campo da sua actividade normal, é que seria capaz, simultaneamente, de se sorrir da minha falta de originalidade no estudo desta questão e de se vangloriar de ter formado, sem subsídios alheios, a sua própria opinião.

Se me limitei a citar aqueles dois nomes, quando poderia citar o de engenheiros democratas, é porque fora acusado pelo sr. ministro de manifestar discordancias sobre o Plano por mera paixão política. Claro que tenho o direito de dizer a uma pessoa, que, tomando essa atitude, desmentiu as virtualidades implícitas no seu nome e no seu apelido, que o faccioso é ele por ter esquecido o respeito devido aos meus anos e á sinceridade que é o timbre da minha vida.

Por outro lado, dentro da concepção do Plano, os seus autores pressupunham a existência de «deficits» de energia eléctrica em relação á previsão do consumo desde 1953 até 1957, inclusivé. Só a partir de 1958 começariam a existir excedentes. Ora, entendem alguns que, até mesmo á custa dos maiores sacrifícios, deveria manter-se sempre a produção acima do consumo, para que, havendo permanentemente excedentes de energia, hôuvesse incitamento e oportunidade para montar industrias que, como a da produção de sulfato de amónio por meios electrolíticos e, em geral, as industrias electroquímicas, só podem ter autêntica viabilidade com custos baixos da energia, o que seria possível pela utilização da electricidade sobrante. A instalação destas industrias só teria plena justificação, dentro do Plano em 1958 e anos seguintes. Por isso, chamei prematuro ao aparecimento entre nós de duas fábricas de produção de amoníaco.

O sr. ministro da Economia, protestou contra esta afirmação, rebaixada por ele á categoria de heresia. Como, porém, a história é a mestra da vida, vejamos o que ele dizia em 17 de Fevereiro de 1952, quando da inauguração da fábrica de amoníaco em Estarreja. Referindo-se aos processos de fabrico, atribuiu-lhe «O Primeiro de Janeiro» as seguintes palavras:

«Não se dirá que fosse este actualmente o método mais indicado. Os progressos da técnica, no que respeita a gazeificação dos combustíveis pobres; o conhecimento hoje ampliado, das nossas existências de carvões utilizáveis para a produção de hidrogénio químico, e o mais baixo preço do custo obtido através deste processo de fabrico, aconselhariam no presente momento solução diferente da adoptada.

«Cumpre porém não esquecer que ao conceder-se a licença para esta instalação e para a do grupo industrial Alferrarede-Barreiro era deficiente o conhecimento das reservas dos combustíveis nacionais e que os processos de aproveitamento económico destes combustíveis não tinham ainda atingido desenvolvimento conveniente.

«Por outro lado *a necessidade de assegurar colocação á energia eléctrica dos aproveitamentos a empreender*, o baixo custo porque se esperava obtê-la e a maior estabilidade de preços das matérias-primas a utilizar através da via electrolítica justificavam em larga medida a orientação que se entendeu seguir» .

Aqui termina a transcrição. Suponho que não ofenderei os preceitos da lógica, se extraír deste pedacinho de oiro de prosa ministerial as seguintes conclusões:

1) Quando é certo que um estudo mais objectivo do problema eléctrico nacional veio demonstrar que só em 1958 teriamos excedentes de energia eléctrica, tratou-se de montar a industria do sulfato de amónio sob o falacioso pretexto de ajudar a consumir um excesso inexistente dessa energia. Portanto: erro palmar de previsão quanto á produção e consumo da energia eléctrica.

2) Esperava-se produzir a energia eléctrica a preços três a quatro vezes inferiores ao custo por que ela se obteve. Portanto: erro palmar de previsão quanto ás despesas de investimento.

3) Se se tivesse aguardado mais algum tempo para se proceder á instalação de fábricas de sulfato de amónio—e nada aconselhava a antecipação prematura do lançamento desta nova industria—poder-se-ia e dever-se-ia montá-la com menores gastos de investimentos e de produção. Portanto: erro palmar de prematuridade, arrastando consigo o acréscimo da dispendiosidade industrial.

4) Quando se nos diz que as paragens desta industria resultam de só se consentir o seu funcionamento, quando haja energia sobrante, afirma-se uma inverdade. Portanto: erro palmar quanto á interpretação das síncopes funcionais desta industria, que só podem ser devidas á falta de apoio térmico suficiente á rede eléctrica nacional.

Peço a V., sr. director, que acolha estas considerações no jornal, que tão proficientemente dirige, na certeza—repito—de que não tenciono voltar a ocupar-me de tal assunto.

Com a maior consideração, me subscrevo, de V., etc.—CUNHA LEAL.

TRANSCRIÇÕES

O nosso prezado colega «Diário da Manhã» transcreve hoje a entrevista que o «Diário de Lisboa» há dias publicou com o sr. prof. Marcelo Caetano, da qual também o nosso prezado colega «A Voz» fizera largas transcrições.

Igualmente o «Diário da Manhã» tinha transcrito a nossa entrevista com o sr. dr. Tito Arantes.

O comunicado
da Comissão do Voto

(Continuação da 1.ª página)

eleitorado, ao qual não interessem as listas dos candidatos da União Nacional, nos casos dos circulos de Lisboa, Porto e Aveiro, so poderá munir-se de outras listas mercê do esforço, da boa vontade e do espirito de improvisação dos vários interessados em distribuí-las, e procurá-las, nunca sendo de admitir que possam alcançar-se por esta forma, quer em quantidade, quer em economia de tempo, quer quanto á defesa do próprio eleitor (comodidade e sigilo), resultados cuja eficiência possa comparar-se sequer de longe com a que fica de antemão assegurada, em regime de monopólio, ao partido unico.

2.º—Está de pé a afirmação do Governo (ministro da Presidência), sobre poderem exercer acção fiscalizadora nas assembleias de voto *agentes dos candidatos*, além dos próprios. Não constando da letra da lei esta prerrogativa, requereram-se esclarecimentos que não foram prestados. Há, pois, que partir do principio de que cidadãos eleitores, munidos de credenciais assinadas por qualquer candidato, podem exercer uma acção fiscal; mas fica-se na ignorancia de que recebam os presidentes das mesas instruções oficiais a tal respeito, pelo que a situação continua duvidosa.

3.º—Os recursos dos candidatos a respeito de irregularidades que constatem durante o apuramento—a que podem, segundo a lei, estar presentes—não se explicam que hajam de seguir para as Auditorias Administrativas. Deve ter havido lapso nesta citação governamental. Tais recursos, depois de transito pela Direcção Geral da Administração Politica e Civil, deverão seguir, sim, para a Comissão de Verificação de Poderes, da Assembleia Nacional.

Esta, a constatação que nos cumpre fazer sobre os aspectos em questão; ela refere-se á situação actual que, segundo todas as probabilidades, nesta hora tardia, não sofrerá modificações e haverá, assim, de verificar-se no próprio dia do acto eleitoral.

Ao eleitorado, deste modo informado, fica aberto agora o caminho para um juizo esclarecido e para a adopção do comportamento que melhor se coadune com a consciência cívica de cada eleitor.

Para a formação desta consciência hão-de contribuir, na hora própria, os candidatos ao definirem posição.

A Comissão, essa, neste particular, para esta fase restrita, e para esta parcela, apenas, da sua grande tarefa, dá por findos os seus esforços na certeza de que não foi á mingua de ter lutado que não conseguiu mais nem melhor.

Ao longo do acto eleitoral de 8 do corrente—e isto para o País inteiro—quaisquer irregularidades observadas e comprováveis (independentemente dos protestos legais a que dêem aso), interessa sobremaneira á Comissão Promotora do Voto conhecê-las.

Espera-se dos eleitores que, sem perda de tempo, lhas comuniquem e nos devidos termos de informação e de prova. Com estes depoimentos organizar-se-á um processo que a Comissão, usando de todos os meios legais ao seu dispor, manuseará no sentido do prosseguimento da campanha de moralização a que meteu ombros. Com esta acção, verdadeiramente, é que terminará o seu trabalho quanto a esta fase incidental da vida política portuguesa que culmina com as próximas eleições para deputados.

Declara, por ultimo, a Comissão Promotora do Voto que, dentro do programa prèviamente traçado, continuará depois, trabalhando naquela mesma campanha de moralizaão dos costumes políticos, dispondo-o esforçadamente a contribuir neste campo para a educação cívica do povo português. Nem os magros sucessos que até agora obteve lhe esfriaram o entusiasmo para este bom combate, nem receia quaisquer novos embaraços a juntar àqueles que tem já encontrado pela frente.

Sente que o eleitorado compreendeu bem o alcance da obra aqui empreendida; confessa-se, mesmo, grata ás provas de confiança e de apoio que de todos os lados tem recebido; e porque lhe parece ter chegado na hora própria para enfrentar problemas—aliás singelos—de nítido alcance político e social, não se dispõe a abandonar o pouco terreno conquistado, antes julga que se lhe impõe o dever de alargar, á força de trabalho, esse minguado espaço em que hoje se movimenta.

Fá-lo-á com alta satisfação moral, sem temor nem desfalecimento; por processos correctos como até aqui, com serena objectividade e sem que dê direito a duvidas por parte das pessoas de bem—onde quer que se encontrem—a respeito de ser o puro civismo propulsor unico dos seus actos.—Lisboa, 2 de Novembro de 1953.—*A Comissão Promotora do Voto*».

N. da R.—O comunicado acima recebêmo-lo esta manhã. De tarde, telefonaram-nos da Comissão Promotora do Voto a informar-nos que, posteriormente á sua remessa para os jornais, recebera uma resposta do Ministério da Presidência.

Palestra Oposicionista
amanhã, no Rádio Clube

Amanhã, ás 21 horas, o candidato oposicionista por Aveiro, sr. dr. Manuel Figueiredo, fala ao microfone do Rádio Clube Português.

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

IDÍLIO RÚSTICO

QUANDO atravessou a povoação, rua abaixo, com o rebanho atrás dele, era ainda muito cedo. Ao longo das ruas tortuosas, as portas conservavam-se fechadas e não vinha das habitações o mais insignificante ruido. Dormia-se a sono solto por todas aquelas casas. Apenas algum cão, subitamente acordado em sobressalto pelo chocalhar do rebanho, ladrava do alto dos escadórios de pedra onde ficara de sentinela, ou de dentro das curraladas, onde levara a noite fazendo companhia aos novilhos. De onde em onde, galos madrugadores entoavam matinas sonoras, que eram como risadas vibrantes de boémios, nalguma esturdia, a desoras...

Mas, passadas as ultimas casas, o silêncio condensava-se para toda a banda, numa grande pacificação de templo adormecido. Nem vivalma pela ladeira que levava ao rio, por um caminho em ziguezagues. Fulgiam no ceu azul-escuro cardumes prateados de estrelas. A toda a largura, a paisagem era torva e indecisa, imersa numa luz muito mortiça que nem era bem a da madrugada, nem era bem a da noite. No entanto a manhã era calma; nem rumores de brisa pela rama das azinheiras velhas que faziam guarda ao córrego por onde o rebanho tomara.

Quando passou rente ao meloal da fidalga, ouviu-se o ruido de um tiro, que o eco levou para longe.

—Não gastes pólvora, António!—recomendou o pastor.—Ouviste?

E logo a voz do guardador:

—Madrugas hoje, Gonçalo!

—P'ra que saibas! Cá um homem não tem medo!

—Está bem, adeus!

—Saudinha.

Neste assomo de alvorada, as coisas iam despertando lentamente para a alacridade vigorosa da luz. Das moitas e sebes, calhandras em bandos levantavam-se repentinamente, em voo perpendicular, e cortavam ares fora, chilreantes e alegres, até se perderem de vista por detrás dos arvoredos e cabeços. De cauda em riste e orelhas imóveis, o rafeiro espreitava as ervagens secas, onde algum réptil passasse vagaroso.

—Busca, «Turco»!—fazia-lhe o Gonçalo, que tinha medo ás cobras.—Busca, valente!

Ia andando, descendo sempre, á frente do rebanho silencioso. E quando os sapatos começaram de calcar areia, e ali, perto, o rio lampejava, sob aquele ceu ainda estrelado, o Gonçalo desabafou:

—Uff! Até que enfim!—E pensava aliviado:—Nada mais fácil do que terem-me saído os lobos!...

Mas vista áquela hora e no meio de tal silêncio, a corrente liquida tinha o que quer que fosse de sinistro, que evocava lembranças aterradoras, espectros dos que ali mesmo tinham morrido afogados, numa luta desesperada com as águas, clamando em vão que lhes acudissem, em tamanho transe aflitivo. A margem de lá, especialmente, era toda acidentada de rochedos informes, blocos medonhos por entre os quais no Inverno o vento assobiava lugubre, e as águas faziam remoinho.

A todo o comprimento da margem, o rebanho pôs-se então a beber manso e manso, e sem o mínimo ruido.

Foi quando o Gonçalo acabou de se convencer que na margem de lá, um pouco mais abaixo, outro rebanho bebia também.

—Tate, Gonçalo! Aquela chocalhada...

E imóvel, remordendo o lábio, com o ouvido á escuta, pensava:

—Ora se será ela?...

Subito, estremeceu. Ante o seu espírito infantil perpassou, como um clarão de relampago, a imagem de uma rapariga, pastora como ele, com quem se havia encontrado mais vezes, mas que havia muito não vira.

CONDENSAÇÃO
do conto de
Trindade Coelho

—Ai, se fosse a Rosária!...—disse consigo.

No mesmo instante, uma voz muito sonora gritou-lhe:

—Eh lá, Gonçalo, és?

O pastor desatou a rir.

—Uh lá, Rosária, eu mesmo! Guarde-te Deus, pimpona!

E logo a voz fresca da rapariga lembrou:

—Não te esqueceu a moda, rapaz!

—Isso esquece ela!... Ouviste, Rosária?—Se outra fosse que ma tivesse ensinado...

Neste meio tempo já o Gonçalo retomara a manta e o marmeleiro para ir ter com a Rosária. Mas primeiro perguntou:

—Boto pela ponte, ou és tu que vens, ó cachopa?

—Vem tu daí. Por cá sempre é outra coisa p'ras ovelhas. Han?

E dando o sinal de partida, o Gonçalo pôs-se em marcha. Daí a pouco entrava, mais o rebanho, pela velha ponte mourisca, toda severa de construção nos seus três arcos lançados sem elegancia, atufados de parasitas seculares que a faziam pitoresca, heras, silvas, ortigas bravas.

Daí a pouco, as duas crianças estavam perto uma da outra, cada qual seguida do seu rebanho.

Entre os dois travou-se então um longo diálogo em que se contaram tudo o que haviam feito desde aquele dia em que ambos tinham voltado juntos da feira dos Caniços.

—Por sinal que nem uma rês se vendeu!—lembrou o Gonçalo.

—Por sinal!—disse com pena a Rosária.

Mas ele contou que viera por ali muitas vezes, muitas, sempre na fé que a encontrava.—«Vê-la agora, só por milagre de santo; quem o havia de sonhar! Nanja ele...».

—Mas se eu estive tão doente!—volveu triste a Rosária.

E como o outro acudiu a informar-se, ela explicou:

—Umas quartãs que me tiveram mondada! A peste as mate! Febre que era mesmo lume, desde manhã até ao escurecer... Uma assim!

E na sua ingenuidade infantil, contou ao Gonçalo que muitas vezes, na febre, sonhara com ele, que se encontravam os dois por montes e prados, como agora tinha acontecido,—«tal e qual».

—Assim te Deus salve, ó Rosária?—atalhou rápido o pastor, a quem enchiam de orgulho os sonhos daquela pequena amiga.

—Sim—volveu-lhe paciente a companheira—como é verdade que sonhava que nos encontrávamos—concluiu por fim muito risonha.

—Olha as ovelhas juntas!—notou o Gonçalo.

—Também nós nos quedámos juntos—volveu-lhe a pequena, sorrindo.—As pobres dão-se bem, são amigas...—continuou com jubilo.

Ao pastor parecia-lhe agora mais bonita a pequena amiga, com a sua cor trigueira levemente pálida desde que tivera as maleitas. Não se lembrava com que santa que ele tinha visto se lhe parecia agora a Rosária...

—Mas o cabelo assim cortado...—disse com mágoa, mirando-lhe a cabeça nua, e passando a mão pela dele—é que te não fica bem!

«Melhor fôra que lhe tivessem deixado as tranças! Negras, de mais a mais, que era como ele gostava...».

Sempre ao lado um do outro, os dois companheiros levaram de conversa quase o dia inteiro.

O Gonçalo lembrou que era melhor irem-se chegando, mais as ovelhas, para as terras onde tinham de pernoitar. E fitando fixamente os olhos negros da Rosária, disse-lhe assim:

—Mas olha o que prometeste... Inda vais feita no que disseste?

«Ora que lhe custava a ela! Já que as ovelhas tinham andado juntas todo o santo dia, que mais era que dormissem no mesmo curral, essa noite?».

E de novo se puseram em marcha. As ovelhas continuavam confundidas; confraternizavam os cães como bons e leais amigos. Á frente, o Gonçalo ia tocando na flauta o mesmo que a Rosária cantava. O brando rumor dos chocalhos, que se levantava de todo o rebanho, casava-se com a musica, fundindo-se numa nota subtil, de um pitoresco ingénuo de balada...

Até que por fim chegaram, tinha anoitecido havia instantes. Gado para dentro e toca a merendar; o que era de um era de outro: ele ainda trazia azeitonas, um naco de queijo, pão. Mal acabaram de comer, o Gonçalo apontou para a cabana que ficava ali perto, e propôs que se deitassem: estavam moídos da soalheira de todo o dia, e da caminhada agora.

Quando o Gonçalo e a Rosária entraram na cabana e se deitaram sobre o colmo, cobrindo-se com as mantas, e achegando para a cabeça um do outro os bornais que faziam de travesseiro, cerrara de todo o noite, e formigueiros de estrelas cintilavam vivezas de prata polida no azul indefinido do ceu.

—E os lobos?—perguntou a Rosária com medo.

—Não há perigo—tranquilizou-a o Gonçalo.—Isso é lá com os cães.

Quando ao repontar da manhã se levantaram, e saíram a ver o ceu...

—Bonito dia, Gonçalo!

—Bonito dia, Rosária! Olha...

...na calma placidez do azul, bandos de pombas mansas iam voando... voando...

TOME NOTA

COMPRIMIDOS
HYPERSEX
TÓNICO MASCULINO

Alta concentração de alguns produtos basilares, compensadores organicos (não excitantes), destinados aos indivíduos que mercê duma vida de actividade física ou mental se encontram Esgotados, com Desiquilibrios nervosos, Depauperados e Inferiorizados.

Por alimentar ALGUNS ORGÃOS VITAIS este medicamento normaliza e activa as suas funções e auxilia o organismo nos casos de: Astenias, Fosfaturias, Inapetência e Insuficiências glandulares (tipo masculino).

Para maior garantia confirme com a opinião do seu médico.

Publicidade médica (grátis) da FAL.
Apartado 142—LISBOA

NÃO PODE VIAJAR?
NÃO TEM DINHEIRO?

A Agência Turistica «INTERNATIONAL-EXPRESS», a exemplo das s/ congéneres estrangeiras, facilita-lhe em pagamentos suaves e mensais a forma de tomar parte nas suas próximas excursões ao estrangeiro. Inscreva-se nesta modalidade e no próximo ano, terá a sua viagem assegurada. Consulte a «INTERNATIONAL-EXPRESS», R. Nova do Almada, 36—Telefones 21811 e 31692.

Homenagem a um oficial

BRAGA, 1—Ao deixar o comando do regimento de infantaria n.º 8, por ter sido convidado a frequentar o curso de general, o sr. coronel António Pinto das Neves Ferreira foi homenageado pelos seus subordinados, que comandou cerca de um ano. Perante formatura geral do regimento, vários oradores fizeram o elogio das virtudes militares e cívicas do seu comandante, a quem entregaram, como recordação, um objecto de arte. O sr. coronel Neves Ferreira agradeceu.

EXCURSÃO Á GOLEGÃ

Por ocasião da Feira de S. Martinho, no próximo dia 11, a F. N. A. T. organizará uma excursão á Golegã, com partida ás 8 horas, da Praça Marquês de Pombal, passando por Vila Franca de Xira, Cartaxo, Santarém, Almeirim, Alpiarça e Chamusca, com chegada á Golegã ás 12 horas. O regresso é feito no mesmo dia ás 20 horas, pelo mesmo percurso, chegando a excursão a Lisboa ás 23 e 30. As inscrições estão abertas na sede da F. N. A. T., Calçada de Santana, 180.

POLICLINICA DO ROSSIO

Largo D. João da Camara, 19, 2.º—Tel. 20660
Dr. F. Martins Pereira—Medicina geral, coração e pulmões, 15 h.
Dr. Cancela de Abreu—Medicina geral. Doenças nervosas, ás 3.ªs, 5.ªs e sábados, 19 h.
Dr. A. Pina Junior—Doenças das crianças, 17 h.
Dr. Anacleto Miranda—D.ª dos olhos. 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato—Garg., nariz, ouv.ª. 14 h.
Dr. Jorge Falcão—D.ª da pele, sifilis. 15,30 h.
Dr. Fontoura Madureira—Rins, v urin.ª. 15 h.
Dr. Luis Leite—Operações. Sr.ª gravidez. 17 h.
Dr. José Pereira de Pina—Boca e dentes. 17 h.
Dr. Gentil Branco—Raios X
Dr. Formigal Luzes—Agentes físicos, maçagens e ginástica médica.
Dr. Reis Vale—Análises clinicas.
Dr. Luis Abecassis—Electrocardiografia.

ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA * AV. DA LIBERDADE-35

Leiam o jornal humoristico
«SEMPRE FIXE»

Teatros e Cinemas

A ultima noite

da ciclónica companhia de circo, mundo de maravilhas, do Coliseu! Todas as atracções no mais sensacional espectáculo em despedida

Só esta noite pode ver a formidável companhia de circo do Coliseu. Esta noite, despedida, com todas as atracções maravilhosas, num vendaval de surpresas, prodígios, revelações, alegria e emoção. Sensacionais fenómenos aéreos. Equilibristas. Aramistas. Acrobacia. Trapezistas. Palhaços, «Jongleurs». Cães sábios. Escadas mágicas e muitas outras atracções. Não falte! Veja esta companhia, das melhores que têm vindo a Lisboa. Só hoje!

A grande estreia

de sexta-feira, no Coliseu. A 3.ª companhia internacional de circo. Os maiores fenómenos do Mundo!

Na próxima sexta-feira, sensação máxima em Lisboa. Estreia, no Coliseu, a 3.ª companhia internacional do Mundo, com as maiores estrelas da pista. Os «Alizés», os maiores voadores da actualidade. Os 5 Fehlers, aramistas sensacionais, atracção unica no globo. Ursos pretos. Os Ibarras, os mais fortes barristas de todos os tempos, os super-«clowns» Irmãos Diaz, e muitos outros fenómenos de excepcional categoria.

«Matinées» clássicas no Tivoli

Exibe-se esta tarde, ás 18 e 15, pela ultima vez, nestas «matinées», o extraordinário filme francês «La Bandera» de Duvivier, com Jean Gabin, Annabella, Roger Le Vigan, Aimós, Pierre Renoir e Viviane Romance, comentado pelo poeta Jorge de Sena.

Brevemente estreiano ???? Do novo Ballet de

SACHA GOUDINE

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Portugal está sob a acção duma massa de ar quente post-frontal que provoca forte nebulosidade, chuviscos e vento de Oes-Noroeste bonançoso. Prevê-se uma melhoria gradual do tempo a partir da tarde de hoje.

PREVISÃO ATE' A'S 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Melhoria do tempo com céu nublado e com algumas nuvens. Nevoeiros matinais e vento Noroeste bonançoso. Subida de temperatura.

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA—Ás 18 e 30, Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Trechos de óperas; 19 e 25, O compositor da semana: Mussorgsky, e notas explicativas; 20, O Caso do Dia; 20 e 15, Canconetas sul-americanas; 20 e 30, Noticiário regional; 20 e 35, Campanha Nacional de Educação de Adultos; 20 e 50, Valsas; 21, Noticiário e desdobramento.

Programa «A»—Ás 21 e 15, Musica de salão; 21 e 30, Duas Gerações, diálogo; 21 e 45, Ouvindo as Estrelas; 22 e 45, Poesia, Musica e Sonho; 23 e 15, Danças; 23 e 50, Resumo noticioso; 0, Encerramento.

Programa «B»—Ás 21 e 15, Resumo do programa; 21 e 20, Continuação da transmissão dos Festivais de Beyreuth de 1953, com o drama lírico: «Tristão e Isolda», de Wagner; 0 e 30, Resumo noticioso e Fecho.

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Concerto; 18 e 45, Trechos recreativos; 19, Divulgação do «jazz»; 19 e 30, Aperitivo A. P. A.; 20, Musica portuguesa; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Musica brasileira; 20 e 30, Galo de ouro; 20 e 45, Vozes em conjunto; 21, Musica e turismo; 21 e 15, Círculo de Iniciação Radiofónica; 21 e 45, Reportagem da sessão de propaganda eleitoral em Aveiro; 23 e 30, Companheiros da Alegria; 0 e 30, Fados e guitarradas da Adega Machado; 0 e 50, Rádio-jornal e amanhã; 1, Fecho.

RENASCENÇA—Das 19 e 30 ás 0 horas.

RÁDIO UNIVERSIDADE—Das 19 e 45 ás 20 e 55.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Clube Radiofónico de Portugal; das 19 e 30 ás 22, Rádio Peninsular; das 22 á 1, Rádio Graça.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO F — Sousa—Estrada de Benfica, 429-431—Tel. 58-027; Leal de Matos—Rua de Neves Costa, 33-35—Carnide—Tel 58-181; Baptista—R. de Francisco Tomás da Costa, 3-C—Tel. 71873, Patuleia, Herd.es — Rua do Lumiar — 122-124 — Tel. 79-332; Sanex—Avenida da Igrepa, 31-C—Sitio de Alvalade—Tel. 76905; Cardote—Av. de Visconde Valmor, 28-A-B-C—Tel 72291; Bairro Azul (Do))—Av. de Ressano Garcia, 7-A — Tel. 51451; Sousa Martins—Rua de Sousa Martins, 25—Tel. 53468; Ascenso—Rua 19—Bairro da Encarnação—Tel. 399216; Freitas—R. de Zófimo Pedroso, 11-13—Tel. 39136; Oriente — Rua Lopes, 120 — Tel. 843381; Brito—R. do Vale de Santo António, 7-9— Tel. 840125; Ziler—Rua de S. Tomé, 54-56—Tel. 22835; J. Ribeiro, Lr.a—Largo das Olarias, 33—Tel. 28843; Dimar, Lda—Rua do Conde de Monsaraz, 17-B— Tel. 842533; Garantia—Avenida A, ao Areeiro. 5-A-B—Tel. 77300; Algarve—Avenida de Roma, 7-B—Tel. 77478; Aliança—Avenida de Almirante Reis, 145-B-C—Telfone 50487; Délio—Rua Açores, 32 — Tel. 52388; Magalhães—Av. do Almirante Reis, 4-A-F—Tel. 49479; Vieira Borges—Rua de Alexandre Herculano, 28—Tel. 40536; Imparcial—Rua do General Taborda, 28 — Tel. 41031; Porfírio — Rua de Francisco Metrass, 59 — Tel. 63349; Aurélio Rego— Calçada da Estrela, 139—Tel. 61758; Bom Sucesso—Rua de Bartolomeu Dias, 63—Tel. 38754; Lidia Almeida—Calaçada da Auda, 170—Tel. 37318; Santo Amaro—Rua de Filinto Elisio, 29-A-B—Tel. 37070; Probidade—Rua de Alcantara, 15-A-B—Tel. 38589; Pinheiro — Rua do Presidente Arriaga, 16 — Tel. 61867; Esperança — Rua da Esperança. 134 — Tel. 62784; Andrade, Lda.—Rua do Alecrim, 125—Tel. 23446; Oliveira—Rua D. Pedro V, 123-125—Tel. 27880; Veiga, Suc — Rua da Conceição, 42 — Tel. 26847; Internacional, Lda.—Rua Aurea, 228—Tel. 22017.

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

NACIONAL—A's 21 e 45—«A taça de ouro».
VARIEDADES—A's 20 e 45 e ás 23—«O pato».
MONUMENTAL—Ás 20 e 45 e ás 22 e 45—«Cavalgada mágica».
MARIA VITÓRIA—Ás 20 e 30 e ás 22 e 45—«Saias curtas».
COLISEU—A's 21 e 30—Nova companhia de circo.
TIVOLI—«Luzes da ribalta».
SÃO LUIS—«Morte dum caixeiro viajante».
EDEN—«Luzes da ribalta».
IMPÉRIO—«Miss Itália».
S. JORGE—«Gosto do rapaz».
MONUMENTAL—«Sombrero».
POLITEAMA—«Niagara».
CONDES—«Vento do Oriente».
CAPITÓLIO—«Serpente do Nilo».
ODEON e PALACIO—«Prestigio real».
OLIMPIA—«A legião dos zorros».
TERRASSE—«O aventureiro do Mississipi».
JARDIM—«O gato milionário».
PROMOTORA—«Bagdad».
BELEM-JARDIM—«Persianas corridas».

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	771$	770$	772$
Consolidado 3 % T. 10	852$	851$5	853$
Consolidado 3 1/2 T 10	986$	985$	987$
Centenários 4 %... ...	2.117$	2.215$	2.219$
Obrig. Tes. 2 1/2 1942	—	970$	975$
Obrig. Tes. 2 1/2 1943	—	961$	—
Externas 1.ª série... ...	—	1.224$	—
Externas 1.ª carimbadas	1.230$	1.228$	1.232$
Externas 3.ª série	—	1.346$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.340$	1.350$
Cautelas 3.ª série s/ j.	—	157$	—
Acções			
Lisboa e Acores port.	—	1.700$	1.750$
Ultramarino cp. T. p....	1.951$	1.950$	1.955$
Portugal port. T. p....	—	1.610$	1.650$
Mundial	—	2.250$	—
Aguas Lisboa 1934 T.p.	—	210$	—
Aguas Lisboa port. ...	—	210$	218$
Aguas Lisboa 1936 T.p.	—	210$	—
Cimentos Tejo...	—	390$	400$
Cimentos Leiria T. p.	500$	498$	505$
Crédito Predial port....	—	25$	25$5
Gás Electricidade cupão	187$	186$5	187$5
Alto Alentejo cupão...	143$	143$	143$5
Industrial Aliança... ...	395$	396$	395$
Portugal e Colónias ...	383$	382$5	383$
Nac. Navegação T. p.	1.435$	1.430$	1.440$
Colonial de Navegação	660$	660$	665$
Port. de Pesca T. p....	—	1.100$	1.180$
Port. de Tabacos cupão	456$	456$	457$
Tabacos Portugal cupão	—	590$	598$
União Eléctrica Port.ª	—	213$	215$
Cassequel	1.474$	1.473$	1.475$
Agrícola das Neves ...	—	1.140$	1.200$
Agricultura Colonial ...	—	665$	680$
Açucar de Angola... ...	—	3.430$	3.440$
Buzi...	266$5	266$	267$
Cabinda	—	212$	217$
Ilha do Príncipe	—	1.430$	1.450$
Zambézia T. de 25 . . .	125$5	125$5	126$
Moçambique	161$	160$5	161$
Obrigações			
Aguas de Lisboa 5 %	—	506$	510$
Norte de Portugal 5 %	—	108$	110$

J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO
Ouro em barra
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

Homenagem em Ilhavo

ao comandante Tenreiro

ILHAVO, 2 — O Sindicato dos Oficiais da Marinha Mercante, desta vila, inaugura oficialmente, depois de amanhã, ás 14 horas, a sua nova sede, simultaneamente, prestará homenagem ao sr. comandante Henrique Tenreiro, que nesse dia se deslocará a Ilhavo. Haverá recepção com cortejo, sessão solene e um «Porto de honra».

A fachada principal do novo edificio, onde também se encontra instalado o Illiabum Clube, será artisticamente engalanada.

A série de lições

do prof Villey

em Ciências Económicas

No Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras prossegue o ciclo de seis lições do professor Daniel Villey, da Universidade de Poitiers, que hoje falou sobre «As ideias económicas do período clássico (1758-1870).

O ilustre académico tratou, especialmente, das doutrinas económicas que surgiram entre os fisiocratas e Karl Marx, no período de 1750 a 1870.

Durante esta época, todo o esforço dos economistas tendeu para a construção de uma doutrina científica enquanto que, anteriormente, (Antiguidade, Idade Média, Mercantilismo) se fazia doutrina pura, até que, depois, em 1870, apareceu uma ciência sem doutrina, uma ciência doutrinalmente central, uma ciência apurada de uma intensão filosófica ou política.

O período clássico abre-se pelos estudos de Guesnay: a ele se deve a intuição de uma ordem económica natural— o descobrimento dos mecanismos que levam a uma harmonia necessária, ainda que não visível. Essa intuição dos fisiocratas desenvolveu-se com os liberais ingleses, como Adam Smith, Malthus, Ricardo, Stuart Mill. Foram eles os grandes clássicos da economia política.

A lição do prof. Villey, como as anteriores, teve a assistência de professores e muitos alunos do I. S. C. E. F.

RECLAMAÇÕES LOCAIS

Ermezinde reclama o seu abastecimento de água

ERMEZINDE, 1.—Esta vila, muito bem servida de transportes publicos, luta com a falta de água, pois dispõe, apenas, de uma fonte, a cerca de dois quilómetros dos pontos mais populosos.

Deste modo, é preciso recorrer aos poços de alguns quintais, dentro dos quais muitas vezes estão também instaladas as fossas dos despejos. Ninguém, por certo, acreditará que esta água seja muito própria para usos alimentares.

Acontece, além disso, que a seca foi este ano muito grande. E, assim, mesmo essa água imprópria faltou na maior parte dos poços que permanecem assim, apesar de as ultimas chuvas terem já beneficiado os campos.

Para remediar a falta de água seria bom que a Junta de Freguesia intercedesse junto das autoridades administrativas, pedindo-lhes que sejam colocados marcos fontanários nos vários pontos da vila, de modo que a população se possa abastecer sem andar pelos vizinhos a pedir uma pinga de água, dada por muito favor.

Para remediar, em parte, a falta de água, os bombeiros de Ermezinde puseram á disposição do publico o poço do posto da sua sede, boa-vontade que foi muito encarecida.

Como a vila está em franco desenvolvimento, sendo enorme o movimento de construções locais, o problema do seu abastecimento de águas é cada vez mais premente. Esperamos, por isso, que não seja descuidado.

A acção desenvolvida

pelo hospital de Braga

BRAGA, 1—No próximo dia 10 realiza-se um cortejo de oferendas a favor da Santa Casa da Misericórdia e Hospital de S. Marcos, o qual está a ser organizado nas diversas freguesias do concelho. Nos dias 6 e 7, grupos de senhoras efectuarão, na cidade, peditórios a favor do mesmo hospital.

Para se avaliar das necessidades deste estabelecimento de assistência, basta lembrar que, em 1952, teve uma despesa superior a 4.000 contos, tendo recebido do Estado subsidios no montante de 590 contos. Em medicamentos, despenderam-se cerca de 1.695 contos. Ali receberam tratamento 3.494 doentes, dos quais 2.293 gratuitamente.

Efectuaram-se 2.150 operações, sendo 1.177 de grande cirurgia. O numero de consultas nas diversas especialidades atingiu 68.672.

Destinado a servir uma zona de grande densidade populacional, o Hospital de S. Marcos espera que o próximo cortejo de oferendas reduza um tanto os grandes encargos que pesam sobre a sua administração.

FESTA REGIONALISTA

no Coliseu dos Recreios

A Casa da Comarca de Arganil promove, no dia 2 de Dezembro próximo, espectáculo regionalista, a favor da construção do Hospital de Pampilhosa da Serra e do Hospital Condessa de Canas, Arganil. Nesta festa, que se efectuará no Coliseu dos Recreios, apresentar-se-ão, pela primeira vez em Lisboa, o Grande Orfeão de Leiria—com o seu grupo coral e respectiva orquestra—e a Orquestra Tipica do Orfeão Scalabitano, além de numerosos artistas do Teatro, da Rádio e do Fado.

RUAS EM MAU ESTADO

no concelho de Almada

COVA DA PIEDADE, 2.—As recentes chuvas deixaram em mau estado, entre outras, a Rua Tenente Valadim, que conduz ao Caramujo. Em Almada, também se encontram em mau estado várias ruas, destacando-se a de Elias Garcia, que conduz a Cacilhas e, nesta ultima localidade, a de Carvalho Freirinha.

O «Diario de Lisboa», vende-se na Papelaria Saitam, Batalha.

BOX Amanhã, às 21,30
no Estádio Internacional (Parque Mayer)
(RECINTO COBERTO)

O combate de que toda a gente fala

Chico Santos
contra
Fernando Branco

F. BRANCO

para a «poule» de apuramento do «challenger» ao título dos leves, em 10 assaltos

CHICO SANTOS **Belarmino Fragoso** contra **Fernando Gonçalves**

para o título nacional dos meios-leves, em 12 assaltos

TOME NOTA DISTO NO SEU PROPRIO INTERESSE:

Pons contra **A. Oliveira**

— O Estádio Internacional é totalmente coberto.
— A bilheteira funciona desde as 11 horas.
— Há «rings» desde 30$00 e o peão custa 10$00.

Arlindo contra **N. Leite**

Espectáculo para maiores de 18 anos

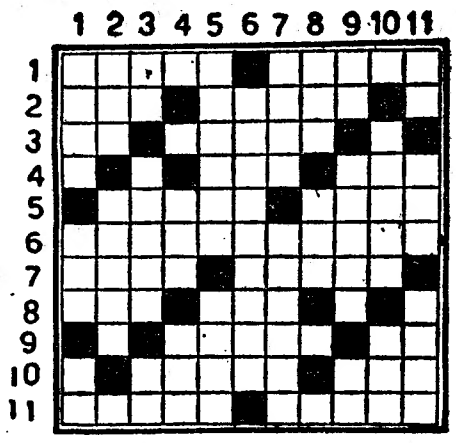
MIAMI PRAÇA DA ALEGRIA, 56
Telefone 34120
PARA ADULTOS

CARLOS ROCHA

EXITO CRESCENTE DA GRANDE ORQUESTRA **CARAVANA**
com o maestro **VASCONCELOS** à frente dum grande elenco, com
LUISA e MARIO
Rose and Sole, Perla de Levante e Pilar Maria, Curro Mecedes e Andrés — MAGNIFICO BALLET
CURRO GALLARDO
e ainda os vocalistas **Manuel Fernandes, Elisa Isabel** e **CARLOS ROCHA**

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3997



HORIZONTAIS: 1—Grito. Aerostato. 2—Agora. Vila e concelho do distrito de Portalegre. 3—Nota de musica. Vila e concelho do distrito de Aveiro. 4—Procedi. Acrescentei. 5—Solio que os soberanos ocupam nas ocasiões solenes. Apre! 6—Tornarem direito o que estava torcido. 7—Canção. Guarneces. 8—Rente. Empregue. 9—Defendo com arame. Imperfeita. 10—Eventualidade. Igual. 11—Cifras. Apelido.

VERTICAIS: 1—Corpo esférico. Oferecer. Esquadrão. 2—Data celebre. Possuires. 3—Batráquio. Elevação do tom ou da voz. Ceu. 4—Base aerea nacional. Ferro endurecido. 5—Mar. Larvas das feridas dos animais. 6—Severas. 7—Cidade de Itália. Julgamos. 8—Amarra. Moeda japonesa. 9—O lado do vento. Penhor. Pronome pessoal. 10—Sacos de coiro para liquidos. Porém. 11—Alternativa. Seguiam. Pouco densa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3996

HORIZONTAIS: 1 Dário. Piada. 2—Abarcara. Ar. 3—Más. Ore. Clã. 4—A's. Ruir. 5—Sim. Borla. 6—Bigodeira. 7—Ligar. Ido. 8—Atar. Ar. 9—Tós. Mal. Uma. 10—Al. Paraisos. 11—Oasis. Roera.

VERTICAIS: 1—Damão. Latão. 2—Abas. Bitola. 3—Rás. Sigas. 4—Ir. Migar. Pi. 5—Oco. Mor. Mas. 6—Aru. Par. 7—Pré. Bei. Lar. 8—Ia. Roida. Io. 9—Curro. Use. 10—Dalila. Amor. 11—Arara. Brasa.

As próximas comemorações

do XXXV aniversário do Armistício

A Agência de Lisboa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra comemora no próximo dia 11 o XXXV aniversário do Armistício, promovendo as seguintes manifestações de saudade: ás 9 e 15, reunião á porta principal do cemitério do Alto de S. João, romagem ao talhão dos combatentes e deposição de flores nas campas e cripta, guardando-se dois minutos de silêncio em homenagem aos mortos; ás 10 e 45, reunião no passeio a Norte do Monumento da Avenida da Liberdade, deposição de ramos de flores e desfile; ás 12 horas, missa na igreja de S. Domingos, mandada rezar pela Sub-Secção Auxiliar Feminina da Agência de Lisboa, em sufrágio das almas dos Mortos da Grande Guerra, a qual será celebrada pelo antigo capelão do C. E. P., rev. Avelino de Figueiredo.

Novos melhoramentos

no Jardim Zoológico

Depois de amanhã, ás 16 horas, o conselho de administração do Jardim Zoológico oferece, a um numeroso e escolhido grupo de convidados uma chávena de chá que coincidirá com a inauguração de várias novas instalações, festa escolar e distribuição de prémios e diplomas.

PUPILOS DO EXÉRCITO

O Instituto Profissional dos Pupilos do Exército abre, no dia 6, o novo ano lectivo, com um acto solene, a que presidirá o chefe do Estado. O início da sessão, em que haverá uma oração de sapiência, foi fixado para as 16 horas.

Dr. Gonçalves Pereira

BLOOMINGTON (Indiana), 2 — O prof. dr. Armando Gonçalves Pereira, director do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, de Lisboa, chegou a esta cidade, em cuja Universidade iniciou um a serie de seis lições sobre Geografia Económica Portuguesa, abrangendo a Metrópole e o Ultramar português.—(E.).

COLARINHOS
«Van Heusen»
TORRE EIFFEL
104 — RUA DO CARMO — 106

Carta de Paris

(Continuação da 1ª página)

mão que o seu Governo considera a reunificaconhecer o «statu-quo» criado na Europa Oriental pela vitória sovietica e declarou que o principal objectivo dos Estados Unidos devia ser o de «fazerem regressar a U. R. S. S. ás fronteiras que tinha em 1939, o que permitiria libertar os pases situados entre a cortina de ferro e a Russia, os quais foram ocupados pelos russos depois da vitória».

Um pacto explosivo

Assim, do ponto de vista americano, o unico pacto admissivel seria o que garantisse não as actuais mas as antigas fronteiras da U. R. S. S., ponto de vista formulado com o maior vigor pelo senador Knowland numa declaração recente. O «leader» da maioria republicana no Senado disse, efectivamente, que não é possivel negociar um pacto de não agressão com os sovietes enquanto os russos não regressarem ás fronteiras que existiam em 1939.

Entre as condições prévias apresentadas pelo Secretário de Estado Foster Dulles para poderem iniciar-se negociações eficazes entre o Ocidente e Moscovo, figurava «a necessidade de os russos darem aos seus vizinhos uma oportunidade para lhes ser restituida a independência e a soberania nacional». O que equivale a dizer que o pacto de não agressão oferecido á U. R. S. S. implicava a renuncia prévia nos territórios que devia garantir.

O obstáculo aemão

Por ultimo, a ideia de celebrar um pacto de não agressão com a Russia e «contra outro obstáculo igualmente poderoso... a politica que o Governo americano se propõe realizar em relação á Alemanha federal. Depois da visita do secretário de Estado a Bonn, em Janeiro dêste ano, os alemães sabem que existe uma perfeita identidade de vistas entre os dois governos pelo que diz respeito á sua politica externa. O secretário de Estado americano afirmou ao chanceler Adenauer que os Estados Unidos apoiariam as pretensões alemãs aos territórios de Leste ocupados pelos Russos e que ficam para lá da linha Oder-Neisse.

Por outro lado, a tese americana—partilhada neste ponto pela Grã-Bretanha e pela França—e á de que não podem entabular-se negociações com os sovietes antes de serem ratificados os tratados de Bonn e Paris e de estar reunificada a Alemanha. Durante a viagem a Bonn, á qual já nos referimos, o secretário de Estado americano afirmou ao chanceler alemão da Alemanha como uma necessidade absoluta e que ela faz parte do programa de politica externa dos Estados Unidos.

Independentemente de outras razões, o pacto quimerico de não agressão com os sovietes teria de vencer primeiro a resistência alemã, pois, de momento, o Governo de Bonn opõe-se intransigentemente a qualquer negociação com a Russia.

Sabe-se agora que, na ultima nota enviada pelos três governos ocidentais-americano, inglês e francês—ao Governo de Moscovo, convidando êste a fazer-se representar numa reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros prevista para Lugano, havia uma passagem relativa á ideia do pacto de não agressão e que essa passagem foi suprimida a pedido do chanceler Adenauer.

Um perigo imaginário

O mais curioso é que o receio alemão a respeito da possibilidade da celebração de um pacto de não agressão entre o Leste e Ocidente é puramente imaginário. Para o anular basta a condição prévia posta pelas potencias ocidentais sobre a necessidade de fazer a reunificação da Alemanha. Toda a gente sabe que os dirigentes sovieticos para aceitarem a reunificação da Alemanha exigem, como condição indispensável, a sua neutralização, ao passo que os ocidentais querem que a Alemanha unificada ingresse no pacto do Atlantico, faça parte da Comunidade Europeia de Defesa e forneça contingentes para o Exercito europeu.

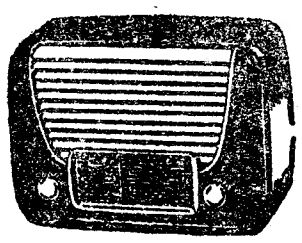
As duas teses não são apenas opostas, são irreconciliaveis. Seria inutil tentar conciliá-las. A importancia do trunfo alemão é de tal maneira evidente que nada levará a pôr de acordo os aliados de ontem sobre o seu futuro imediato. Se os Russos acedessem a deixar a Alemanha Oriental era apenas para conseguir que os americanos deixassem a Alemanha Ocidental, criando-se entre as duas esferas de influência russa e americana um Estado tampão. Os ocidentais consideram que a unificação da Alemanha seria o processo mais simples de levar a sua esfera de influência, e portanto a presença das suas forças militares, até junto das antigas fronteiras da U. R. S. S..

Nestas condições não se vê qualquer vantagem em negociar sobre uma base ilusória ou sobre dados falseados antecipadamente por uma interpretação divergente do problema fundamental do futuro da Alemanha.

ATTICUS

HORNYPHON

RÁDIOS DE NOVA TÉCNICA



Mod. 251 Esc. 1.595$00

Maravilha de técnica, beleza de apresentação, economia de preço! Mais um triunfo dos técnicos de Viena... berço da boa música

S/S "NORTH KING"

PARA:

Rio de Janeiro e Santos

escalando FUNCHAL e S. VICENTE DE CABO VERDE

Saída de LISBOA em 8 de Novembro
Saída de LEIXÕES em 9 de Novembro

RECEBE CARGA GERAL
E PASSAGEIROS EM CLASSE UNICA

VIAGEM SEGUINTE:

Saída em LISBOA a 27 de Dezembro
Saída em LEIXÕES a 28 de Dezembro

ESTE NAVIO CHEGARÁ AO FUNCHAL NO DIA 31 DE DEZEMBRO E SÓ LARGARÁ NA MANHÃ DO DIA 1 DE JANEIRO DE 1954, DANDO ENSEJO A QUE OS PASSAGEIROS ASSISTAM AOS TRADICIONAIS FESTEJOS DA NOITE DE «S. SILVESTRE»

PASSAGEM DO ANO NA ILHA DA MADEIRA

PREÇO TOTAL DA PASSAGEM E IMPOSTOS:

Escudos: 5.085$00

OS AGENTES:

EM LISBOA:
Soc. Nav. Luso Panamense Ld.ª
R. Instituto Industrial, 18, 3.º, D.
Tel. 67041 2

NO PORTO:
E. A. Moreira & C.ª Ld.ª
R. Infante D. Henrique, 61, 1.º
Tel. 24200

Especialmente feitos para a pele delicada do bébé

PRODUTOS Johnson's REGD. PARA BÉBÉS

Talco · 13$00 : Sabonete · 7$00

MINHA SENHORA!
PARA A SUA COSINHA UMA BALANÇA INCA PARA PREPARAR AS SUAS EMENTAS

PARA A SUA CASA DE BANHO UMA BALANÇA BORG PARA CONTROLAR O SEU PESO

A VENDA NAS BOAS LOJAS DE UTILIDADES
REPRESENTANTE:
M. SIMÕES JR. - R. da Conceição, 46, 1.º - Telef. 30306-7-LISBOA

O «Diario de Lisboa» vende-se actualmente na Guarda, no Café Mondego.

FRONTEIRA

Todas as estações de caminho de ferro aceitam a despacho mercadorias para a vila de Fronteira.

No Despacho Central instalado na vila de Fronteira aceitam-se a despacho mercadorias para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse utilize este serviço combinado.

PACKARD 300

De 1951, todas as garantias de novo.
Facilita troca e pagamento.
Casa Brás—Alcobaça.

Aos doentes de estomago

e aos com reumatismo, pedimos o favor de enviarem o seu nome e morada para Laboratório Gastromil.—VISEU.

EXCURSÃO

CIRCUITO TURISTICO DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS
Todos os Domingos e 4.as feiras
Concessionário Exclusivo
«A TRANSPORTADORA SETUBALENSE»
Visitando: Santana, Cabo Espichel, Castelo de Sesimbra, Sesimbra, PORTINHO E SERRA DA ARRÁBIDA, Setubal, Palmela, Azeitão, etc.
Preço Esc. 60$00
INSCRIÇÕES
EM CACILHAS: Bilheteiras da Empresa—Tel. Almada, 188
EM LISBOA
Rua do Crucifixo, 36 — Telef. 33100
C. I. T. R. — Av. Liberdade, 72-A — Tel. 25505

Leiam «O SEMPRE FIXE»

O momento político

(Continuação da 2.ª página)

Fala o major Paiva Brandão

postas de leis, como na efectivação de avisos prévios, críticas á actuação de serviços publicos e até mesmo á de determinados sectores da actividade governativa, formuladas com uma vivacidade e um espírito de independência que constituem cabal desmentido a certas afirmações em contrário. Quem tiver duvidas a este respeito, folheie ao acaso o «Diário das Sessões». Os Pareceres da Camara Corporativa, emitidos no exercício da competência que a Constituição lhe confere — infelizmente pouco conhecidos no publico—oferecem o mais alto interesse para quem pretenda documentar-se acerca das questões aí versadas. Através deles, pode-se dizer que têm sido estudados, e continuarão a sê-lo, por técnicos de reconhecida competência, e dentro da maior objectividade, todos os grandes problemas nacionais. Na Imprensa diária e na periódica, apontam-se com frequência abusos e anomalias, e fazem-se apreciações que por vezes não deixam de provocar a enérgica reacção dos sectores visados. A este respeito, devo dizer-lhe que veria com agrado um alargamento do exercício da crítica através da Imprensa, dentro de um sistema de plena responsabilidade e de firme repressão de abusos.

—Para terminar: qual julga então o melhor caminho a seguir pelo eleitorado?

—O Povo português, como o sentido das realidades que o caracteriza, e aproveitando as lições de experiências passadas, já terá pressentido, sem duvida, a quem deve entregar, mais uma vez, a sua confiança. Aguardemos, pois, o dia 8 de Novembro, na convicção de que não será interrompida a obra da Restauração Nacional, em que terão papel a desempenhar todos os Portugueses de boa vontade.

Fala o dr. Adão e Silva

(Continuação da 2.ª página)

E a finalizar, o sr. dr. Adão e Silva diz-nos ainda:

—Eis o que se me oferece dizer-lhe, mas, já agora, não acabarei sem daqui fazer um apelo aos homens mais responsáveis do Estado Novo para que, agora, ainda a tempo, procedam a um sério exame de consciência e, como nacionalistas e cristãos que se intitulam, procurem substituir o engenho e a arte de turbar as verdades políticas, e o desprezo que têm pela opinião e pelos direitos essenciais dos seus concidadãos por uma acção leal e justa, para que se torne numa realidade o desejo manifestado pela Oposição de se realizar no País aquela convivência civica indispensável á harmonia e boa compreensão entre os Portugueses, que todos não somos de mais para, na hora grave que se atravessa, continuar Portugal.

A exposição em Paris

dos quadros de S. Paulo

(Continuação da pág. central)

que é um poema sereno de amor á natureza, homenagem ingénua á saude do corpo, á beleza da carne.

Três Degas, dois Manet, nove Toulouse-Lautrec, um espantoso retrato de mulher, de Picasso—fim da epoca azul—com um pesado capacete de cabelos escuros, o olhar pensativo, os lábios grossos vagamente desdenhosos, profundamente mulher e com alguma coisa de clássico, de antigo, de secreto e perdido, acentuado pela economia severa de côr.

Tantos quadros belos! Seria longo enumerá-los. Nem todos serão talvez obras-primas. Lembro-me de uns Goyas abaixo de Goya, de um Velasquez problemático. Mas a impressão que o Museu de S. Paulo nos deixa é de deslumbramento. Desde o S. Jerónimo de Mantegna, místico, rodeado de ásperos rochedos, agudos, burilados como joias irreais, ao retrato duma ruiva de olhos cravados de oiro, elegante estilização de Modigliani, que tesouros esta exposição encerra! Rembrandt, Holbein, Lawrence, Poussin, Pellegrini, aristocráticos Van Dyck, deliciosos Fragonard, Delacroix, Corot... De uma lancinante Virgem de Memling ás infantas de Nattier, entretenimento frívolo de *virtuose* o que predomina na exposição é nitidamente a figura humana, facto curioso que parece confirmar uma já assinalada predilecção pelo retrato nos meios artisticos dos países novos.

URBANO TAVARES RODRIGUES

DISTINÇAO NECESSARIA

Tem que fazer a sua apresentação? E quer fazê-la distintamente? Mande executar imediatamente a sua placa de cobre para bilhetes estampados em relevo. E' de rigor e revela a sua posição social. Verá que não o confundem. ANIBAL GRAVADOR — Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA. Casa especializada.

Pensão São Jorge

a mais confortável

R. CASTILHO, 59, 1.º

Tel. 49906 — LISBOA

DESPORTOS

HOQUEI EM PATINS

Começam hoje os torneios de qualificação para o Campeonato Nacional

Começa hoje a primeira fase do Campeonato Nacional de hoquei em patins, realizando-se jogos em Sintra, Tomar, S. João da Madeira e Viana do Castelo.

As «poules» de apuramento serão disputadas, no Sul, por Campo de Ourique, Sintra, Sporting de Tomar e 2.º classificado do Oeste; e, no Norte, por Sanjoanense, Estrela e Vigorosa, Vianense e Académico de Braga.

Teremos, portanto, os 3.ºs e 4.ºs classificados dos Regionais do Norte e do Sul, em competição com os representantes do Minho e do Centro-Oeste.

De cada um destes torneios de quatro, em duas voltas, sairão dois representantes das respectivas zonas para o Nacional, que deverá iniciar-se em 15 do corrente.

Deu-se mais um passo, este ano, senão no numero de concorrentes, pelo menos na expansão geográfica da prova.

Todavia, mantemos esta opinião: a «poule» de classificação não é mais do que uma negaça para as associações mais novas (Porto e Lisboa áparte). Quem duvida, por exemplo, que o Campo de Ourique e o Sintra estejam desde já qualificados? Um acidente, um acaso, um imponderável, enfim, poderão fazê-los perder a posição de vantagem que, normalmente, conseguirão. De contrário, os dois representantes do Centro-Oeste ficam, pela certa, a meio caminho.

Em relação ao Norte, embora sem dados precisos de momento, já admitimos mais equilibrio na competição com o Minho. A confirmar-se esta hipótese nada nos admiraria, portanto, ver o Vianense, ou o Braga, no Nacional deste ano. Isso só ajudará a provar que tem alguma razão a distribuição proporcional, como aqui defendemos na devida oportunidade, ou seja, Lisboa, Porto, Minho, Centro e Oeste, com numero fixo de representantes, por ordem decrescente.

Os encontros desta primeira fase realizam-se nos rinques dos clubes concorrentes, pertencendo a organização ás respectivas associações.

Para hoje, teremos: Sanjoanense-Estrela e Vigorosa, Vianense-Braga, Sintra-Campo de Ourique e Sporting de Tomar-2.º classificado do Centro-Oeste.

Entretanto, o ultimo encontro do Regional do Sul, entre o Paço de Arcos e o Campo de Ourique, embora sem influencia na ordenação da tabela, continua dependente dum inquérito pedido pelo Paço de Arcos e relacionado com factos que motivaram o castigo de Correia dos Santos.

Oeiras e Espinho á frente do Nacional de Juniores

Ao fim da primeira volta do Nacional de Juniores, Oeiras e Académico de Espinho comandam a classificação, em igualdade de pontos. E' de crer, portanto, que destes dois conjuntos venha a sair o campeão e, naturalmente, com certa vantagem para os oeirenses, que recebem agora em casa os dois representantes do Norte.

Na primeira jornada Norte-Sul, os representantes da capital, talvez estranhando a deslocação e o ambiente, deixaram-se bater pelos seus adversários e, assim, julgamos que seria dificil fazer melhor nos encontros seguintes.

Afinal, dando mostras dum valor mais de harmonia com a realidade, o Oeiras e o Sintra lograram dois triunfos explicitos sobre os vencedores da véspera.

Os oeirenses bateram o Espinho por 7-2 (o Sintra perdera por 1-3) e os sintrenses ganharam ao Sanjoanense por 2-0 (o Oeiras tinha perdido por 3-4).

No fim da primeira volta a classificação ficou assim ordenada:

Oeiras, 2 vitórias e 1 derrota (13-8), 4 pontos; Espinho, 2, 1 (12-9), 4; Sintra, 1, 2, (5-6), 2; Sanjoanense, 1, 2, (5-12), 2 pontos.

O Campeonato prossegue amanhã, com os encontros Sintra-Oeiras e Sanjoanense-Espinho; no sábado e domingo próximos, realizam-se as ultimas jornadas, recebendo o Oeiras e o Sintra os representantes do Norte.

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

AUTOMOVEL EMPRESTADO—O sr. José de Oliveira apresentou queixa na Polícia Judiciária contra um amigo, cujo nome indicou, e a quem emprestou o seu automóvel PH 11-18 para ir ás Caldas da Rainha. Até agora não voltou a ter notícias do automóvel, nem do amigo. Atribui o valor de 50 contos ao carro.

FESA UNIVERSITARIA

Na tarde do dia 7, a Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciencias de Lisboa, promove, na Cooperativa Militar, um baile de recepção aos novos alunos daquela Faculdade, abrilhantado pelas orquestras Copacabana e Luso-Americana. Todas as informações e marcações podem ser solicitadas na sede da associação. Rua da Escola Politécnica, e pelo telefone 61521.

CONFERENCIA

Amanhã, ás 18 e 30, o sr. J. W. Binns faz no Instituto Britanico, na Rua de Luis Fernandes, 3, uma conferencia sobre a Universidade de Cambridge. Documentá-la-á um filme sobre aquele estabelecimento de ensino.

FUTEBOL

Jornada *de poucos golos*

no campeonato de juniores

A molesta chuva sacou aos ultimos jogos realizados para a quarta jornada do campeonato de juniores, organizado pela A. F. L., toda a beleza espectacular que, porventura, pudesse existir com bom tempo; pois o estado lamacento dos vários rectangulos tornou-os impróprios para a prática da modalidade, chegando a não se disputar o encontro Arroios—F. Benfica por esse motivo. Quando será que os campos de futebol dexiarão de ser pelados como qualquer senhor pêssego careca? Sonhar é fácil...

Não admira, portanto, que a marcação total de golos não fôsse além de 13, pois, em tais condições a bola torna-se excesivamente pesada.

Sumarie-se, entretanto, o que se passa nas duas series:

Na serie A, Atlético, Águia e Sporting a caminho da 2.ª fase

Os resultados dos encontros efectuados ontem:

Sporting—S. L. Olivais	1—0
Atlético—Op. V. Franca	3—0
Águia—Sacavenense	1—0
Mirantense—Alhandra	1—1

Verifica-se, antes de mais, magreza no numero de golos obtidos. Sete, na realidade, é bem pouco em relação a 14X19X11 registados nas jornadas anteriores.

O Atlético, porém, ainda conseguiu, com os 3—0 infligido ao Operário Vila-franquense, manter a fama que vai gozando de possuir a linha d'anteira mais realizadora. Com efeito, de todas as equipas é a que mais golos marcou—17, não sendo, no entanto, a sua defesa a menos batida, porquanto essa particularidade continua a pertencer ao Sporting só desfeiteado uma vez pelo Oriental.

Todavia, os «leões», perante o S. L. Olivais, que juntamente com o Alhandra formam o dueto mais vezes desfeiteado (12), não foram além de 1—0, dando a impressão de não contar com «arietes» muito poderosos no respeitante a remate, tanto mais que o tento foi produto de mera infelicidade do defesa olivalense, Ernesto, que introduziu o esférico nas próprias redes. Comparativamente com os quintetos avançados dos alcantarenses e dos «águias» de Vila Franca, que já «fuzilaram» 12 vezes as redes adversas, os 9 golos dos sportinguistas são escassos...

Mas o Águia no prélio com o Sacavenense quedou-se, igualmente, por reduzido 1—0, resultado, aliás, idêntico ao da época finda, muito embora então o despique se houvesse desenvolvido em Vila-franquense sem golos marcados.

Seguem, portanto, igualados no topo da classificação — Atlético, Águia e Sporting, absolutamente invictos e á distancia de seis pontos do S. L. Olivais, o que deixa aperceber fácilmente virem os três a serem os qualificados para a fase seguinte, isto apesar de só se ter chegado a um quarto do final do certame. E' pena, porque o quadro B daquele clube. E, anote-se, que a vitória sorriu ao Águia; contudo, pelo desenrolar do jogo, o empate seria a conclusão ideal.

A luta Mirantense—Alhandra, terminando nula, proporcionou o primeiro empate do torneio e os primeiros pontos obtidos por ambos os grupos, sem ser os averbados por derrotas. O Mirantense com o solitário tento estreou-se neste pormenor, restando, agora, o Operário que, época a época, se chega sempre á conclusão—são sempre os mesmos!

Na serie B, ainda é cedo para semelhantes previsões

As partidas disputadas ontem terminaram assim:

Benfica — D. Castelo	4—0
B. Inglaterra — Belenenses	0—2
Estoril — Carcavelos	0—0

Absolutamente invictos prosseguem o Benfica e o Belenenses. Os «encarnados» porém, para tal efeito, beneficiam da circunstancia de o empate com o Estoril ter sido transformado em triunfo, por o grupo da Costa de Sol haver alinhado nêsse desafio um jogador mal inscrito. No entanto, o Estoril, no terreno, ainda não se deixou vencer.

Ao Benfica coube, agora o resultado mais folgado (4—0) contra o D. Castelo, que nada pôde fazer, embora haja lutado com animo. Nesta serie, o ataque benfiquista é, juntamente com o Belenenses—este, porém tem menos um jogo—, o mais concretizador—10 golos. A sua defesa não é, todavia, a menos vulnerável. Essa satisfação está repartida pelos campeões regionais, pelo Estoril e pelo Casa Pia, os quais só sofreram um golo, enquanto os benfiquistas já contam três.

O Belenenses, graças á constituição atlética dos seus elementos, não tendo jogado bem, arrecadou frente ao B. Inglaterra boa vitória.

O Estoril empatando com o Carcavelos não fez mais que repetir os resultados do torneio passado, pois na primeira vota, da primeira fase, ambos fizeram 0—0; e na segunda vota, 1—1.

Arroios—F. Benfica não se efectuou, o que deve ter contribuido para o baixo numero de golos conquistado—seis. De resto, esta serie é menos afortunada nesse aspecto (12—12 e 9—6).

O Benfica marcha na vanguarda mas a três pontos do Belenenses, quatro do Estoril e do B. Inglaterra. Portanto, teóricamente, a diferença de pontuação não consente vaticinios tão tranquilizadores como na série A.

J. GRAIS

Arbitros para os jogos do próximo domingo

Primeira divisão—V. Guimarães-S. Covilhã, Abel Macedo Pires (Lisboa); Barreirense-Oriental, Mário Garcia (Aveiro); Benfica-Atlético, Mateus Pinto Soares (Porto); Académica-Boavista, António Calheiros (Lisboa); F. C. Porto-Belenenses, Braga Barros (Leiria); Sporting-V. Setubal, António Costa Martins (Porto); Lusitano-S. Braga, Mário Ribeiro Sanches (Lisboa).

Segunda divisão—Zona A — Leixões-Salgueiros, Amadeu Martins (Braga); Espinho-Sanjoanense, Vieira da Costa (Porto); Vila Real-Academico de Viseu, Clemente Henriques (Porto); Famalicão-Chaves, António Passos (Porto); Tirsense-Gil Vicente, José Dias Mendes (Coimbra); Lamego-Beira Mar, Correia da Costa (Porto); Oliveirense-Vianense, Abel da Costa (Porto).

Zona B—Naval 1.º Maio-Caldas, Paulo Oliveira (Santarém); S. L. Olivais-Torres Novas, Libertino Domingues (Setubal); Arroios-Portalegrense, José Trindade (Setubal); Peniche-Casa Pia, Raul Nunes (Santarém); O Elvas-Torriense, Hirminio Soares (Lisboa); Marialvas-Estoril, José da Silva Correia (Braga); Os Leões-União de Coimbra, António Rodrigues dos Santos (Lisboa).

Zona C — Lusitano-Cuf, Inocêncio Calabote (Evora); Luso-Almada, Pinto Coelho (Faro); Beja-Olhanense, Anacleto Gomes (Lisboa); União Montemor-Pontimonense, Jaime Pires (Lisboa); Farense-Juventude, Luis Magalhães (Lisboa); D. Montijo-S. Domingos, José Santos Marques (Lisboa).

DE LUTO

Padre Moreira das Neves

COVILHÃ, 2 — Faleceu, nesta cidade, o sr. padre Moreira das Neves, cujo funeral constituiu verdadeira manifestação de pesar. O féretro saiu da igreja do Sagrado Coração de Jesus, nele se incorporando milhares de pessoas de todas as categorias sociais, representantes de colectividades, crianças da Cruzada Eucaristica, «créche» e albergue. Vinte e dois padres fizeram a encomendação.

SUFRÁGIOS

Escultor Rogerio de Andrade

Mandada dizer pela familia, reza-se amanhã, pelas 11 horas, na igreja de Arroios, missa do 30.º dia, por alma do escultor Rogério de Andrade, que foi director da Escola de Artes Decorativas António Arroio.

Também os professores, alunos e antigos alunos daquele estabelecimento de ensino, mandam rezar, com a mesma intenção, outra missa, depois de amanhã, pelas 10 horas, na igreja da Encarnação.

J. A. Moreira de Almeida

Celebrando o 28.º aniversário da morte do grande jornalista que foi José Augusto Moreira de Almeida, director de «O Dia», mandou sua familia celebrar missa de sufrágio, na igreja do Sacramento. Ao acto assistiram pessoas de familia e amigos e admiradores de Moreira de Almeida.

D. Matilde Nunes da Silveira Franco

Reza-se amanhã, ás 9 e 30, na igreja do Santo Condestavel, missa do 30.º dia, por alma da sr.ª D. Matilde Nunes da Silveira Franco, mandada dizer por uma sua amiga.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas, hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 20°,4; minima, 13°,6.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 19°,5; minima, 10°,7.*

EXCURSÕES

FEIRA DE S. MARTINHO

GOLEGÃ

11 de Novembro de 1953

Ida por: **VILA FRANCA DE XIRA, (Lezirias do Ribatejo), SAMORA, SALVATERRA DE MAGOS, ALMEIRIM, CHAMUSCA.** Regresso por **TORRES NOVAS** e **SANTAREM.—Preço 50$00**

Organizações IZIDORO DUARTE

Rua da Palma, 256 (Cabines 2-3)

Garage Navarro — Telef. 21034

PORTO-BELENENSES

Sábado, 7 — Partida ás 14 horas

Domingo, 8—Regresso ás 17,30 h.

Preço 110$00

NOS MAIS LUXUOSOS AUTO-PULLMANS

EM PAN-MUN-JON

Dean censura os Sino-coreanos

pela sua atitude intransigente

PAN-MUN-JON, 3 — A sessão desta manhã das conversações preliminares foi quase inteiramente preenchida por uma declaração do delegado das Nações Unidas, constando de cinco páginas dactilografadas; a leitura durou uma hora. Dean reiterou o pedido aliado de solução imediata das questões relativas ao local e á data da conferencia politica, e sugeriu o dia 1 de Dezembro ou «quatro semanas depois da conclusão das conversações preliminares» para se iniciar a confereneia.

Dirigindo-se pessoalmente aos dois delegados comunistas, Dean afirmou: «Ponhamo-nos de acordo imediatamente para discutirmos o essencial de todos os pontos das duas agendas. Pensei que a composição da conferencia tivesse ficado assente quando das negociações de armisticio. Mas estou absolutamente disposto a trocar novamente ideias sobre o assunto».

Depois, disse que a composição da conferencia politica estava resolvida pelo Art.º 60.º do acordo do armisticio. «Com grande surpresa nossa, o vosso campo tentou alterar a significação desse artigo», afirmou, acrescentando que as Nações Unidas demonstraram bem quanto são razoáveis ao proporem ouvir o ponto de vista sino-coreano no assunto da composição, já resolvido por um acordo que as duas partes assinaram. Depois de censurar os Sino-coreanos pela sua atitude intransigente, Dean reafirmou que a agenda proposta pelas Nacões Unidas é «flexivel, imparcial e leal». De acordo com essa agenda, «todos os pontos que cada uma das partes propôs serão discutidos analiticamente e completamente antes de qualquer deles ser aceite irrevogávelmente. Assim, acrescentou Dean, podemos fazer progressos consideráveis, sem mal-entendidos». E o delegado aliado disse que não tentava impor a sua própria agenda, mas que, pelo contrário, eram os comunistas que queriam fazer aceitar a deles sem condições.

Acusou, a seguir, enérgicamente, os Sino-coreanos de pretenderem que as duas partes não poderiam chegar a acordo, na conferencia politica, se os neutros não participassem nas conversacões. Isso, afirmou, não é dar mostras de boa fé. Quanto a nós, estamos convencidos de que, havendo boa fé de ambos os lados, é possivel uma solucão pacifica e construtiva dos problemas coreanos.

As conversações foram suspensas por uma hora, a partir do meio-dia, a pedido dos comunistas, que desejavam estudar a declaracão de Dean. A sessão recomecou ás 13 horas locais, mas só por 10 minutos, sendo adiada para amanhã.—(F. P.).

Prosseguem as «explicações» aos prisioneiros sino-coreanos

PAN-MUN-JON, 3 — Cinco dos duzentos e dois prisioneiros norte-coreanos que ouviram esta manhã, as «explicações» dos comunistas declararam aceitaram a repatriação, seundo anunciou um informador indiano. As «explicações» continuarão pela tarde e quinhentos prisioneiros ao todo devem ser entrevistados hoje.

As operações de hoje deram motivo a alguns incidentes sem gravidade de maior. Os prisioneiros norte-coreanos pareciam considerar a sessão como oportunidade para ridicularizarem e insultarem os comunistas. Muitos deles apresentaram-se com máscaras de papel na cara, representando monstros orientais tradicionais, e alguns caricaturas de personalidades comunistas. Houve prisioneiros que tentaram agredir os entrevistadores comunistas a soco e a pontapé, mas os guardas indianos dominaram-nos. Cada prisioneiro era escoltado por dois guardas, que lhe agarravam nos braços. Certos refractários não se limitaram a responder ás perguntas dos entrevistadores; tentaram usar, por sua vez, de «persuasão», a fim de os incitar a «passarem-se para o Sul». Outros interrogavam os próprios interrogadores: «Porque mataram 30.000 civis?... Porque desencadearam a guerra?».

Os entrevistadores comunistas insistiam principalmente no amor dos prisioneiros pela familia.

Falta ainda entrevistar mais de 20.000 prisioneiros e as operações devem estar concluidas em 24 de Dezembro. As Nações Unidas ainda não começaram a «lavar os miolos» dos 351 Sul-coreanos e aliados que recusam a repatriação.—(F. P.).

*

PAN-MUN-JON, 3 — Um informador da Comissão Neutra de Repatriação anunciou que foram hoje entrevistados 483 prisioneiros norte-coreanos e 19 escolheram ser repatriados pelos comunistas.—(F. P.).

SE HOUVESSE ELEIÇÕES

de lotarias, a maioria da Nação votaria pela lotaria popular. A Casa da Sorte, paladina do eleitorado e por ele contínumente procurada, é a primeira a verificar que se prefere indiscutívelmente a lotaria popular, como meio eficaz para a resolução eficaz de muitas dificuldades individuais ou colectivas. E' esta a unica lotaria que, apenas com um dispêndio de 100$00, proporciona um prémio de 1.000 contos. Para a popular da próxima sexta-feira, os bilhetes estão á venda na Casa da Sorte.

Tende a agravar-se

a situação provocada pelas inundações

na peninsula italiana

ROMA, 3—Tanto no Norte como no Sul da Itália, as inundações tendem de novo a agravar-se. Na Calábria, há sessenta horas que chove ininterruptamente. Anunciam-se estragos sérios na província de Reggio, nomeadamente nas regiões da costa do mar Jónio e de Catanzaro, onde abateram muitas casas. As vilas de Patarriti e Siderne foram evacuadas.

Na costa do Adriático, em Nardo, província de Lecce, na Apulia, todos os habitantes tiveram de abandonar as suas casas que ameaçam desabar a todo o momento por causa das violentas trovoadas que há dois dias pairam na região.

No Norte da península a situação é particularmente grave na região de Medena, onde a cheia dos rios interrompeu as comunicações rodoviárias, e na Lombardia, sobretudo em Treviglio, inundada pela segunda vez nos ultimos seis dias.

De Turim, informam que as aldeias de Bertedasco e de Rosone, no alto vale de Orso, foram evacuadas durante a noite por estarem sob uma dupla ameaça: o desprendimento de um rochedo enorme e o deslize do terreno em que estão construídas.—(F. P.).

Os temporais em França

TOURS, 3—Toda a região de Saint Pierre des Corps, nos arredores de Tours, foi atravessada, durante a noite, por um curto mas violento ciclone que, em poucos minutos, fez ir pelos ares o tecto de numerosas casas, derrubou postes telegráficos, partiu cabos eléctricos e deixou uma grande parte de Saint Pierre des Corps em completa escuridão.—(F. P.).

Explosão a bordo

d um navio norueguês e morte de 7 estivadores

BOSTON, 3—Justamente no momento em que um grupo de estivadores terminava a descarga do navio norueguês «Black Falcon»—que ontem mesmo devia partir para a Europa—declarou-se um incêndio a bordo, quando o barco se encontrava atracado ao cais da Base Militar de South Boston. Foram içados 5 cadáveres do porão n.º 4, onde começou o incêndio. Um estivador, com o vestuário em chamas, deitou-se á água. Trazido para terra, morreu pouco depois de chegar ao hospital. Os bombeiros conseguiram apagar o incêndio, inundando por completo o porão. Crê-se que o sinistro foi provocado por uma barrica com produtos químicos que caiu e se incendiou.

Cinco dos vinte e um estivadores que trabalhavam no porão, devem a vida a um dos seus camaradas, David MacConnel, que, apesar das chamas, entrou e saiu do porão cinco vezes, salvando cinco homens. Por fim, com o fato a arder, atirou-se á água. Trazido para o cais e transportado ao hospital, morreu pouco depois de ter dado ali entrada.—(F. P.).

A conferência de Lugano

proposta à Rússia pelos Ocidentais não se deve realizar

LONDRES, 3.—A seis dias do 9 de Novembro, data proposta pelas três potências ocidentais nas suas notas de 18 de Outubro á U. R. S. S. para uma conferência dos quatro ministros dos Negócios Estrangeiros em Lugano, prevalece nos círculos diplomáticos londrinos a opinião de que o encontro projectado não se efectuará como era de prever. E' possivel, crêem, que o Governo soviético anuncie que se recusa a participar nessa conferência ou deixe passar a data de 9 do corrente sem dar resposta ás notas ocidentais. Mas consideram mais provável que o Kremlin envie uma resposta que, como a de 28 de Setembro, não seja uma aceitação nem uma recusa formal.

No entanto, de acordo com rumores sem confirmação que correram em Londres nas ultimas 24 horas, o Governo soviético poderia aceitar participar numa conferência de quatro, mas proporia uma data ulterior, além doutro local, para a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros.

De qualquer modo, pensa-se que a atitude de Moscovo será determinada pelos factores seguintes: 1.º—O empenho em não dar a impressão á opinião publica ocidental—e sobretudo alemã—de que o Kremlin se opõe á unificação da Alemanha por meios pacíficos. 2.º—A vontade do Governo soviético de impedir a ratificação do tratado sobre a C. E. D., acenando aos círculos que se opõem ao rearmamento dos Alemães com a possibilidade de uma fórmula sobressalente que possa impedir o renáscimento do militarismo alemão. 3.º—O empenho em ligar os problemas eminentemente europeus—como o da Alemanha e o da Áustria—aos assuntos do Extremo-Oriente, o que implicaria a participação da China comunista numa conferência das grandes potências e acarretaria logicamente a admissão deste país na O. N. U.. 4.º—Por fim, evitando definir uma atitude franca, o Kremlin procuraria agravar as divergências de opinião entre os aliados ocidentais quanto ás modalidades da reunião dos Quatro.—(France Presse).

Declarações do ministro de Estado Selwyn Lloyd

NAÇÕES UNIDAS, 3.—Durante uma entrevista que foi radiodifundida pela rádio canadiana, o ministro de Estado britanico, Selwyn Lloyd, declarou que «será necessário examinar a questão da entrada da China popular para a O. N. U. logo que se tenham verificado progressos importantes na Conferência Política da Coreia».

O ministro britanico confirmou o desejo manifestado pelo Governo da Grã-Bretanha de «ver reunidos os chefes de Estado das grandes potências» ou que «venha a realizar-se uma reunião em nivel diplomático menos elevado». Repetiu, porém, o aviso feito por sir Winston Churchill de que não era de «esperar que uma tal conferência pudesse solucionar, em conjunto, todos os problemas internacionais». (France Presse).

Um comentário de Rádio Moscovo

LONDRES, 3—Um comentador da rádio de Moscovo disse, na noite passada, numa emissão em inglês, que, embora certos politicos tivessem má memória, o povo comum não se tinha esquecido da luta travada em conjunto pelo povo da União Soviética, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos contra os hitlerianos e o militarismo alemão.

O comentador, Viktorov, disse que a tensão internacional tinha diminuido até certo ponto, em consequência dos esforços dos que defendem a paz. Referindo-se á questão alemã, declarou que nem o povo britanico, nem o americano e o soviético estavam interessados no renascimento do militarismo alemão e da agressão alemã. Afirmou que, para se evitar a guerra, era necessário impedir o renascimento do «militarismo alemão, á procura de desforra».—(Reuter).

A participação do Paquistão

no sistema de defesa do Médio Oriente

WASHINGTON, 3 — As informações provenientes de Karachi, segundo as quais os Estados Unidos concluirão em breve um pacto militar bilateral com o Paquistão, para o que se iniciarão dentro em pouco conversações em Washington, parecem ser, pelo menos por agora, prematuras. Segundo informações obtidas de boa fonte, as próximas conversações que possam realizar-se em Washington dirão respeito á concessão, pelos Estados Unidos, dum empréstimo ao Paquistão no valor de 25 biliões de dólares para auxilio militar, verba que seria retirada dos créditos globais concedidos pelo Congresso para o conjunto do Médio Oriente. Quanto a um acordo militar propriamente dito entre Washington e Karachi, afirma-se nos círculos bem informados que devido á impossibilidade na qual se encontram as potencias ocidentais de criar um sistema de defesa do Mediterraneo oriental, no qual o Egipto seria chamado a desempenhar um papel importante, certos peritos militares americanos pensam na formação duma frente «Ankara-Teerão-Karachi». Este projecto, porém, encontrar-se-ia ainda em estudo. — (F. P.).

A transformação do Paquistão em Republica

KARACHI, 3—A Assembleia Nacional do Paquistão, ao aprovar ontem uma moção para que o país, de futuro, tome a designação de Republica Islamica do Paquistão, adoptou uma medida que parece não ter encontrado nenhuma oposição.

Com efeito, a transformação do Paquistão em Republica fora já prevista pelo primeiro-ministro durante a sua visita a Londres em Junho deste ano, supondo-se até, nesse momento, que a proclamação seria feita antes de 14 de Agosto, dia da independencia do país.

A unica questão que está por esclarecer é se a nova Republica ficará dentro da Commonwealth, como a India—que proclamou a Republica em 1949—ou se seguirá o exemplo da Birmania, que rompeu todos os seus laços com a Grã-Bretanha. O exemplo da Birmania tem numerosos adeptos, sobretudo entre os elementos das esquerdas—que não têm representação no Parlamento—e a grande maioria dos muçulmanos que, apresentando como argumento o carácter islamico do país, não aceita ficar sob o ceptro duma rainha cristã.

No entanto, a opinião que prevalece nos círculos governamentais é que o Paquistão pouco ou nada poderá ganhar, se abandonar a Commonwealth, da qual a jovem Republica poderá sempre obter vantagens, tanto económicas como politicas.—(F. P.).

Morte bárbara

dum parricida numa aldeia mexicana

CIDADE DO MÉXICO, 3 — Os habitantes duma pequena aldeia do Estado de Michoacan queimaram vivo um parricida «para acalmarem a cólera divina que se tinha manifestado por um tremor de terra». O facto passou-se na aldeia de Isandara, duma região muito afastada e foi contado por vários turistas que regressavam daquela região. Contam estes que um jovem da aldeia, cansado das constantes admoestações do pai, o matou e se refugiou nas florestas vizinhas. Coincidindo com a sua fuga, sentiu-se em toda a região um violento tremor de terra. Os habitantes da aldeia, tomando este por um «aviso do Ceu», decidiram que o criminoso devia ser imediatamente punido. Depois duba batida nas florestas, que durou um dia e uma noite, encontraram o jovem. Ao cabo de longas deliberações, a fim de se decidir qual o género de omrte que devia ser aplicado aoi parricida, ficou assente que «só o fogo podia punir um tal crime». Atado a uma árvore da praça publica e regado com petróleo, os carrascos especialmente designados lançaram-lhe fogo apesar dos gritos de desespero do desgraçado. Quando os policias chegaram algumas horas mais tarde, já tinha sido feita justiça.—(F. P.).